



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PROGRAMA DE
ESTUDOS PÓS – GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

MICHELLE DIAS DA SILVA

SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS DE MULHERES NEGRAS:
Encruzilhadas de (Re) existência e produção de vida em territórios negros da Zona
Leste de São Paulo

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

**São Paulo
2026**



PUC-SP

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO PROGRAMA DE
ESTUDOS PÓS – GRADUAÇÃO EM SERVIÇO SOCIAL**

MICHELLE DIAS DA SILVA

**SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS DE MULHERES NEGRAS:
Encruzilhadas de (Re) existência e produção de vida em territórios negros da
Zona Leste de São Paulo**

Dissertação de Mestrado em Serviço Social
apresentado ao Programa de Pós-Graduação
em Serviço Social da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC – SP) sob a
orientação da Profa. Dra. Márcia Campos
Eurico.

SÃO PAULO

2026

MICHELLE DIAS DA SILVA

SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS DE MULHERES NEGRAS:

Encruzilhadas de (Re) existência e produção de vida em territórios negros da Zona
Leste de São Paulo

Dissertação de Mestrado em Serviço Social
apresentado ao Programa de Pós-Graduação
em Serviço Social da Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo (PUC – SP) sob a
orientação da Profa. Dra. Márcia Campos
Eurico.

Aprovado em: ___/___/_____

Banca Examinadora

Prof^o. Dr. Rodrigo Aparecido Diniz

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
– PUC/SP

Prof^a Dra. Claudia Rosalina Adão

Universidade São Judas

Escrevo para as mulheres que ainda não tem voz
ou cujas as vozes foram silenciadas. Minha voz não
é a única e eu não detenho todas as vozes, mas
elas são parte da minha e eu sou parte da delas.
(Audre Lorde)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, processo **88887.934940/2024-00**

da Silva, Michelle Dias
SEMEANDO SABERES ANCESTRAIS DE MULHERES NEGRAS:
Encruzilhadas de (Re) existência e produção de vida em
territórios negros da Zona Leste de São Paulo. / Michelle
Dias da Silva. -- São Paulo: [s.n.], 2026.
148p. il. ; cm.

Orientador: Márcia Campos Eurico.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço
Social.

1. Mulheres Negras. 2. Territórios Negros. 3. Tecnologias
Ancestrais. 4. Horta Comunitária. I. Eurico, Márcia Campos.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa
de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social. III. Título.

CDD

AGRADECIMENTOS

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Nessa terra, nesse chão de meu Deus
Sou uma, mas não sou só

Povoada
Quem falou que eu ando só?
Tenho em mim mais de muitos
Sou uma, mas não sou só

(Povoada – Sued Nunes)

Antes de apresentar os encontros que me guiaram nessa pesquisa, peço que o senhor de todos os caminhos esteja à frente em cada linha. Agradeço a Exu por essa grande encruzilhada que ele me possibilitou chegar, o **NOVO** tem se formado em cada pensamento, como as ondas de lemanjá que se encontram com as pedreiras de Xangô, encontro que movimenta, tranquiliza e mexe nas estruturas do que estava estático e silenciado na minha caminhada. Com a alegria dos Ibejis, tenho pensado e percorrido cada palavra que brota na ponta da caneta e transmite o afeto e as vivências do meu povo, sobretudo das mulheres negras que fazem parte da minha vida pessoal, profissional e acadêmica. Aos orixás, agradeço por cuidar do meu orí e por me proporcionar encontros ancestrais.

Reverencio minha mãe, Natália Dias, que tinha no quintal de casa a magia e o saber ancestral, plantas e ervas que muitas mulheres do bairro buscavam para resolver problemas ou curar suas dores. Uma mulher negra que começou a trabalhar de doméstica com nove anos de idade, depois que minha avó faleceu, a mais velha de nove irmãos, e que viu cada um partindo para um lado, distribuídos pelas casas de famílias que “acolham” as crianças como da família, mas no fundo elas eram exploradas e forçadas a trabalhar por comida. Ela partiu para orum como uma flor no bico de um sabiá, há 14 anos é a saudade mais presente nos meus dias.

Ao meu pai Claudio da Silva, agradeço por ser presença mesmo distante, aceitando meus afetos, me amando e zelando por mim, com orgulho e simplicidade, sempre disposto a me ouvir, mesmo quando diz não entender muito do que eu falo. A você todo amor do mundo!

Aos meus sobrinhos Arthur e Samuel e ao meu irmão Fabio Dias da Silva, fico feliz por sermos família e por compartilharmos alegrias e o crescimento desses dois meninos pretos cheios de vida. Que a vida seja generosa com vocês e que a potência de vida seja caminho sempre.

Agradeço a minha companheira Andressa Benini que nesses dois anos foi uma parceira imprescindível, estudando comigo, me auxiliando nos meus processos de adoecimento, me incentivando a escrever de forma criativa e simples, como acreditamos que nossa escrita deve ser.

Ao meu analista Roque Veloso, sou suspeita em dizer, mas ele sabe que minha entrada na pós-graduação foi fruto do seu trabalho ético, provocativo e certo. Trouxe para superfície o que estava mergulhado no mar do inconsciente. Hoje, como psicanalista, tenho certeza que no seu divã me formo todos os dias.

Agradeço aos encontros das encruzilhadas que formou o bonde SAPABI mais afetuoso e acolhedor que eu poderia pertencer, elas são presença em muitos momentos da minha vida, amigas que nunca me abandonaram: Karen Sá, Luana de Oliveira, Thaisa Barbosa, Beth “Lis da Leste”, Camila Carvalho (Clarinha nossa nenê), Juma Tanaka e o Noah (nosso menino) e Dona Tania (minha mãe do coração). Elas se revezaram trinta dias nos meus cuidados e nos cuidados das minhas gatas (Frida e Curirin) quando fiz a cirurgia no joelho.

Aqui reverencio também as mulheres que tornavam meu trabalho na Casa Viviane dos Santos possível, as mulheres que por onze anos foram minha família, amigas e irmãs de luta. Keli Rodrigues, uma coordenadora incrível e sensível que me inspirou no trabalho com o grupo, suas falas assertivas sobre o nosso trabalho e o cuidado com as mulheres foram imprescindíveis para minha trajetória na Casa. Isabelle Carvalho e Livia Oggione, duas advogadas feministas e antirracistas que me ensinaram muito sobre o sistema de justiça e suas brechas, tudo para encurtar uma rota violenta revitimizadora que as mulheres são obrigadas a enfrentar. Margarida Alves e Roseli Silvério, responsáveis pela organização da Casa e as pessoas que cuidavam de mim nos momentos mais difíceis de saudades da minha mãe. Gabriela Ramos e Maria Fernanda, duas profissionais sensíveis que chegaram na casa Viviane quando muitas mudanças aconteciam, aceitaram o desafio de acolher e atender as mulheres, com suas vidas em pedaços, quebradas pela violência, mas com muitos sonhos e desejo de se reconectar e remontar suas trajetórias. E Caroline Gondran,

uma irmã que a vida me deu, amiga para todos os momentos e minha conselheira mais fiel. Sem essas mulheres as tessituras desta pesquisa não seriam possíveis.

Aos meus primeiros parceiros de estudo e militância no Serviço Social, pessoas fundamentais na minha vida até os dias de hoje. A primeira gestão do Centro Acadêmico de Serviço Social da UNICASTELO Julio César de Andrade, Mário Pereira da Silva e Suelem Rosa, pessoas pretas e pardas, trabalhadoras, sonhadoras e os militantes mais valiosos com quem pude dividir trincheiras.

Ainda na UNICASTELO agradeço a minha orientadora da graduação, Fernanda Almeida, pela sua sensibilidade em me acolher no processo de escrita e de adoecimento da minha mãe, sua persistência em acreditar em mim e no meu compromisso com a formação e a profissão.

Na pós-graduação eu chego movida pela ancestralidade e apoiada pelas minhas irmãs que a vida me deu, Roberta Pereira, Daniela Augusto e Najila Thomaz, que leram meu anteprojeto e me acalmaram em cada etapa. Cheguei com medo, sem imaginar que encontraria um quilombo formado por mulheres negras aguerridas, sensíveis e potentes, assim mais uma vez os entrelaçamentos ancestrais forjaram as tessituras da minha caminhada e hoje tenho o privilégio lutar ombro a ombro com tantas mulheres negras potentes da Coletiva de Discentes Negras da pós-graduação da PUC – SP e essas mulheres materializam todos os dias o nosso nome **“NÃO ANDAMOS SÓ”**.

E aqui preciso dizer sobre a importância da minha orientadora Márcia Campos Eurico para que eu não desistisse da pesquisa. Foram nas orientações que encontrei afago, ela abriu as portas da casa dela para me receber, com comida, risadas, afeto e orientação. Antes de ser minha orientadora, era minha amiga, antes de ser minha amiga é uma educadora popular das melhores que já cruzei nas minhas andanças. E só agradeço a ancestralidade por este encontro e agradeço a Márcia por acreditar em mim, na minha pesquisa e no meu processo, sua sabedoria ancestral certamente acalmou meu orí para essa escrita.

Meu projeto de pesquisa passou por inúmeras transformações e o contato com o trabalho da querida Dra. Claudia Rosalina Adão que com a delicadeza e afeto traduziu em palavras na sua tese tudo o que eu também acredito sobre a potência de vida que o nosso povo produz em coletividade, sobretudo as mulheres negras. Uma alegria imensa por ter você na minha qualificação e agora na defesa dessa pesquisa. Agradeço também ao professor Dr. Rodrigo Diniz que me aceitou no núcleo de

Cidades e Territórios e com toda generosidade, de um verdadeiro educador popular, acolheu minha pesquisa e me incentivou na escrita. No percurso, manifesto também um profundo agradecimento a professora Dra. Carola Arregui, por me pegar pela mão e me mostrar como a pesquisa pode ser um rio em confluências, seu humor e generosidade mostrou que na academia também podemos sossegar o coração, às companheiras do NEPI e NEP-CIT, obrigada pelas trocas respeitadas.

Agradeço as companheiras do Cursinho Popular Ivone Lara, pelo incentivo nos meus estudos, pela partilha do pensamento que busca quebrar as muralhas do conhecimento elitizado e com certeza são inspiração na minha caminhada, Ana Cléia, Meire Amorim, Paula Rodrigues, Elaine Ferreira, Fabiana Aparecida, entre tantas outras mulheres potentes que fazem esse cursinho possível, minha gratidão.

Aqui também manifesto meu carinho e afeto pelas companheiras que por nove anos construíram o NUCRESS Leste e possibilitou aproximar a categoria profissional dos debates do nosso conjunto: Vanessa Rufino, Ana Claudia, Camilla Montel, Ana Cléia e Francilene Gomes (PRESENTE!!!).

E, por fim, e com igual importância, agradeço a todas as mulheres que atendi na Casa Viviane dos Santos, agradeço a todas as “Carolinas” que generosamente partilhavam suas histórias nas tardes ensolaradas de sexta no Grupo Social, para que coletivamente pudéssemos pensar caminhos de ruptura com a violência de gênero. Graças a Estefânia e Amires, integrantes do grupo social, cheguei até a horta comunitária da Vila Nancy e conheci a dona Elena. Agradeço imensamente por aceitaram ser protagonistas deste percurso, vocês são as verdadeiras pesquisadoras, com tantos conhecimentos, produzindo vida em terrenos que às vezes são áridos e cheios de pedregulhos.

RESUMO

Esta dissertação analisa como mulheres negras desenvolvem estratégias de produção da vida a partir de saberes ancestrais voltados ao manejo da terra, de ervas e de alimentos em territórios negros. A pesquisa foi realizada no bairro do Lajeado, na zona leste de São Paulo, tendo como lócus a Horta Comunitária da Vila Nancy. O objetivo central consiste em investigar as contribuições dessas mulheres na promoção do cuidado e da vida em territórios marcados pela segregação espacial e racial, demonstrando como sua atuação transforma o território e impacta o cuidado das pessoas que acessam esse espaço coletivo. A fundamentação teórica apoia-se no método materialista histórico-dialético, articulado à História Oral. Os procedimentos metodológicos incluíram pesquisa bibliográfica e documental, realização de entrevistas abertas e participação em encontros semanais ao longo de três meses. As conversas foram registradas em áudio e vídeo, com a finalidade de produzir um curta-metragem a ser entregue às protagonistas da pesquisa, constituindo-se também como instrumento de interlocução com a rede socioassistencial e de saúde, fomentando reflexões sobre outros contornos e possibilidades de acesso à saúde física e mental. Para ilustrar a trajetória das protagonistas na Horta Comunitária da Vila Nancy, são mobilizadas as narrativas de Dona Elena, Estefânia Felix e Amires do Carmo, que relatam como um espaço anteriormente abandonado tornou-se território de memórias, saberes e ancestralidade. Suas experiências evidenciam a reivindicação do uso do território, a defesa da agroecologia urbana e o cultivo de ervas medicinais como práticas que promovem cuidado e vida nos territórios negros que ocupam.

Palavras-chave: Mulheres Negras; Territórios Negros; Tecnologias Ancestrais; Horta Comunitária.

RESUMEN

Esta disertación analiza cómo las mujeres negras desarrollan estrategias de producción de la vida a partir de saberes ancestrales orientados al manejo de la tierra, de las hierbas y de los alimentos en territorios negros. La investigación se llevó a cabo en el barrio de Lajeado, en la zona este de São Paulo, teniendo como locus la Huerta Comunitaria de Vila Nancy. El objetivo central consiste en investigar las contribuciones de estas mujeres en la promoción del cuidado y de la vida en territorios marcados por la segregación espacial y racial, demostrando cómo su actuación transforma el territorio e impacta el cuidado de las personas que acceden a este espacio colectivo. La fundamentación teórica se apoya en el método materialista histórico-dialéctico, articulado con la Historia Oral. Los procedimientos metodológicos incluyeron investigación bibliográfica y documental, realización de entrevistas abiertas y participación en encuentros semanales a lo largo de tres meses. Las conversaciones fueron registradas en audio y video, con el fin de producir un cortometraje que será entregado a las protagonistas de la investigación, constituyéndose también como un instrumento de interlocución con la red socioasistencial y de salud, fomentando reflexiones sobre otros contornos y posibilidades de acceso a la salud física y mental. Para ilustrar la trayectoria de las protagonistas en la Huerta Comunitaria de Vila Nancy, se movilizan las narrativas de Dona Elena, Estefânia Felix y Amires do Carmo, quienes relatan cómo un espacio anteriormente abandonado se convirtió en un territorio de memorias, saberes y ancestralidad. Sus experiencias evidencian la reivindicación del uso del territorio, la defensa de la agroecología urbana y el cultivo de hierbas medicinales como prácticas que promueven el cuidado y la vida en los territorios negros que habitan.

Palabras clave: Mujeres Negras; Territorios Negros; Tecnologías Ancestrales; Huerta Comunitaria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Retrato por IA “Minha ancestral em meio as flores”

Figura 2: Encontro do Grupo Social na Horta Comunitária da Vila Nancy em 2021

Figura 3: Dona Elena se apresenta

Figura 4: Estefânia se apresenta

Figura 5: Amires se apresenta

Figura 6: Geraldo Filme, memória e resistência no bairro do Bixiga

Figura 7: Clementina de Jesus “Cangoma me Chamou”

Figura 8: Representação dos indígenas Guainás

Figura 9: Capela Santa Cruz do Lajeado inaugurada em 1821

Figura 10: Estação de Guaianases, foi inaugurada em 1875

Figura 11: Estação de Guaianases em 1970

Figura 12: Olaria do Parque Chácara das Flores, Lajeado – SP

Figura 13: Sheila Alice Gomes da Silva – pesquisadora negra membra do CPDOC Guaianás, escritora da dissertação “Negros em Guaianases: Cultura e Memória”

Figura 14: Folha de Guaianases

Figura 15: Convite para Inauguração da Ponte

Figura 16: Mobilização popular cobrando escolas do poder público

Figura 17: Passagem de nível, ou "porteira" da estação de Guaianases nos anos de 1960, em uma procissão

Figura 18: Venda de lotes nos anos 60 no Jardim do Campo, proximo ao "Campo do Guaianases" e a atual Av. Nordeste

Figura 20: Evolução demográfica do distrito do Lajeado Velho

Figura 21: Retrato criado por IA - Viviane dos Santos PRESENTE!!!

Figura 22: Dona Elena e a Ancestralidade

Figura 23: Estefânia e a Ancestralidade

Figura 24: Amires e a Ancestralidade

Figura 25: Entrada da Horta Comunitária da Vila Nancy

Figura 26: Canteiros de Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC's “Planta Peixinho”

Figura 27: Mulheres do GAU - Viveiro Escola União de Vila Nova distrito de São Miguel Paulista.

Figura 28: Horta Comunitária Da Mata

Figura 29: Dona Sebastiana – Horta Comunitária em São Mateus

Figura 30: Canteiro de Alface e Tomate Cereja

Figura 31: Buquê de ervas medicinais e Girassóis

Figura 32: Divulgação da atividade online da Frente Popular pela Vida

Figura 33: Ato da Frente Popular pela Vida – Projeção das nossas reivindicações na faixa do estádio do Corinthians em Itaquera 20 de junho de 2020

Figura 34: Ato da Frente Popular pela Vida – Projeção das nossas reivindicações na faixa do estádio do Corinthians em Itaquera 20 de junho de 2020

Figura 35: As mulheres na Horta

Figura 36: Canteiro de flores

Figura 37: Apresentação “Chá Lilás”

Figura 38: Apresentação sobre as vivências das mulheres na Horta Comunitária da Vila Nancy no “Chá Lilás”

Figura 38: Apresentação do Curta – Metragem para as mulheres da horta

Figura 39: Placa com QR Code que descreve o que há plantado em cada canteiro

Figura 40: Salão da horta. Espaço que recebe os grupos que visitam a horta

Figura 41: Canteiro de flores

Figura 42: Almoço feito pelas mulheres da horta com Produtos colhidos dos canteiros

Figura 43: Canteiro de alface

Figura 44: Um coração na mão - contato com a natureza que vive na horta

Figura 45: Flor de Maracujá

Figura 46: Canteiro de PANC's - Planta peixinho

Figura 47: Canteiro de coentro

Figura 48: Mamoneiras

Figura 49: Banana Nanicao

Figura 50: Árvore cerejeira

Figura 51: Bananeira

Figura 52: Mulheres da horta

Figura 53: Dona Elena no canteiro de couve

MAPA

Mapa 1: Cidade de São Paulo com distrito do Lajeado Velho em destaque

LISTA DE SIGLAS

- AMNB:** Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras
- CDCM:** Centro de Defesa e Convivência da Mulher
- CEB:** Comunidades Eclesiais de Base
- CFESS:** Conselho Federal de Serviço Social
- COVID-19:** Coronavirus Disease 2019
- CPDOC:** Centro de Pesquisa e Documentação Histórica
- CRM:** Centro de Referência da Mulher
- IBGE:** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IHGB:** Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
- MMN:** Marcha das Mulheres Negras
- NDCM:** Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher
- NEP CIT:** Núcleo Estudos e Pesquisa sobre Cidades e Territórios
- NEPI:** Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidades
- PANC's:** Plantas Alimentícias Não Convencionais
- POT:** Programa Operação Trabalho
- SMDET:** Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho.
- SP:** São Paulo
- SUS:** Sistema Único de Saúde
- UFABC:** Universidade Federal do ABC
- UFBA:** Universidade Federal da Bahia
- UNICAMP:** Universidade Estadual de Campinas
- UNIFESP:** Universidade Federal de São Paulo
- VAI:** Programa de Valorização às Iniciativas Culturais

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	16
1.2. Foi nos Becos da Memória que essa pesquisa nasceu	16
1.3. Encruzilhadas e a arte dos encontros: metodologia	21
1.4. Somos Atlânticas: sujeitas pesquisadoras	29
2. SESSÃO 1	36
2.1. Territórios negros e as políticas de apagamento da memória do povo negro	36
2.2. Territórios negros: periferia quilombo	42
2.3. Lajeado velho: quilombo aldeia	53
2.4. Casa Viviane dos Santos: um quilombo formado na luta	68
3. SESSÃO 2.....	73
3.1. Mulheres negras, tecnologias ancestrais e a horta comunitária da Vila Nancy..	73
3.2. Mulheres negras: territórios vividos e estratégias contra coloniais na Covid-19	92
3.3. Quintal de vó: semeando saberes ancestrais de mulheres negras	102
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMEÇO, MEIO E O COMEÇO	111
5. REFERÊNCIAS	117
6. ANEXO	

1. INTRODUÇÃO

1.2. Foi nos becos da memória que essa pesquisa nasceu

“A memória é um lugar de onde ninguém nos despeja.”

(Becos da Memória – Conceição Evaristo)

Início este trabalho com um aviso: ele será descrito em primeira pessoa. Vou falar sobre minha trajetória como pesquisadora, as rotas e estudos até chegar no campo onde um grande encontro com as personagens/protagonistas dessa pesquisa vivem, trabalham e transformam o território com saberes e movimento, na simplicidade de quem ancestralmente tem os passos guiados por conhecimentos que nasceram nessa terra e atravessaram o atlântico.

Digo que a memória é a forma mais notável de guardar as histórias, lembrar, recordar e falar sobre acontecimentos que as relações de poder tentam apagar. Falar sobre as memórias é um caminho com curvas, mas importante de ser percorrido. Como psicanalista, aposto na fala como uma ferramenta que flutua pelo ontem e o hoje, quando se encontram, novas associações são feitas, o que traz para o paciente uma cura para suas aflições ou explicações para uma ação.

O psicanalista e psiquiatra Sigmund Freud escreveu em 1914: “Recordar, repetir e elaborar” (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), onde ele fala sobre as memórias que são reprimidas no inconsciente e que retornam em forma de repetição, o que provoca angústia, entre outros males que afligem a saúde mental, e repetindo nas sessões as falas que nos afetam é possível elaborar.

Foi recordando, repetindo e elaborando, na minha análise pessoal, que me encontrei com essa pesquisa. Horas incontáveis falando sobre angústias de caminhos que não faziam sentido no meu percurso, quando me recordo do canteiro de ervas que minha mãe cultivava no quintal, para mim era difícil falar. A elaboração do luto é um processo infinito, vai mudando de forma, mas está sempre presente.

No divã, me recordei do canteiro, como ela passava as manhãs de domingo cuidando de tudo para que as ervas crescessem, uma miscelânea de cheiros invadia toda a casa. Tomávamos chá de hortelã com bolinho de chuva, o dinheiro era pouco,

o leite e o pão eram para eventos como aniversários, feriados e alguns domingos. Então, minha mãe usava sua sabedoria para que nada nos faltasse, assim, provei muitas comidas que crianças que não passaram pela pobreza como eu, jamais provaram. Sou grata a ela por isso.

Minha mãe recebia muitas visitas das vizinhas; precisavam de remédios para dor de barriga, gripe, dor de cabeça ou dores da alma. A magia nunca deixou de fazer parte dos nossos dias em casa, ela cuidava das plantas, curava com as plantas e tinha muita fé na sabedoria que foi passada para ela pelas suas mais velhas, uma plantadeira de semente boa. Considero que essa pesquisa é mais um fruto que nasce deste solo fértil que foi cuidado por essa mulher tão necessária não só para mim.

Minha avó materna era uma mulher afro-indígena, não sei muito sobre ela, ou sobre os meus bisavôs, materializo na minha vida todo apagamento histórico que os povos originários e negros sofreram ao longo dos anos. O que sei da minha avó foi de ouvir minha mãe e minhas tias, então a oralidade dessas mulheres é o que manteve a memória da Guiomar Dias viva, e agora ela revive na ponta da minha caneta, eternizada neste memorial. A oralidade é a dimensão mais importante da minha existência e por isso ela é central nessa pesquisa.

Confesso que falar dos meus ancestrais abriu um buraco entre a escrita e eu, foi exatamente na escrita do memorial para a qualificação que as palavras se esconderam nas cortinas do meu inconsciente. Me questionava onde estão as fotos da minha família, onde está a história da minha família e a única resposta que me vinha é: não há!

Então, essa pesquisa busca reparar o apagamento colonial que não atingiu apenas a minha história familiar, mas ilustrar – com as memórias, oralidade e imagens – tudo que o opressor com suas políticas de aniquilação busca nos fazer esquecer. Por isso, aqui defendo que a oralidade é a guardiã da memória, da minha família e das mulheres negras que incidem de maneira tão importante nos territórios negros que vivem.

Começo falando da minha mãe, por entender que ela, com a sua sabedoria, me ensinou a ser uma menina, hoje uma mulher. Com as suas plantas, fé e cuidado ela passou por essa vida e quis viver até os últimos momentos.

Figura 1: Natalia Dias. Em meios a flores. 2004



Fonte: Elaborada pela autora com uso da Inteligência Artificial Chatgpt.

Diante da proximidade afetiva com essa pesquisa, compreendo que os desafios para a produção de conhecimento seriam maiores, a dimensão ética da pesquisa era uma preocupação constante e sabia das interferências que poderiam ocorrer, mas com orientação e estudos consegui articular os pensamentos e com rigor metodológico desenvolvi este trabalho, realizado por mim e pelas mulheres que fazem parte da Horta Comunitária da Vila Nancy – meu campo de pesquisa.

Início, então, falando dos procedimentos metodológicos que chamo de **“Encruzilhadas e a arte dos encontros: Metodologia”** onde vou dançando com as palavras para explicar como aconteceram os encontros teóricos de conceitos tão importantes como oralitura, territórios e territorialidades e como o cruzo delas formam o chão da pesquisa que desenvolvi nos últimos dois anos.

Me posicionei nesse solo fértil como uma semente pronta para semear, eu chegava na horta como pesquisadora, comprometida em captar as narrativas das mulheres protagonistas deste estudo, fui entendendo que elas eram tão pesquisadoras quanto eu, só formulavam o conhecimento por outros meios, expressava eles pela memória, corpo e fala. Por isso, fiz uma sessão dentro dos procedimentos metodológicos intitulado **“Somos Atlânticas: sujeitas pesquisadoras”**. Foi importante entender o lugar que ocupava nessa relação, isso 3

+cuidou de qualificar minha escuta sobre as histórias que me contavam a cada encontro, respeitar o chão que pisava e contribuir com algumas reflexões quando me foi permitido.

Na primeira sessão, falo sobre **“Territórios Negros e as políticas de apagamento da memória do povo negro”**, onde defendo que as políticas coloniais de apagamento das memórias da história negra no Brasil, particularmente em São Paulo, era uma estratégia de submissão deste povo em relação ao povo branco, que se considera superior e mais evoluído socialmente. Aqui, apresento o conceito de Memoricídio, mais uma política de extermínio da população negra. Ainda nessa sessão, analiso a formação socioespacial e racial dos territórios negros do Brasil, como a segregação espacial organizada a partir de uma perspectiva eugênica, concentrou pessoas negras em territórios marcados pela escassez, violências e fome. Mas, amplio essa reflexão demonstrando como esses territórios guardam ancestralidade e estratégias importantes de produção de vida e promoção de cuidado, sobretudo protagonizados por mulheres negras que atuam em redes de solidariedade.

Na subseção 2.1 **“Territórios negros: periferia quilombo”**, aprofundo os estudos sobre conformação dos quilombos, como as experiências de África se expressam na organização desses espaços nos territórios negros, expandindo a compreensão sobre quilombo nos bairros periféricos, sendo o movimento coletivo por mulheres uma representação da força e a cultura dos quilombos nos territórios que ocupam. Na subseção 2.2 **“Lajeado Velho: Quilombo Aldeia”**, conto a história do bairro, a partir do meu encontro com o coletivo de pesquisadores periféricos sobre memórias o CPDOC Guaianás. Durante semanas, fiquei em contato com os pesquisadores que me cederam acesso ao acervo do coletivo e as produções de artigos que realizaram ao longo dos anos de atuação no território. Por fim, na subseção 2.3 **“Casa Viviane dos Santos: Um quilombo formado na luta”**, falo sobre a forma organizada que as mulheres do Lajeado lutaram para a criação de um

serviço de atendimento/enfrentamento à violência contra as mulheres no bairro. Espaço importante e responsável pela promoção de ações políticas importantes no território e na cidade de São Paulo. Começo minha atuação como assistente social nessa Casa, em 2012, onde promovi por oito anos um grupo com mulheres atendidas no serviço, debatíamos como a violência de gênero nos atravessava, mas também quais estratégias poderiam ser planejadas individual e coletivamente para lidar com as inúmeras expressões da questão social presentes no cotidiano de cada uma. Foram as mulheres deste grupo que me apresentaram a Horta Comunitária da Vila Nancy, então esse giro na história foi importante, para compreenderem como a minha chegada nessa terra tão potente ocorreu.

Na segunda sessão, **“Mulheres Negras, tecnologias ancestrais e a Horta Comunitária da Vila Nancy”**, exploro o conceito de tecnologia e ancestralidade e como esse encontro se manifesta pela fala e incidência das mulheres negras na Horta Comunitária da Vila Nancy. Entrelaço também esses conceitos com as narrativas delas, ilustrando com imagens das ervas que citam ao longo das entrevistas. Já na subseção 3.1 **“Mulheres Negras: Territórios vividos e estratégias contra coloniais na Covid-19”**, trago para a cena as falas potentes de cada mulher que atuou na horta durante a pandemia de Covid-19, decidi fazer um recorte temporal, por considerar que neste momento foi a chegada de duas mulheres da Casa Viviane naquele espaço e como a horta está 38 anos no bairro. Estudar todo esse período no tempo de mestrado, com a profundidade que acreditava ser necessário, não seria possível para mim. Ainda nessa sessão, debato como as mulheres negras, com sua oralidade e corpo, transformam os territórios que ocupam, promovendo ações contracoloniais, demarcando com a memória, tecnologias ancestrais e saberes, a força que mobiliza e organiza a luta contra o apagamento colonial da nossa história.

Na subseção 3.2 **“Quintal de vó: Semeando Saberes Ancestrais de Mulheres Negras”**, o título é uma das falas que capturei durante as entrevistas da pesquisa, e marca como as tecnologias ancestrais se desenvolvem pelo manejo da terra, das ervas, dos chás. O quintal de vó é uma memória afetiva, carregada de emoção e também de saberes, aqui me reconecto com o início, com o quintal que vivi a minha infância e como as ervas eram minhas companheiras. Então, elas, como guardiãs dos saberes, são igualmente guardiãs de semente boa, seja as que germinam na terra, seja as que germinam na nossa vida diariamente por ações que transformam as relações sociais dos territórios negros que elas ocupam.

1.3. Encruzilhadas e a arte dos encontros: Metodologia

Os saberes em encruzilhadas são saberes de ginga, de fresta, de síncope, são mandingas baixadas e imantadas no corpo, manifestações do ser/saber inapreensíveis pela lógica totalitária (Rufino, 2019, p. 73).

Começo a reverenciar as encruzilhadas como o espaço privilegiado de encontros, pois para as religiões de matriz africana como a umbanda e candomblé, as encruzilhadas não são um espaço de confusão ou impasse, e sim uma intersecção de possibilidades, a arte dos encontros. No cruzo das ideias, o novo surge e quando arriamos uma oferenda em forma de ebó¹, são para agradecer e pedir caminhos para o novo que se desponta. Nesta encruzilhada, vou arriar um ebó de palavras, como forma de agradecimento pela possibilidade de produzir conhecimento que possa retratar a sabedoria e ancestralidade do povo negro.

O saber das encruzilhadas é uma ginga que não está inscrita nos espaços formais como as universidades, mas chego aqui pedindo licença para que a palavra falada e manifestada no corpo ocupe este espaço que por muito tempo nos foi negado. Leda Maria Martins descreve em seu livro “Performance do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela” como o letramento e a alfabetização foi uma estratégia colonial de submissão dos saberes orais, manifestados também no corpo através de rituais, cantigas e danças. O conhecimento validado pelos colonizadores, seja nas Américas, seja em África, era aquele que perpassava pela palavra escrita. A leitura só era acessível aos homens brancos e a algumas mulheres brancas (aqui destaco que o patriarcado anda lado a lado com o racismo), então as mulheres negras e seus saberes eram invisibilizados e submetidos à lógica colonial de apagamento.

A primazia do letramento, e o conseqüente privilégio da escrita, quer em África, quer nas Américas pelos colonizadores europeus, não apenas substituiu um modo de inscrição por outro. O domínio da escrita foi instrumento na tentativa de apagamento dos saberes considerados hereges e indesejáveis pelos europeus. Tornando exclusiva a escrita letrada como

¹ Oferendas que são feitas para os orixás ou entidades das religiões de matriz africana, a diáspora no Brasil sincretizada com o catolicismo e rituais dos povos originários inscreveu nessas religiões encantados como caboclos, baianos, marinheiros e erês (na umbanda) e orixás como Ogum, Iemanjá, Oxum e Exu (candomblé e umbanda). Os Exus se manifestam nessas religiões como entidades encantadas, pessoas que já viveram na terra e hoje trabalham cuidando dos caminhos daqueles que solicitam sua ajuda e cuidado, mas também como orixá da comunicação e das encruzilhadas e a ele as oferendas são feitas no cruzo dos caminhos, as encruzilhadas, ofertando comidas que eles gostam e cachaça em forma de agradecimento.

fonte de conhecimento, seu domínio se superpunha, negligenciava e tentava abolir outros sistemas e conteúdo, não considerados pelo colonizador saberes qualitativos, ou sequer um saber (Martins, 2025, p. 34).

A pesquisa que desenvolvi ao longo desses dois anos, passou pelas barreiras invisíveis (ou nem tanto) impostas à produção de conhecimento a partir da memória e da oralidade. O encontro entre a palavra falada e o corpo das mulheres negras, incide nos territórios que vivem e é uma das inquietações que me mobilizaram no curso dos meus estudos. Durante a qualificação, fui orientada pela prof^a Cláudia Rosalina Adão a me aproximar das produções da poeta e dramaturga Leda Maria Martins, ela estuda como o encontro da performance da fala com o corpo são movimentos importantes para a produção de conhecimento das pessoas negras, assim como salvaguardam os saberes e sua reprodução no cotidiano dessas mulheres, em particular, ela chama esse encontro de oralitura.

A palavra oraliturizada se inscreve em no corpo e em suas escansões². E produz conhecimento. Ao contrário do pensamento preconceituoso europeu que desqualificava África como um continente pensante. Esse tipo de raciocínio excludente deve-se em muito à falsa dicotomia entre a oralidade e a escrita, enfatizada pelo Ocidente, que prioriza a linguagem discursiva escrita como modo exclusivo e privilegiado de postulação e expansão do conhecimento (Martins, 2025, p. 32).

Posto este caminho, surge mais um cruzo de ideias nessa encruzilhada. Ainda sobre o processo de qualificação da pesquisa, o prof. Rodrigo Aparecido Diniz me convidou a aprofundar a análise pelo caminho das territorialidades, como as relações sociais se constituem no território elegido por mim como local privilegiado deste estudo, onde as pessoas vivem, constroem relações e modificam o espaço. Assim, chega como um novo caminho as reflexões da prof^a Dirce Koga, conjuntamente com prof. Rodrigo Diniz (já citado), no artigo “Passagens e abordagens pela cidade: entre territórios e territorialidades” falando sobre as potencialidades de um território e como ele, mesmo com suas estruturas hierarquizadas e determinadas pelas relações de poder instituídas pelo capitalismo, estão em transformações contínuas pela incidência das pessoas que residem neste território.

A vida é constituída por relações, e daí a territorialidade pode ser definida como um conjunto de relações que se originam num sistema sociedade-espaço-tempo” (Reffestin, p. 161, 1993). Assim as territorialidades se compõem, na mediação entre o particular globais da sociedade. Expressam as relações sociais de modo particularizado, na interface com o tempo e o espaço cotidiano da vida dos homens. (Koga; Diniz, 2018, p. 85).

² A escansão é o processo literário de dividir e contar as sílabas poéticas de um verso.

O geógrafo Milton Santos faz contribuições importantes sobre a construção dos territórios, e como espaço e território são perspectivas importantes para compreendermos como as relações sociais desiguais se materializam neste chão. Ele chama de elementos do espaço, as estruturas que compõem um território, assim, “Os elementos do espaço seriam os seguintes: os homens, as firmas, as instituições, o chamado meio ecológico e as infraestruturas” (Santos, 2020, p. 16,). E, pensando nesses elementos ele chama atenção para como essas relações incidem no espaço, transformando o lugar. Santos explica que há uma diferença entre lugar e localização (no mesmo território), isso é o que ele denomina “movimento dialético” (2020), sendo o lugar onde os objetos se concentram e a localização são as forças políticas e econômicas que refletem no lugar/território.

O movimento dialético entre forma e conteúdo, a que o espaço, soma dois, preside é, igualmente, o movimento dialético do todo social, apreendido na e através da realidade geográfica. Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas (Santos, 2020, p. 13).

São caminhos formando e cruzando a criação dessa pesquisa, território, suas territorialidades e as tecnologias ancestrais estão ³ *suleando* essa escrita, não há pretensão neste momento de criar uma ideia nova, mas há o compromisso de demonstrar como as mulheres negras incidem nos territórios que ocupam e transformam as realidades pela palavra falada e seus corpos que estão em constante movimento no território.

Destaco como o tempo das ideias e o tempo da escrita viveram desencontros tempestuosos no meu percurso. Tomo a liberdade de fazer um parêntese para ilustrar os desafios que enfrentei na produção dessa dissertação, como uma mulher negra, nascida e criada nas vielas e becos de uma periferia da zona leste de São Paulo, para chegar em um programa de pós-graduação de uma universidade referência na minha profissão, foi um passo audacioso e de um ineditismo na minha família.

O ano de 2024 começou com planos tímidos, queria, primeiramente, entender como era o chão que eu pisava, e o que eu estava fazendo neste lugar. Hoje, como pesquisadora de territórios e territorialidades, fui compreendendo as correlações de forças, como elas não eram favoráveis para uma mulher como eu, mas, eu estava ali

³ Em contraponto ao conhecimento colonizado que se orienta pelas terminologias norte-americana e europeia, opto aqui pela nomenclatura “*sulear*” como referência a produção de conhecimento do sul global.

e uma vez o compromisso assumido, por mim, pelos meus e por todas as mulheres negras eu não podia voltar atrás. No entanto, no dia 12 de fevereiro de 2024 sofri uma lesão grave de joelho, que me afastou fisicamente da universidade por quase um semestre, e, nesse momento de dor, medo e incerteza fui acolhida pela solidariedade das/os colegas que gravavam as aulas e me conectava com algumas professoras que não tinham familiaridade com as salas tecnológicas da universidade.

Houve, nesse semestre, uma mudança na minha orientação, eu considero que esse foi o primeiro encontro nessa encruza acadêmica que me envolvi, a prof^a Marcia Campos Eurico me recebeu e acolheu a angustia de uma pessoa que nunca havia se movido neste caminho. Nunca havia pensado que a minha escrita poderia contribuir para alçar o conhecimento das mulheres negras, o meu conhecimento, que até aquele momento estavam registrados na minha memória, das tardes de atendimento na Casa Viviane dos Santos.

Ainda no primeiro semestre decidi que precisava compreender o que era a “pesquisa” e foi no seminário sobre esse tema ministrado pela prof^a Carola Carbajal Arregui que mais um encontro lindo floresceu. Me lembro com os olhos marejados do último dia de aula, escrevemos cartas para Carola, passamos o semestre falando sobre tipo/formas de pesquisa, metodologias. E a última falava sobre as cartas como instrumento de pesquisa, documentos importantes que ao longo da história foi sendo subutilizado com o avanço das tecnologias cibernéticas. Voltando, eu escrevi uma carta para ela, fui para aula presencial aquele dia, e pude registrar na palavra escrita e falada como foi importante nosso encontro, como ela foi generosa e acolhedora, com essa menina de quebrada que sempre gostou de estudar, mas nunca acreditou que poderia ter um título de mestra.

Em 2025, o Núcleo de Cidades e Territórios retomou seus trabalhos, agora sob a coordenação do prof. Rodrigo Diniz, e foi nos estudos deste núcleo que consegui organizar as ideias e construir uma proposta metodológica de pesquisa, direcionando minha análise para apreensão de como os territórios são socialmente constituídos, e, avançando nas reflexões sobre duas dimensões do chão que iria percorrer. Passei a estudar o conceito de territórios negros com a arquiteta e psicanalista Joice Berth na sua produção *Se a cidade fosse nossa?* e com os estudos da assistente social Claudia Rosalina Adão, citada anteriormente. Estudamos sua dissertação “Territórios de Morte” e tese “Territórios de vida: resistências, existências e produção de cuidado por mulheres negras”. Adão, além de falar sobre o território vivido, descreveu com

sensibilidade e “cor-ação” as possibilidades de potência forjadas pelos espaços organizados pelas mulheres negras da zona leste da cidade.

Foi neste encontro teórico que consegui virar a chave da minha pesquisa, mudei a perspectiva de estudo, até então centrada no trabalho com grupo de mulheres em situação de violência doméstica, assentei os pensamentos, cuidei de refletir os caminhos e como chegar no chão que me acolheu por onze anos, contribuiu para minha formação profissional, e me aproximou da luta das mulheres negras periféricas.

Retomei os estudos sobre metodologias, elencando qual trajeto percorrer, qual se alinhava ideologicamente a forma como acredito que a academia deveria chegar nesses territórios, pois, vindo de onde vim, sabia que a última coisa que a minha pesquisa seria é extrativista, indo para o campo, extraíndo o que precisava e partindo.

Neste contexto me aproximei dos estudos sobre pesquisa militante e o pensamento social crítico latino-americano. A proposta de compreender os saberes ancestrais e as produções científicas do sul global tem me auxiliado nos contornos da pesquisa. Sob este prisma, irei denominar as mulheres negras que contribuíram com a minha pesquisa como sujeitas e protagonistas, elas fizeram as narrativas para o meu processo de construção de conhecimento, como aponta Bringel e Varela:

Em Outras palavras, os movimentos sociais, para além dos aspectos institucionais e organizacionais que são suas faces visíveis, envolvem a produção de códigos culturais e sociais que constitui o principal campo da atuação para o pesquisador militante. Isto exige uma metodologia capaz de captar a rede de significados, bem como para conceber os movimentos sociais como sujeitos produtores de conhecimento. (Bringel; Varela, 2016, p. 487).

Minha inserção anterior à pesquisa, no território que pretendo estudar, viabilizou que a pesquisa militante pudesse se materializar de forma sensível e comprometida com as mulheres que aceitaram percorrer comigo esse processo. Considero que tive condições objetivas para avançar nessa metodologia, mas ainda precisava ajustar como iria apresentar essa pesquisa para as mulheres e, posteriormente, para o programa, durante a defesa. Foi assim que o encontro entre pesquisa militante e história oral se tornou mais uma potencialidade no umbigo da encruzilhada.

Sabia que ouvi-las e me fazer presente na horta não só nos dias de entrevistas era a forma metodológica que faria a produção dessa dissertação expressar a grandeza que foram esses encontros. A história oral é uma estratégia política de

análise da realidade, não apenas uma metodologia de pesquisa que pode ser aplicada para apreensão da realidade.

Como a história oral não busca generalizações, mas sim explicações históricas e culturais circunscritas, conhecer essas formas peculiares de entendimento na realidade social é um importante requisito a ser atendido pelo pesquisador...O método de pesquisa é sempre uma opção política e, no caso da história oral, um verdadeiro imperativo ético, pressupondo a construção de um terreno comum de trocas entre interlocutores, fundado na confiança mútua, num verdadeiro interjogo de subjetividade (Martinelli, 2019, p. 29).

As protagonistas dessa pesquisa são residentes do bairro do Lajeado, distrito de Guaianases, três mulheres negras que durante o período da pandemia de Covid-19 estiveram à frente da Horta Comunitária da Vila Nancy, contribuindo para a produção de cuidado e vida, sobretudo nesse período obscuro que vivenciamos mundialmente.

Antes de apresentá-las, considero importante contextualizar como foi o encontro dessas mulheres, uma parte inserida na horta e outra na Casa Viviane dos Santos, dois espaços potentes de produção de vida. Considero que este encontro foi a grande sementeira no solo fértil da oralidade, foi assim que a terra foi preparada, florescendo em meio à crise sanitária de Covid-19.

O grupo de mulheres atendidas no Centro de Defesa e Convivência da Mulher – CDCM⁴ “Viviane dos Santos”, e que há oito anos participavam do grupo social que eu organizava, se aproximaram da Horta Comunitária da Vila Nancy, coordenada pela dona Elena durante a Covid-19⁵ em 2020. A horta foi fundamental na distribuição de alimentos para os moradores do bairro, além de assegurar a produção de plantas

⁴ O Centro de Defesa e Convivência da Mulher é um equipamento público voltado para o atendimento de mulheres Cis e Trans. Na cidade de São Paulo tem sua operacionalização gerida por organizações não governamentais (ONG) e os atendimentos estão voltados para o acolhimento de mulheres em situação de violência, mas também é um espaço potente de organização política e convivência coletiva, com a promoção de rodas de conversa, oficinas e atividades externas de fortalecimento e pertencimento das mulheres com territórios. Os atendimentos específicos para tratar a questão da violência doméstica são desenvolvidos por uma equipe multidisciplinar (assistente social, psicóloga e advogada) que dialogam sobre alternativas de sustentação para a ruptura com a violência.

⁵ Conforme levantamento realizado pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) em dezembro de 2019 foram registrados os primeiros casos em Whuran na China, em 11 de março de 2020 foi decretada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) estado de pandemia devido a amplitude dos casos de Covid a nível mundial. No Brasil o primeiro caso de óbito de Covid-19 foi em 12 de março de 2020 com a morte da senhora Rosana Aparecida Urbano, de 57 anos, na capital paulista. Inicialmente, acreditava-se que a primeira morte teria sido da senhora Cleonice Gonçalves, 63 anos, Rio de Janeiro que contraiu Covid-19 dos patrões que haviam retornado da Itália. Essas duas mortes são o retrato do que representou a pandemia para as mulheres negras e pobres no Brasil. Elas eram linha de frente, nos serviços essenciais e nos serviços que os ricos tornaram essenciais.

medicinais que contribuíram nos cuidados de saúde das pessoas que buscavam auxílio na sabedoria e orientação das mulheres que passaram a ocupar a horta.

A arte do meu encontro com a horta aconteceu no final de 2021, entre as idas e vindas dos atendimentos presenciais na Casa Viviane. As mulheres do grupo social chegaram na casa com os olhos brilhando pelo contato com esse espaço, uma empolgação que saltava nas palavras, e decidimos que um dos encontros seria na horta. Eu estava curiosa para saber que lugar era esse que pulsa vida em meio a tantas mortes e luto.

Foi um encontro muito bonito, levamos bolo, pães e a dona Elena fez uma porção enorme de planta peixinho frita, eu lembro do gosto, da textura e na emoção de poder comer algo novo, algo que no meu cotidiano não comeria. As mulheres estavam falando e contando como foram os encontros na horta ao longo dos dois anos de pandemia, eu ouvia tudo atenta e me questionando os motivos pelos quais nunca havia ido aquele lugar, tão próximo ao meu trabalho, com tanta potência de vida, assim como a Casa Viviane.

Figura 2: Encontro do Grupo Social na Horta Comunitária da Vila Nancy, 2021



Fonte: Acervo pessoal (2021)

Voltar a trilhar o caminho de volta a horta da Vila Nancy, agora como pesquisadora, e poder trazer para a academia a potencialidade deste espaço,

demonstrando como ele foi responsável por assegurar saúde física e mental para as mulheres que ocuparam este espaço, tem sido um processo inenarrável.

Conhecer a horta e como o uso do espaço e as sociabilidades que se constituem forjadas pelas mulheres que cuidam do cultivo e organização da produção e distribuição de alimentos, despertou o interesse em compreender como essa forma de gestão das relações sociais, também produz cuidado e vida para um território que está socialmente segregado, racialmente marcado por políticas de extermínio e ausência de políticas públicas que garanta direitos sociais.

Ainda sobre a pandemia, de acordo com o Mapa da Desigualdade de 2021 da Rede Nossa São Paulo, o bairro do Lajeado teve 19,6% de mortes por Covid-19 enquanto a média da cidade era 18,3% havendo bairros como Butantã com 13,10% de mortes. Ainda sobre a análise apresentada pelo Mapa, havia no Lajeado em 2020 tinha 56,20% de pessoas autodeclaradas pretas e pardas, sendo 51,4% do total da população mulheres.

Outro recorte social do coronavírus no epicentro da pandemia no Brasil mostra que tanto entre os casos confirmados (9.428 até sábado 18 de abril de 2020), quanto entre os suspeitos (cerca de 35.000), as mulheres de 30 a 39 são a maioria, seguidas pelas de 40 a 49 anos.⁶

Tais dados são importantes para compreender como as mulheres foram afetadas pela Covid-19 e como exerceram um papel fundamental para manutenção e no funcionamento dos bairros periféricos. As mulheres negras e pobres no período da pandemia se reinventaram nos processos de organização e promoção de cuidados, o encontro que ocorreu entre as mulheres da Casa Viviane e a Horta Comunitária estão ligadas a busca para garantir alimentos para seus filhos neste período de escassez intensa.

Pensar os processos de (Re) existência, como um reexistir de fato através das estratégias de sobrevivência no período da pandemia que posteriormente se tornou uma ação militante de parte das mulheres desta pesquisa, é uma das formas que acredito nas potencialidades ancestrais de troca entre as gerações que se cruzam naquele espaço. A Covid-19 as uniu no cuidado e nas trocas diárias que não eram apenas sobre morte, mas sobre esperanças, na produção de vida em cada alimento e plantas medicinais.

⁶ Site El País: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-18/no-mapa-do-coronavirus-na-cidade-de-sao-paulo-a-periferia-lidera-as-mortes-e-as-mulheres-adultas-sao-as-mais-infectadas.html>.

Neste sentido, investigar como as mulheres organizadas na Horta Comunitária da Vila Nancy formaram uma rede de produção de cuidados que permanece repercutindo nas vivências das mulheres negras que construíram este processo e propuseram pensar outras formas de uso do espaço, forjando outras possibilidades de sociabilidade, com seus saberes ancestrais que mantêm a memória viva através da vida que brota na oralidade.

1.4. Somos Atlânticas: sujeitas pesquisadoras

“Entre luzes e som só encontro o meu corpo antigo.
 Velho companheiro das ilusões de caçar a fera.
 Corpo de repente aprisionado pelo destino dos homens de fora.
 Pelo desejo de uma história, que hoje conta sem culpas como foi desatento
 no instante de conquistar.
 Corpo-mapa de um país longínquo que busca outras fronteiras que limitem
 a conquista de mim.
 Quilombo mítico que me faça conteúdo das sombras das palmeiras.
 Contornos irrecuperáveis que minhas mãos tentam alcançar.”
 (Rattz, 2025, p. 137)

Maria Beatriz Nascimento escrevia seus textos em primeira pessoa. Ela foi uma das intelectuais negras responsáveis por um estudo sensível e infelizmente pouco difundido sobre a relação Brasil x África, refletia como relações sociais constituídas em território brasileiro traziam no seu cerne convenções e práticas das comunidades africanas de onde as pessoas negras que foram traficadas ao Brasil vieram. Nossas vivências em diáspora podem ser observadas nos dias de hoje em espaços culturais, terreiros de umbanda e candomblé, escolas de samba e movimentos sociais.

Além disso, porque não no manejo das ervas medicinais e cultivo da terra, geralmente quando pensamos nos reflexos de África no Brasil, relacionamos a realização de rituais religiosos, sacrifícios de animais, danças e músicas “exóticas” e a marginalidade/criminalidade, mas o manejo da terra, o conhecimento das ervas é atribuído somente aos povos originários, o que obviamente não corresponde à realidade.

Sim, os povos originários têm a expertise do cuidado com as ervas e alimentos oriundos de plantações, mas os povos vindos de África trouxeram em seus corpos, fala e memória conhecimentos profundos sobre terra e ervas, uma vez que vários países deste continente eram agrícola e desenvolviam técnicas de produção de

cuidado no interior das comunidades. Mas, o apagamento da história do povo negro traficado de África foi intenso, seja pelo letramento/alfabetização que submetia a oralitura ou ao esquecimento pela desqualificação.

No entanto, Maria Beatriz Nascimento (2018) apresenta um conceito importante para que o corpo-memória e o corpo-território pudesse retomar toda ancestralidade que foi roubada pelo colonizador, ela afirma que somos atlânticas, que está gravado no corpo e na memória as nossas relações mais íntimas com nossos antepassados, que certamente não vamos desenvolver as mesmas experiências que em territórios africanos, mas estamos em diáspora e nos organizar como quilombo é uma das formas de assegurar nossa herança ancestral e os rituais que acontecem nesses espaços com o corpo e com a voz é produção de cuidado. Nos terreiros é possível receber uma orientação, um banho com ervas que acalmam, remédios que curam as dores da alma e do corpo, mas isso não é exclusividade desses espaços religiosos, como veremos nessa pesquisa.

Fui para o campo durante um momento difícil, tinha retornado ao trabalho e estava vivendo um processo de esgotamento mental por conta das atividades laborais, mergulhei no mar escuro do meu inconsciente, e não consegui sair do lugar, então decidi ir para horta. Tinha a convicção de que aquele lugar, os cheiros, o ar e os ritos que fazíamos me traria de volta para a casa, de volta para mim.

Cheguei com muitas expectativas, isso é fato, tinha a convicção que nas nossas conversas elas iriam apresentar trajetórias contidas nas suas memórias de uma ancestralidade negra. Mas, não! Embora duas das entrevistadas sejam mulheres negras de pele preta, elas diziam que sua relação com a terra estava ligada diretamente com seus pais e avós indígenas. Anotei no diário de campo, passei semanas indo tomar café na horta, ouvindo as histórias e como elas se lembravam de como aprenderam o uso das ervas, o manejo da terra etc.

Refleti o quanto isso também está relacionado à construção da identidade das pessoas negras, como as pessoas negras são compreendidas ao longo da história, como pessoas subvalorizadas, pessoas sem conhecimento científicos, ou que possam manejar a terra e produzir saúde com seus saberes. A psiquiatra e psicanalista Neuza Santos Souza (2021) aborda a forma como muitas pessoas negras buscam se distanciar da negritude, o quanto se reconectar ou tornar-se negro é um processo doloroso, marcado por rupturas de amarras coloniais profundas. A prof^a

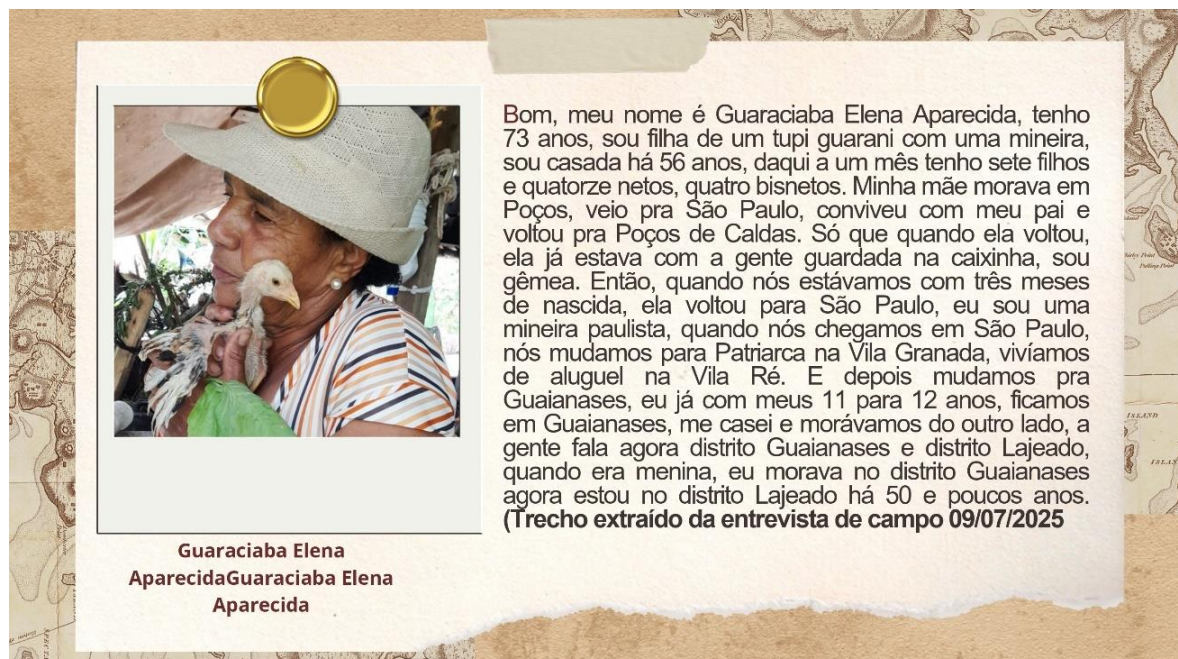
Marcia Campos Eurico faz a seguinte reflexão na Nota Técnica sobre o trabalho de assistentes sociais e a coleta do quesito Raça/Cor/Etnia:

A sociedade, em geral, continua a associar a população negra a comportamentos ruins, próprios de pessoas ignorantes, indisciplinadas e violentas. Parda é a categoria transitória, lugar onde as pessoas de pele menos escura podem, se assim desejarem, assumir uma identidade desconectada da sua vinculação com a população negra, o que confere legitimidade à política do branqueamento, residual na vida brasileira. (Eurico, 2022, p. 09).

Exponho essa reflexão não para que a narrativa das mulheres se enquadre nas minhas expectativas, mas, para dialogar como o processo de apagamento das memórias e ancestralidade das pessoas negras sofreu uma investida colonial violenta e os estigmas e adjetivos pejorativos se instauraram como uma realidade na psique de inúmeras pessoas negras, se afastar desse grupo social, ainda é uma realidade em muitos territórios periféricos.

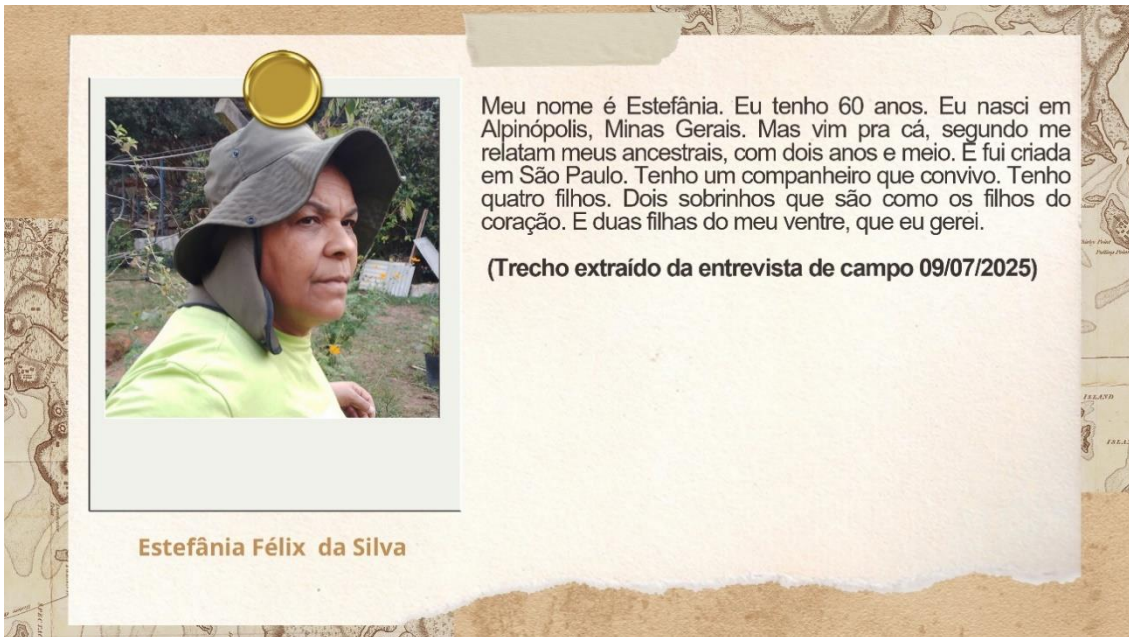
As mulheres atlânticas da minha pesquisa são protagonistas de uma presença importante no bairro do Lajeado, são lideranças nos espaços que ocupam, igreja, horta e conselho de saúde.

Figura 3: Dona Elena se apresenta.



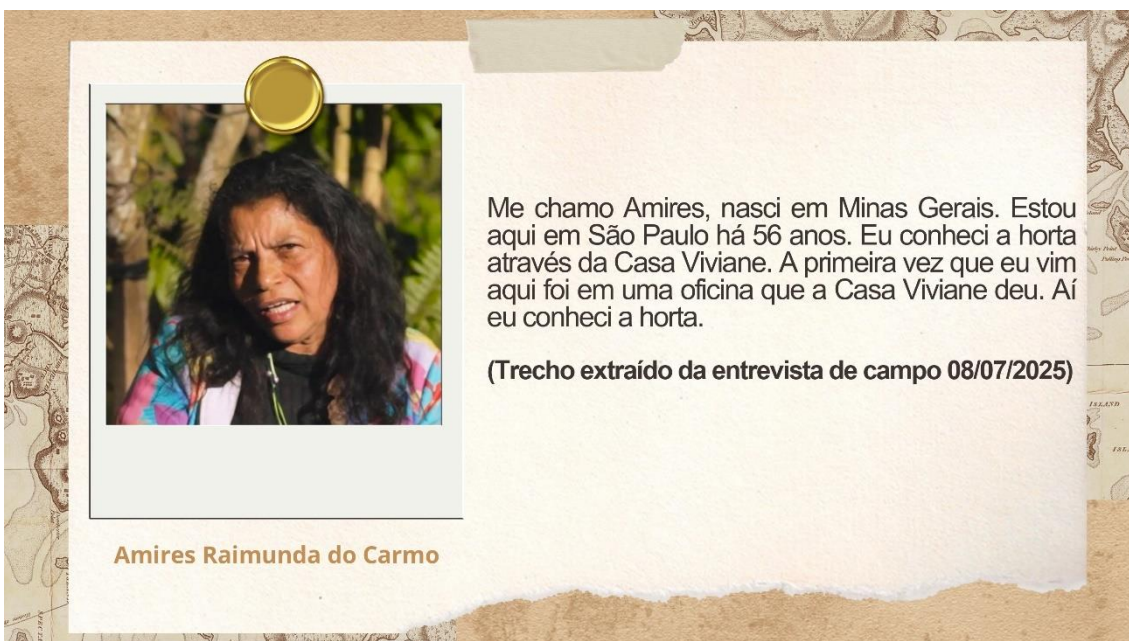
Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Figura 4: Estefânia se apresenta.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Figura 5: Amires se apresenta. Ynã Precioso – curta metragem “Semeando saberes ancestrais de mulheres negras: Encruzilhadas de (re) existência e produção de vida em territórios negros da Zona Leste de São Paulo.



Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Durante a entrevista, a Amires afirmou que conheceu a horta através da Casa Viviane, confesso que não tinha essa memória, talvez por não conseguir me inserir como deveria nas oficinas ofertadas pela casa, os atendimentos consumiam toda energia e tempo de trabalho na casa, mas fiquei feliz de ela ter se aproximado da horta por um trabalho feito pela nossa equipe.

É sabido que a pesquisa não é neutra e que é desafiador cruzar a memória e a oralidade dessas mulheres negras na produção de conhecimento, com compromisso e ética. A Pedagogia das Encruzilhadas (Rufino, 2019) traz a ginga e a magia que o nosso povo transmite quando ocupa os territórios, aqui particularmente o Lajeado, território negro e periférico marcado por desigualdades, mas também potencialidades.

As tessituras dessa pesquisa é uma arte, a arte do encontro nas encruzilhadas metodológicas. Onde a pesquisa acontece e a vida dessa pesquisadora também, ao longo dos dois anos passei por uma cirurgia no joelho, um processo de burnout e em janeiro de 2026 lesionei o punho, em todos os momentos as mulheres da horta estiveram comigo, acolhendo uma dimensão subjetiva e pessoal do meu percurso, mas mostrando que a ancestralidade, a sabedoria e o tempo seriam os fios que costurariam nossas conversas e que haveria rigor metodológico na minha análise, mesmo que a minha própria vivência seja a confirmação de como a horta e os ritos que acontecem naquele espaço são capazes de produzir vida.

Estive inúmeras vezes na horta, desde junho de 2025, produzi um relatório das visitas para ser inserido no acervo da horta, dona Elena havia reclamado do extrativismo acadêmico. Inclusive durante a gravação da entrevista que fiz em formato audiovisual, ela se recusou de imediato afirmando: “tô cansada dessas marmotagens”. Foi a Estefânia e Amires que asseguraram que a minha proposta era diferente, que eu estava gravando o curta-metragem justamente para que a história da horta pudesse ser registrada e socializada no bairro, nos serviços socioassistenciais e de saúde.

A posição da dona Elena é uma forma de denunciar o que por vezes acontece nos espaços periféricos, e ela disse ao modo dela que está cansada de ser objeto de estudo. Como fui incontáveis vezes objeto de pesquisa enquanto trabalhadora que atende mulheres em situação de violência doméstica, também, compreendi a recusa inicial, e disse a ela que essa era a minha recusa também, pois naquele momento ela não era um “objeto” e sim a pesquisadora, suas narrativas seriam propagadas para

outras gerações e territórios, seus conhecimentos eram importantes, e não apenas para minha pesquisa, mas para todas as pessoas que terão acesso a ela.

O campo de pesquisa foi a confluência de reflexões mais potente deste percurso, as entrevistas foram abertas, embora não tenha focado na trajetória de vida delas e sim no contato com a horta. Ouvi-las sobre suas memórias afetivas, o desejo para o bairro e a importância da horta para toda comunidade foi transformador, assim, e neste momento fui compreendendo o que é pesquisar, como essa prática fazia sentido para mim e para as pesquisadoras que estavam ali relatando como defender uma agroecologia urbana, alimentos sem agrotóxicos e ervas medicinais era uma posição inegociável, e são elas as responsáveis por isso.

Uma das dimensões centrais desta pesquisa a apreensão dos saberes ancestrais pensando no legado de África em diáspora, pretendo observar como a cosmovisão africana se materializa na trajetória das protagonistas desta pesquisa e como método de análise será utilizada a perspectiva do o materialismo histórico-dialético, onde a compreensão do real e os reflexos de um capitalismo colonial determinam a constituição dos territórios periféricos, majoritariamente negro. Mas, com a cosmovisão africana é possível analisar as formas de resistência e produção de vida nestes mesmos territórios.

Nos territórios, as crises cíclicas do capitalismo se expressam no cotidiano das pessoas, como Milton Santos analisou nas suas produções, e esses processos de crise impulsionam as mulheres negras a desenvolver técnicas, tecnologias de sobrevivência, tecnologias centradas em saberes antigos e ancestrais. Essas ações individuais ou coletivas, como a horta comunitária da Vila Nancy, são marcas importantes presentes nos territórios negros e protagonizado por mulheres.

A defesa aqui é de que os territórios negros, as periferias das cidades, as favelas e comunidades podem ser representações de quilombos, forma organizada que mulheres e homens, desenvolvem para ocupar os territórios. No entanto, cada território tem sua forma própria de organização, observar esse desenvolvimento aprofundando a compreensão de que este território é uma expressão dos quilombos contemporâneos. Há inúmeras formas de pensar o uso do espaço e a Horta Comunitária é um espaço que será observado, colocando no centro a forma como as mulheres garantem a manutenção e produção de cuidado e vida com a distribuição de alimentos e plantas medicinais. é uma marcação de como as mulheres podem.

“O meu lugar é o de um ser cismado, praticante das frestas, que lança esse feitiço apalavrado de quebra de demanda, de abertura de caminhos, um padê arriado nas esquinas do Novo Mundo” (Rufino, 2019, p. 22).

Circular pelas Ruas da pesquisa ação, pesquisa militante, pesquisa participante (Bringel e Varella, 2016, p. 481) e a produção de conhecimento a partir das elaborações desenvolvidas com análises pautadas no materialismo histórico-dialético foi importante. “O conhecimento de acordo com a concepção materialista de Marx, apenas é possível a partir da prática social, da experiência sensorial, da materialidade da vida, de sua reprodução material” (Marx, 2007, apud Bringe; Varella, 2016).

Outra ferramenta teórica de análise que utilizei na pesquisa foi a interseccionalidade, pois compreendo que ela contribui para a reflexão sobre as desigualdades produzidas pelo capitalismo, relacionando as relações raça e gênero, Collins e Bilge afirma que:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente (Collins; Bilge, 2021, p. 15).

Collins e Bilge afirmam que a “interseccionalidade como ferramenta analítica não está circunscrita às noções da América do Norte e da Europa nem é um fenômeno novo”. No Sul global, a interseccionalidade é usada frequentemente como ferramenta analítica, mas não recebe essa denominação” (p. 217).

Por fim, compreendo que foi possível descrever os procedimentos metodológicos que asseguram o compromisso ético no desenvolvimento dessa dissertação, como aponta Minayo:

A sessão da metodologia contempla a descrição da fase de exploração de campo (escolha do espaço de pesquisa, critérios e estratégias para escolha do grupo/sujeitos de pesquisa, a definição do método, técnicas e instrumentos para a construção de dados e os mecanismos para entrada em campo) as etapas para o trabalho de campo e os procedimentos para análise (Minayo, 2010, p. 47).

Assim, deixo o convite para uma leitura cuidadosa, gentil e que pretende expressar nas próximas sessões como a pesquisa militante, a pesquisa ação e o compromisso com a história oral como uma perspectiva política importante de registro das oralidades, que historicamente são silenciadas. A produção dessa dissertação foi uma construção feita por todas nós, por mulheres atlânticas.

2. SESSÃO 1

2.1. Territórios Negros e as políticas de apagamento da memória do povo negro

Para nós, ritualizadores da ancestralidade, a morte não nos assombra, sequer é um imperativo. Em nossos termos há “morte” somente no esquecimento. (Rufino, 2019, p. 27)

Nesta sessão, farei uma reflexão sobre a formação sócio-histórica das cidades, e como as periferias se constituíram enquanto um marcador de segregação racial em decorrência do processo de gentrificação dos grandes centros urbanos, e como esses territórios tornaram-se locais de moradia de inúmeras pessoas negras. O convite aqui é para refletirmos sobre o conceito de “territórios negros” e sua conformação como espaços a margem ou expressões de espaços segregados socialmente destinado a pessoas negras e pobres, assim como esses locais também são construções históricas de resistência.

Antes de navegarmos por esse rio de confluências inquietantes para quem pesquisa territórios e racializa suas análises, irei iniciar com as reflexões do pesquisador e psicólogo Leandro Aparecido Fonseca Missiato que trabalha com o conceito de memoricídio. Ele descreve as políticas coloniais de apagamento das memórias da população negra no Brasil e acredito que a análise do Missiato (2021) pavimenta um chão importante sobre como o poder colonial impôs as pessoas escravizadas (indígenas e negras) uma narrativa de submissão e desterritorialização, de soterrar a história (seus símbolos e significantes), que atinge diretamente a subjetividade, anulando a memória, produzindo um esquecimento que busca matar as possibilidades de resistência.

O psiquiatra e psicanalista Franz Fanon aponta em seu livro “Os condenados da Terra” (2022) como a relação do uso da terra e o colonialismo não atravessa somente o corpo físico, mas também o inconsciente de quem opera as ações violentas nos territórios invadidos (os colonizadores) e o impacto desse processo nas pessoas colonizadas e escravizadas, onde a aniquilação dos laços com a terra mãe, os costumes e tradições se tornam estratégias de dominação, que não se consuma apenas pela força física, mas também psíquica.

Missiato observa em seu artigo sobre “Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento” (2021) que uma das estratégias de dominação e subjugação das pessoas escravizadas era a destituição do seu nome para um nome cristão ainda em terras africanas⁷, posteriormente os sobrenomes eram atribuídos conforme seus donos, e mesmo no pós-abolição muitas pessoas negras adotaram nomes europeus e/ou de seus antigos proprietários. O autor chama atenção para essa estratégia de apagamento da memória ancestral reforçada pela narrativa de superioridade das pessoas brancas em relação aos povos originários que habitavam o nosso país, bem como as pessoas escravizadas que vieram de África e por anos essa narrativa garantiu a manutenção das violências coloniais e expropriação das riquezas do Brasil para alavancar a economia europeia, particularmente de Portugal.

A branquitude que enunciou as identidades ameríndias e africanas enquanto sujeitos menores dentro do *continuum* humano, lançou os saberes e discurso da ancestralidade negra aos domínios do silêncio e do silêncio aos recônditos do esquecimento. Desse modo, o esquecimento dos saberes e memórias do povo negro não resulta de processos naturais da história humana em que partes se perdem no tempo que a tudo corroí, pelo contrário, é fruto de ações intencionais executada pelas elites coloniais que, desde o princípio da formação desse país, agem de inúmeros modos para coibir o direito de Ser e estar das pessoas afrodescendentes na geografia dos saberes e dos territórios (Missiato, 2021, p. 253).

As políticas coloniais de apagamento das memórias do povo negro, como abordado inicialmente, são estratégias fundamentais para enfraquecer a organização e resistência das pessoas negras, aterrando seus símbolos, invisibilizando suas histórias e traçando uma narrativa que anule qualquer possibilidade de insurgência.

Após o estrangulamento das primeiras histórias dos sujeitos com o aniquilamento de seus nomes, o que ocorria a partir daí era uma sequência de anulamentos que iam literalmente apagando da história individual e coletiva as marcas ancestrais das trajetórias dos povos africanos nas Américas. Conforme Walter Mignolo, a determinação do colapso dessas histórias diz respeito ao que ele chamou de diferença colonial, espaço conflitivo em que histórias locais são soterradas pelas imposições daquelas que se fizeram universais (MIGNOLO, 2003). O conceito proposto pelo filósofo argentino dá especial atenção às narrativas que se tornaram hegemônicas ao passo que outras, por meio da força colonial, foram tratadas como inferiores. Esse processo determinou quais histórias mereciam ser contadas ao mesmo tempo em que classificou aquelas que foram despidas de crédito, de valor, de prestígio e, portanto, de direito de reprodução (Missiato, 2021, p. 556).

⁷ As pessoas escravizadas antes de passar pela “Porta do Não retorno” e embarcar no navio negreiro rumo as américas, davam voltas na árvore do esquecimento, já renomeados com nomes cristãos, esse ritual era imposto pelos comerciantes colonizadores. Essa ação foi compreendida por Missiato (2021) como primeira política colonial de apagamento da memória e desenraizamento das pessoas escravizadas.

É inegável que o poder colonial tem força para construir sua própria narrativa e em 1840 o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)⁸ realizou um concurso sobre como a história do Brasil deveria ser contada, com a intenção de criar uma perspectiva única de identidade nacional. O naturalista alemão Karl Von Martius (1794-1868) foi o vencedor do concurso com o escrito “Como se deve escrever a História do Brasil”. Essa obra foi responsável pelo embasamento de teorias que discutem a relação entre as três raças, sendo os povos originários pessoas subdesenvolvidas que não tem condições objetivas de desenvolver o país, já as pessoas escravizadas eram compreendidas como um problema, por serem inferiores às brancas, mas ainda assim não se sujeitaram às violências coloniais e os quilombos eram a prova dessa insurgência.

Cada uma das particularidades físicas e morais, que distinguem as diversas raças, oferece a este respeito um motor especial; e tanto maior ser a sua influência para o desenvolvimento comum, quanto maior for a energia, número e dignidade da sociedade de cada uma dessas raças. Disso necessariamente se segue que o Português, que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente influiu naquele desenvolvimento; o Português, que deu as condições e garantias morais e físicas para um reino independente; que o Português se apresenta como o mais poderoso e essencial motor. Mas também de certo seria um grande erro para com todos os princípios da Historiografia pragmática, se desprezassem as forças dos indígenas e dos negros importados, forças estas que igualmente concorreram para o desenvolvimento físico, moral e civil da totalidade da população. Tanto os indígenas, como os negros, reagiram sobre a raça predominante (Mathius, 1956, p. 442)

As insurreições contra a escravidão sofreram sistematicamente processos de apagamento da história, sendo uma forma de anular a identidade viva e dinâmica das pessoas escravizadas. O sociólogo Clóvis Moura (1983, p. 125) afirma que “O sistema competitivo inerente ao modelo de capitalismo dependente, ao tempo que manipula os símbolos escravistas contra o negro, procura apagar sua memória histórica e étnica, a fim de que ele fique como homem flutuante, ahistórico”. Ainda sobre o apagamento da memória como estratégia de dominação, Moura (1983, p.129) destaca como a alienação também se institui como uma ferramenta de opressão e exploração e expressa que “A sociedade escravista na própria produção da mercadoria tinha elementos da alienação de tal forma atuantes que criava a incapacidade para o oprimido elaborar um projeto de orientação superior.”

⁸ O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) foi fundado em 21 de outubro de 1838 como a maior instituição de acervos da memória, geografia e história do Brasil. Foi fundado dezesseis anos após a independência do Brasil e tinha como finalidade naquele momento criar uma identidade nacional.

A história contada a partir do colonizador não desvela o percurso de lutas históricas que se espalharam por todo país, os quilombos que desenvolviam tecnologias de sobrevivência, resistência e se organizavam de forma autônoma frente ao processo de colonização da época (Nascimento, 2018), os símbolos construídos nas cidades são aterrados com outras obras e esquecidos (Missiato, 2021).

Os mecanismos de apagamento da memória das pessoas negras e indígenas podem ser vistos nos dias de hoje, em casos concretos, como o achado de artefatos arqueológicos na estação 14-Bis da linha 6 - Laranja de metrô, na região central de São Paulo, evidenciam o aterramento da história negra, que foi protegida por coletivos e movimentos sociais do bairro da Bela Vista. Deixo, como sugestão, a leitura atenta dos levantamentos e pesquisa historiográfica elaborados pelo Instituto Bixiga⁹ sobre memória e história negra em São Paulo. A resistência deste bairro é marcada pela constante revisitação a história, através da oralidade de quem chegou primeiro, o livro do Prof. Dr. Amailton Magno Azevedo “Sambas, quintais, arranha-céus: micro-áfricas em São Paulo” (2025) conta a história de Geraldo Filme (1928–1995), um grande sambista e compositor que através das suas músicas eternizou na memória de milhares de pessoas a resistência negra no bairro do Bixiga, combatendo dessa forma os ataques coloniais de apagamento da história do nosso povo, denunciando o racismo que estruturava as relações sociais da época e as transformações do bairro e, conseqüentemente, da cidade.

Figura 6: Geraldo Filme, memória e resistência no bairro do Bixiga.



Fonte: Acervo Instituto Moreira Sales¹⁰. Exposição Geraldo Filme e o Samba Paulista (2026).

⁹ Site Instituto Bixiga: <https://institutobixiga.com.br/cursos/>

¹⁰ Site: <https://ims.com.br/eventos/geraldo-filme-e-o-samba-paulista-ims-paulista/> Acesso em 04 Fev. 2026.

Segue abaixo uma das composições mais celebres do Geraldo Filme, uma declaração de amor e resistência:

Tradição (Vai No Bexiga Pra Ver)¹¹

Quem nunca viu o samba amanhecer
Vai no Bexiga pra ver
Vai no Bexiga pra ver

O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu o nosso chão
Lembrança eu tenho da Saracura
Saudade tenho do nosso cordão

Bexiga hoje é só arranha-céu
E não se vê mais a luz da Lua
Mas o Vai-Vai está firme no pedaço
É tradição e o samba continua
(Geraldo Filme)

Mas, as mulheres negras também marcaram o samba com letras de protesto, denúncia, amores e resistência, anunciando como os territórios eram espaço de trocas, e que as favelas e periferias produziam, com sua oralidade, caminhos férteis de vida e cuidado, uma memória viva de uma terra que muitos de nós jamais conheceremos. A sambista e compositora Clementina de Jesus (1901-1987) nasceu e viveu em Valença, no Rio de Janeiro e teve como uma marca, músicas que reverenciavam nossos ancestrais, falava sobre a África e sobre o Brasil e o encontro dos continentes, foi uma guardiã das memórias que recebeu dos seus pais, eternizando no samba nossas raízes ancestrais. Clementina falava dos orixás, mas se declarava católica e havia aprendido sobre essas entidades e que elas faziam parte da nossa história. No documentário “Clementina”, do Curta TV, ela fala sobre como o racismo e machismo atravessam sua trajetória, e mesmo sendo umas das grandes compositoras de samba, não conseguiu alçar espaços mais elitizados e viveu pobre até sua morte.

¹¹ Lançada 1980. Site: <https://www.lettras.mus.br/geraldo-filme/763068/> Acesso em 04 Fev. 2026.

Figura 7: Clementina de Jesus “Cangoma me Chamou”.



Foto: PEREIRA, Hipólito. Escrita por jovens, biografia de Clementina de Jesus apresenta detalhes rasos. O Globo, 2017. Disponível em [Escrita por jovens, biografia de Clementina de Jesus apresenta detalhes raros - Jornal O Globo](https://oglobo.globo.com/cultura/musica/escrita-por-jovens-biografia-de-clementina-de-jesus-apresenta-detalhes-raros-20841013).¹²

Cangoma¹³ me chamou

Tava durumindo cangoma me chamou
Tava durumindo cangoma me chamou
Disse levante povo cativo já acabo
(Clementina de Jesus)

É possível afirmar que as políticas coloniais de apagamento também acontecem nos territórios mais distantes dos grandes centros e trazendo as mulheres negras para a cena (como Clementina de Jesus) muitas são protagonistas de lutas importantes nas periferias. Vou centrar minha análise na trajetória de mulheres negras da zona leste de São Paulo, particularmente no bairro do Lajeado, distrito de Guaianases, território em que trabalhei como assistente social por onze anos com mulheres em situação de violência doméstica e pude acompanhar o processo de organização de muitas delas e como a oralidade, a troca de saberes são resistência

¹² Site: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/escrita-por-jovens-biografia-de-clementina-de-jesus-apresenta-detalhes-raros-20841013> Acesso em 04 fev. 2026.

¹³ Lançada em 1966. Cangoma é um instrumento musical utilizado pelas pessoas escravizadas, Clementina de Jesus utiliza o tambor como um símbolo central de resistência e comunicação entre os africanos escravizados no Brasil. O "cangoma" vai além de ser apenas um instrumento musical: ele representa a força coletiva e a esperança de liberdade. (trecho extraído do site: <https://www.letras.mus.br/clementina-de-jesus/1554398/significado.html>)

frente aos ataques e violações de direitos sociais, o que tornou possível construir outras realidades neste bairro.

2.2. Territórios negros: periferia quilombo

...o quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica nacional. O fato de ter existido como brecha no sistema a que os negros estavam moralmente submetidos projeta a esperança de que instituições semelhantes possam atuar no presente ao lado de várias outras manifestações de reforço a identidade cultural (Nascimento, 2018, p. 294).

Neste subtítulo vamos dialogar sobre o conceito de territórios negros e como as periferias das cidades, historicamente segregadas pelo racismo e o classismo, se organizam como grandes quilombos e reagem as investidas violentas do capital.

Esta reflexão busca ampliar a relação entre território e raça, a compreensão das correlações de forças que permeiam o planejamento urbano no Brasil, e como são atravessadas estruturalmente pela classe, gênero e raça e destaque também a dimensão espacial como um elemento importante de intersecção para analisar a realidade da constituição dos territórios. A arquiteta e urbanista Joice Berth (2023), no livro “Se a cidade fosse nossa?”, levanta um questionamento sobre a formação das cidades “Quem vê território não vê raça?”. Com base nessa indagação ela desenvolve uma análise importante sobre a configuração socioespacial e sociorracial das cidades, fazendo uma incursão pela história da colonização brasileira e o pós-abolição.

O sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) discute como as raízes coloniais constituem o poder nas relações sociais na América Latina, conceituando como a colonialidade se expressa nas políticas sociais e econômicas dos países considerados de terceiro mundo no capitalismo globalizado. A socióloga e professora argentina Maria Lugones (2008) amplia sua análise trazendo para cena a relação entre colonialidade e gênero, apontando como essa relação submete as mulheres, especialmente as mulheres negras, à superexploração e invisibilização do trabalho necessário para produção e reprodução do capital, como sinaliza a cientista política e historiadora Françoise Vergès em seu livro “Feminismo decolonial” (2020). Além disso, como essa relação se intersecciona na formação social e espacial das cidades, particularmente a cidade de São Paulo.

No pós-abolição começa um processo de reorganização territorial político e racial no país, a política de extermínio da população negra se intensifica neste período, as pessoas negras que foram alforriadas “*libertas*” não tinham moradia, não foi ofertada nenhuma política de integração ao novo modelo econômico rural e urbano em curso. Assim, a segregação espacial foi se constituindo, como um dos mecanismos de exclusão e violência contra população negra. Berth trata da formação dos bairros periféricos no Brasil Colônia e afirma que

...nas cidades, a população que resolveu tentar lugar ao sol no novo modelo urbano que começava a se formar em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, por exemplo, deram origem às primeiras áreas periféricas, se valendo de habitações coletivas, como os cortiços, porões e, posteriormente, as favelas para promover algum abrigo ou moradia (Berth, 2023, p. 107).

Os bairros periféricos estão socialmente e racialmente apartados dos grandes centros, embora seja possível afirmar que há conformações de territórios negros nas regiões centrais, a exemplo a cidade de São Paulo que abriga em bairros centrais cortiços, ocupações e grupos organizados que buscam reafirmar a identidade negra, como no bairro do Bixiga, com a presença da escola de samba Saracura Vai-vai, fundada em 1920 em homenagem ao Quilombo Saracura, que existiu naquele bairro.

Mas, as regiões periféricas são os territórios onde se concentra o maior índice de pessoas negras, segundo Mapa da Desigualdade de 2022. Os bairros do extremo sul e leste da cidade de São Paulo tem índice populacional marcadamente preta e parda, como apontam as estatísticas a seguir: Jardim Ângela 60,1%, Grajaú 56,8%, Parelheiros 56,6%, Lajeado 56,2%, Cidade Tiradentes 56,1% e Itaim Paulista 54,8. A geógrafa Lourdes Carril, em sua tese de doutorado “Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania” (2003), descreve como as favelas e os cortiços são estigmatizados, sendo compreendidos como locais onde a criminalidade, o tráfico, o uso de drogas e a prostituição, são as únicas realidades para esses territórios, periferias como regiões perigosas que precisavam ser evitadas. A busca por cidadania é uma posição que ela defende, ilustrando como na história esses territórios se formaram e as possibilidades de transformação com as potencialidades que existem no interior das comunidades, favelas e periferias. Ela afirma que essa estigmatização não mudou com a República e Estado Moderno.

A favela, seguida de cortiços, tornou-se um dos primeiros núcleos de habitação da população recém egressa da escravidão. Trata-se de núcleo habitacional surgido desordenadamente, em terreno público, de domínio não definido ou mesmo alheio, localizado em áreas sem urbanização ou melhoramentos. O termo chegou ao Rio de Janeiro no século XIX para

denominar exatamente uma parte do morro da Providência, por semelhança com um “morro da Favela”, existente no interior da Bahia, de onde vieram, após Guerra de Canudos, em 1897, alguns dos primeiros povoadores. Esse núcleo pioneiro tornou-se forte pólo irradiador da cultura negra, da mesma forma que outras favelas foram se formando no Rio, no maciço da Tijuca, em direção aos subúrbios, a Baixada Fluminense e à zona oeste da cidade. Em São Paulo, segundo Rodrigues (1988), a favela expandiu-se por volta da Segunda Guerra Mundial (Carril, 2003, p. 230).

Os bairros periféricos estão excluídos da implantação e implementação na integralidade de políticas públicas, sendo estes territórios marcados pela ausência de atendimento médico adequado, saneamento básico, presença de moradias em locais precários e violência policial.

Berth (2023) fundamenta sua reflexão sobre a organização arquitetônica e espacial das cidades e analisa como a ideologia eugenista estava presente no pensamento dos colonizadores que chegaram ao Brasil. Weber Lopes Góes afirma que “Ao mesmo tempo, a burguesia, para justificar seu projeto de dominação, formulou argumentações para que os grupos sociais, nesse caso, africanos, pudessem ser submetidos” (Goes, p.27, 2022), as violências do processo de colonização indígena e africana reproduzida pelos colonizadores anos depois nomeada por Francis Galton¹⁴ na sua defesa de raças superiores, como eugenia no século XIX (Berth, 2023), reforçada pela teoria de Karl Von Mathius em 1838 (Missionato, 2021).

A formação das regiões periféricas teve início ainda no período escravocrata. As políticas abolicionistas que entraram em curso anos antes de 1988 e as relações econômicas com o norte global, dava sinais aos senhores coloniais que a forma de operar o trabalho e a produção nas cidades e no campo precisava mudar. A prof^a Raquel Rolnik escreveu o artigo, em 1989, “Territórios negros nas cidades brasileiras (etnicidade e cidades em São Paulo e Rio de Janeiro)” que dialoga sobre as transformações das cidades no processo de transição de sistema econômico e a incidência no Estado. Ela afirma que

A “solução” da questão foi o deslocamento de milhares de europeus, sobretudo italianos, para as terras paulistanas. Os primeiros foram

¹⁴ Sir Francis Galton (1822-1911) foi um cientista que iniciou seu percurso pesquisando sobre os mapas meteorológicos, sua formação inicial em matemática e as expedições ao Egito foram as incursões iniciais da sua carreira, porém após a apresentação do trabalho do seu primo Charles Darwin “Evolução das Espécies” ele desenvolveu interesse particular sobre as formas de progresso dos seres humanos, sob a perspectiva de que havia seres humanos superiores aos outros, possibilidades de transformar as raças e deixá-las puras, classificando os sujeitos e assim criando teoria que em 1883 cunhou nome de “Eugenia” e foi base teórica para inúmeras violações de direitos, no Brasil essa teoria fundamentou os estudos de Renato Kehl (1889 - 1974), eugenista que cunhou estudos sobre as estruturas físicas de pessoas negras e indígenas, argumentando que as diferenças físicas eram as marcas que expressam a superioridade das pessoas brancas, como base o pensamento colonial eurocêntrico.

subsidiados pelo governo de São Paulo e encaminhados até as fazendas; porém, logo a imaginação espontânea superou a subsidiada e São Paulo italianizou-se. A substituição do escravo negro pelo imigrante livre foi acompanhada de um discurso que difundia a solução como alternativa progressiva, na medida em que europeus “civilizados e laboriosos” trariam sua cultura para desenvolver a nação. A alternativa também implicou também a formulação de uma teoria racial: a raça negra estava condenada pela bestialidade da escravidão e a vinda de imigrantes europeus traria elementos étnicos superiores, através da miscigenação poderiam branquear o país, numa espécie de transfusão de puro e oxigenado sangue de uma raça livre (Rolnik, 1989).

O pensamento eugenista favoreceu os processos de submissão e escravização de pessoas negras no Brasil. As navegações que invadiram e expropriaram riquezas do sul global, teve no racismo a dimensão importante de aprofundamento nas relações sociais estabelecidas nessa quadra histórica marcada pelo capitalismo comercial/ mercantil. Essa mesma narrativa ganhou novas camadas nos pós-abolição, quando a força de trabalho escrava de pessoas negras não era mais interessante para o sistema econômico em desenvolvimento no Brasil.

Os colonizadores chegam ao nosso país invadindo terras indígenas, escravizando aldeias inteiras, sob a premissa de que as pessoas que não se assemelham a eles são seres inferiores, incapazes de estabelecer uma sociabilidade a não ser a servil e o mesmo ocorreu com os povos escravizados de África. Berth adverte para o cuidado com as narrativas que estabelecem uma relação de colaboração entre povos/ tribos africanas e os europeus no processo de tráfico e escravização:

Aliás, a afirmação de que houve colaboração entre europeus e africanos para viabilizar o sequestro de pessoas que seriam escravizadas merece especial atenção, uma vez que é servido de argumento para negacionistas radicais. Ainda que algumas autoridades africanas tenham colaborado com o tráfico de pessoas, isso não serve de justificativa para eximir o continente europeu do crime. Sobretudo porque não sabemos em que condições tais parceria se deu, se por livre e espontânea vontade ou por algum nível de coerção, uma vez que a Europa já era um poder consolidado no século XV (Berth, 2023, p. 126).

Quijano (2005) nos chama atenção para a colonialidade do poder, e como as narrativas dos colonizadores estruturam um status de “*sujeitos superiores*” sendo a sua raça e gênero o ponto de partida para observar o mundo, criando as diferenças quanto a cor da pele, sexualidade e classe social, sendo o branco o padrão aceitável de pessoas civilizadas. Todos os demais são desvios que precisam ser apagados e/ou silenciados, se constituindo desta forma a colonialidade do poder que estabelece uma

forma sobre o corpo, trabalho, sexo e as relações sociais baseadas em padrões “eurocêntricos” de civilidade e modernidade.

Lugones (2008) amplia e tenciona o conceito de Colonialidade do Poder, apresentada por Quijano. Ela analisa como a intersecção de raça e gênero aprofunda as violências contra as mulheres não brancas, ampliando a compreensão de como as relações sociais intensificam as desigualdades. Vergés (2021) aponta que as mulheres negras são as responsáveis por abrir as cidades, garantem a limpeza, alimentação e os cuidados que socialmente são compreendidos como naturais do desenvolvimento biológico das mulheres, por isso é menos valorizado, e quando o capital se apropria desses corpos, ditando quanto sua força de trabalho vale, pela cor da pele e gênero, as mulheres negras são hiperexploradas, silenciadas e invisibilizadas.

No entanto, as mulheres negras, ao longo da história, criaram estratégias de subversão à lógica colonial. A escola de samba Império da Casa Verde trouxe para o sambódromo em São Paulo, em 2026, o samba enredo “Império dos Balangandãs: Joias Negras Afro-Brasileiras”, homenageando as “negras de ganho”, mulheres negras libertas que trabalhavam para garantir a compra da alforria de outras pessoas escravizadas. As irmandades da boa morte também nascem da organização dessas mulheres, e por isso considero tão necessária observar a organização das mulheres negras a partir das ações contracoloniais que promoveram e promovem até os dias atuais, subvertendo igualmente a ordem capitalista de apropriação do tempo, corpo e saúde mental através do trabalho/emprego.

Meu rei, o tigre me chamou
 Muito prazer, Dona Fulô
 No tabuleiro da baiana tem
 Em contas vibram rituais
 Vou te contar de onde vem
 É ganho de preta pra se libertar
 Os brincos, anéis e pulseiras
 Me adornam, contornam
 Se faz candeeiro
 É negro o fim do açoite, lá se vai o cativoiro

Meu destino alumiu, o pescoço é um altar
 Amuleto Salvador, na argola
 Elegância de mulher, que me trança em tua fé
 Sou da mina de Benin, do Congo e Angola

Tem ouro, prata e turbantes de algodão
 Frutas da estação, rosas tão coloridas
 Nesse gingado carregado de axé
 Descendo o Pelô, têm pescado e acarajé

O amor, fundamento que o seio alimentou
 Exemplo que Ciata inspirou
 Liberdade, igualdade, pois todo imperiano é assim
 É resistência, que renasce em mim

Bate tambor, o Império mandou me chamar
 Nos balangandãs de ioiô e iaiá
 Lá vem Casa Verde quebrando correntes
 Abre a roda, o samba já vai começar

**Composição de Diogo Nogueira / André Diniz /
 Arlindinho Cruz / Bocão / DARLAN / Fabiano Sorriso**

Na sua tese de doutorado “O samba segundo as lalodês: mulheres negras e a cultura midiática”, Jurema Werneck (2006) descreve como as mulheres negras, através da oralidade e saberes que ficaram a salvo na memória, foram e são as grandes responsáveis por promover novas epistemologias. Ela traz Lélia Gonzalez e suas reflexões sobre a formação da linguagem no Brasil e como as mulheres negras que viviam na Casa Grande, foram responsáveis por transmitir as pessoas brancas em sua criação formas de linguagens vindas de África. Werneck aponta que o samba e as mulheres negras são expressões importantes de uma ancestralidade que fica eternizada nas músicas e também considero que seja uma prática contra colonial.

Conscientemente ou não, passaram para o brasileiro “branco” as categorias das culturas africanas de que eram representantes. Mais precisamente, coube à “Mãe Preta”, enquanto sujeito-suposto-saber, a africanização do português falado no Brasil (o “pretuguês”, como dizem os africanos lusófonos) e, conseqüentemente, a própria africanização da cultura brasileira (González, 1982, p. 94).

Durante o período da escravatura, a vida social era mediada a partir da “Casa-Grande”, toda economia colonial girava em torno deste espaço – aqui vamos compreender a Casa-Grande como centro do poder, sendo a Senzala as margens, a periferia. As violências contra pessoas escravizadas começavam no centro do poder, espraiando para as outras dimensões das relações sociais. Essa sociabilidade forma o pensamento brasileiro, Freyre (2003) teorizou sobre as relações dentro da Casa-Grande, apresentando as pessoas escravizadas como seres gentis, resignados com a sua condição, construindo uma imagética sobre as pessoas negras que Gonzalez (1984) denomina como neurose cultural brasileira. Mas, vale destacar que houve inúmeros movimentos de resistência, como aponta Moura (1993) ao afirmar que “O

negro, durante a escravidão, lutou como escravo por objetivos próprios. Mas lutou, também, em movimentos organizados por outros segmentos sociais e políticos.” (p.125). Importante destacar as insurgências das pessoas negras escravizadas, pois elas são sementes para resistências até os dias de hoje, como veremos adiante.

A abolição da escravidão, em 1888, teve como pano de fundo as transformações econômicas a nível mundial, com destaque para a Europa que estava em franco desenvolvimento industrial. O novo sistema econômico exigia novas formas de exploração do trabalho, pressionando o Brasil a abolir o escravagismo e inserir novas forças de trabalho nos campos e nas cidades, os imigrantes, mas, a escravidão era uma marca na história do Brasil, cunhando um termo psicanalítico, era necessário recalcar está grande ferida, apagando e silenciando as pessoas negras. Assim, a política de extermínio da população negra se intensifica no pós-abolição, os negros e negras alforriadas “*libertos*” não tinham moradia e trabalho adequados e a elas não foi ofertada nenhuma política de integração ao novo modelo econômico rural e urbano.

Com a abolição da escravidão era necessário apagar da história do país a marca escravocrata, para isso era importante apagar as pessoas negras e seus símbolos. Surge neste processo o projeto de branqueamento da população planejado pelas elites e o Estado, seja com a entrada de imigrantes europeus, seja com a morte das pessoas negras que foram abandonadas sem recurso, trabalho, casa, comida itens básicos para sobrevivência etc. Berth aponta:

Ainda assim, a negritude recém libertada permaneceu sem nenhuma garantia sócio econômica que possibilitasse seu desenvolvimento, e os tais Códigos de Posturas, leis ordenadoras do território urbano, agravariam mais ainda a situação...Já nas cidades, a população que resolveu tentar lugar ao sol no novo modelo urbano que começava a se formar em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte, por exemplo, deram origem às primeiras áreas periféricas, se valendo de habitações coletivas, como os cortiços, porões e, posteriormente, as favelas para promover algum abrigo ou moradia (Berth, 2023, p. 107).

Por isso, não podemos falar sobre território sem levar em consideração que existe uma segregação socioespacial e sociorracial do território. Isso nos provoca a pensar qual a função social dos territórios no capitalismo. Ele é chão das relações sociais, onde se expressam as contradições, um olhar para além do aparente, da paisagem, no território onde as relações sociais se estabelecem, é onde as histórias se constituem, não é apenas um espaço geográfico e, sim, espaço onde as relações

de poder se formam, as desigualdades se manifestam, além de firmar uma dimensão material e simbólica, como destaca o geógrafo Milton Santos (2020).

Aqui podemos refletir como as cidades modernas se organizam enquanto espaço, como a eugenia criou territórios negros, onde as políticas públicas não chegam em sua totalidade, onde o Estado com seu braço armado ceifa a vida de meninos e meninas negras. Essa política de morte fica evidente quando pensamos em longevidade para população negra, fica patente a disparidade do direito ao envelhecimento, como aponta Adão (2024):

A expectativa de vida no Brasil era de 75,5 anos em 2022, segundo o IBGE. No entanto, pessoas negras têm, em média, uma longevidade menor, revelando desigualdades persistentes. Um estudo da Unicamp mostrou que, enquanto a população negra vive, em média, até 67 anos, a de pessoas brancas chega a 73. Em regiões como o Rio de Janeiro, essa disparidade é ainda mais expressiva: em Queimados, a média de vida para a população negra é de apenas 48 anos, enquanto em Niterói a média geral é de 70. Esses números escancaram como as desigualdades estruturais afetam diretamente a longevidade de uma parte significativa da população brasileira.¹⁵

Não podemos pensar que o planejamento urbano das cidades é realizado descolado das relações de gênero, raça e classe, essa intersecção, na verdade, orienta a formulação dos investimentos nos territórios, e nestes espaços também as subjetividades são constituídas. Dentro desta lógica opressora de divisão sócio espacial, podemos afirmar que para as pessoas negras foram reservadas as periferias e favelas, e quando rompem com as barreiras socialmente construídas e alcançam outros lugares não são aceitos pela elite racista/patriarcal e cisheteronormativa, essas pessoas são atravessadas pelo sofrimento psíquico, resultado das violências racistas a que ficam expostas (Souza, 2021).

Segundo o professor Jefferson Garcia (2022, p. 231) *“O racismo é a síntese de múltiplas determinações econômicas, ideológicas, subjetivas, históricas, políticas, culturais dentre outras, que implicam formas de exploração, dominação e opressão”*. A compreensão das inúmeras dimensões que constituem o racismo nos possibilita tecer uma crítica contundente à organização territorial, que foi realizada no país. Assim como é necessário estudar a realidade em sua totalidade, racializar nossas reflexões

¹⁵ <https://www.cartacapital.com.br/blogs/br-cidades/territorios-de-vida-e-morte-reexistencia-negra-nas-cidades/>

é fundamental, apresentar formas de resistência e enfrentamento ao racismo faz parte deste exercício político e intelectual.

Sobre o exercício político, militante e intelectual de pessoas negras, a psiquiatra e psicanalista Neuza Santos Souza (2021) enfatiza que:

Um novo ideal do ego que lhe configure um rosto próprio, que encarne seus valores e interesses, que tenha como referência e perspectiva a história. Um ideal construído através da militância política, lugar privilegiado de construção transformadora da história (Souza, 2021, p. 77).

A historiadora Maria Beatriz Nascimento (2018) faz uma analogia colocando as favelas do Rio de Janeiro como grandes quilombos e traduz a importância de observar as potencialidades destes territórios, espaços profícuos de luta e resistência, como foi o Quilombo dos Palmares¹⁶. Os negros não foram pacíficos diante da escravidão, muitos morreram ainda na travessia e durante a invasão de Palmares em 1694 pelos bandeirantes, homens e mulheres pularam de penhascos para não voltar para as senzalas. Muitas mulheres faziam abortos para que seus filhos não sofressem com as violências da escravidão. Houve luta, houve resistência em várias frentes e nos territórios negros da modernidade não é diferente.

O quilombamento se expressa pela conformação das casas, becos e vielas (aspecto arquitetônico de utilização do espaço nas periferias), na associação de moradores, nos centros de cultura, nas escolas de samba, nos terreiros ou nas hortas comunitárias que têm uma potência organizativa importante.

Nestes espaços é possível observar que o cuidado e as articulações que podemos entender como promoção e produção de vida através de práticas de saberes ancestrais, como as ervas que são cultivadas nas hortas comunitárias, e doadas para chás e remédios que podem amenizar dores e doenças que a medicina tradicional ainda não alcançou, a coleta de alimentos para doações entre as mulheres que estão reunidas em associações de bairros, igrejas etc., são ações desenvolvidas majoritariamente por mulheres negras e não brancas, como estratégias importantes de garantias de cuidado, e resistência a escassez imposta esses territórios.

¹⁶ O Quilombo dos Palmares surgiu no final do século XVI (por volta de 1590, com registros de 1597) na região da *Serra da Barriga*, na então Capitania de Pernambuco, que hoje corresponde ao estado de Alagoas. Essa localização estratégica, em uma área de densa mata e difícil acesso, repleta de palmeiras (daí o nome "Palmares"), oferecia refúgio e segurança para os negros e negras que fugiam dos engenhos de cana-de-açúcar de Pernambuco e da Bahia. No auge de sua existência, o Quilombo dos Palmares abrigou uma população estimada em até 20 mil habitantes, incluindo africanos de diversas etnias, crioulos (nascidos no Brasil), e até mesmo alguns indígenas e brancos pobres. <https://gemini.google.com/app/88152d9df3b9e3dd?hl=pt-BR>. Acesso em 21 Jun. 2025.

Aqui destaco que não há uma romantização sobre a autogestão promovida nestes espaços e que esse movimento por vezes vem acompanhado da denúncia de ausência do Estado enquanto responsável por garantir insumos básicos para sobrevivência da população. Esses territórios são majoritariamente ocupados por mulheres negras, que também promovem rodas de conversa, coletivizam suas dores, mas traçam estratégias de sobrevivência e resistência.

Podemos considerar que o conhecimento produzido nesses espaços por mulheres negras de várias idades e nacionalidades (na zona leste de São Paulo há uma grande concentração de mulheres imigrantes de países da África e do Haiti) compõe uma epistemologia nova, com linguagem própria, um movimento contracolonial, como bem evidencia Antônio Bispo dos Santos - Nego Bispo (2023).

O quilombo para Nascimento (2018) é um território vivo, se forma e se mantém pelas pessoas que ali habitam, é o espaço físico e se organiza como um guerreiro, protegendo as memórias e potencializando as lutas. Nesse sentido, consideramos as periferias como “grandes quilombos”, chão onde as identidades negras se formam, a oralidade das mulheres negras griôs¹⁷ promove a força que tudo pode movimentar ao garantir que a memória seja preservada, junto com ela os saberes e tecnologias ancestrais. Destaco a importância dos griôs na cultura africana, os contadores de história que reuniam as pessoas da sua comunidade para contar as histórias, mitos e lendas que garantem que a memória viva seja transmitida para outras gerações, assim os saberes se reproduzem no dia a dia daquela comunidade.

Os quilombos no período da escravidão desenvolveram um funcionamento próprio. A auto-organização dos quilombos provocava um deslocamento do centro do poder, havia uma outra sociedade se estabelecendo no Brasil, desenvolvendo outras formas de economia, refletindo nas relações sociais e na relação com a natureza, sendo uma ameaça ainda maior ao sistema colonial.

A primeira referência a quilombo que surge em documentos oficial português data de 1559, mas somente em 2 de dezembro de 1740 as autoridades portuguesas definem ao seu modo o significado do quilombo. O nordeste brasileiro emergia de um século de guerras em que vários quilombos, sobretudo aqueles reunidos na República de Palmares, resistiam as

17 Griôs são os contadores de história nas tribos africanas, pessoas responsáveis por transmitir a história oral dos seus povos. São a memória viva das trajetórias das suas tribos. Vídeo retrata a história dos griôs na África. Disponível: https://www.youtube.com/watch?v=VxM_2332cxg Acesso em 20 Nov. 2024.

investidas militares contra os núcleos de população negra livre do domínio colonial (Nascimento, 2018, p. 280).

Berth (2023) faz uma provocação importante sobre a organização e planejamento urbano das cidades, interpelando a forma como o Estado vê os territórios e planeja a cidade. Para a autora, é evidente pelo percurso da formação sócio-histórica do país que as regiões periféricas são ocupadas predominantemente por pessoas negras. Nesse sentido, as políticas públicas precisam levar em conta a dimensão racial da periferia, mas isso não ocorre, como já dissemos anteriormente ao tratar da implementação de políticas sociais nestes locais.

Diante dessa realidade, a organização no interior destes territórios é a estratégia encontrada para assegurar pequenos avanços na execução de políticas públicas, reivindicando sistematicamente a ampliação da oferta dos meios de transporte público, moradia, serviços de convivência, entre outras. Mas, também promovem ações autogestionadas que garante a promoção de espaços de vida sem intervenção direta do Estado, as escolas de samba, pontos de cultura, terreiros de matriz africana, hortas comunitárias, que são territórios vivos dentro do espaço compreendido enquanto bairro, nos quais as mulheres negras são lideranças.

É na confluência das ideias que a luta das mulheres negras nestes territórios rompe as barreiras impostas pelo pacto da branquitude (Bento, 2022)¹⁸, que se expressa na divisão espacial das cidades, colocando seus corpos e vozes em movimento, denunciando a ausência de políticas públicas que promovam o bem viver, criando novas formas de sociabilidade e relação com a cidade, contribuindo para uma análise crítica da realidade permeada de contradições.

Minha pesquisa busca compreender outras perspectivas de periferia, de territórios negros, uma que não seja definida pela escassez e mazelas, como usualmente é retratada. Acredito que nesses territórios negros há uma potência criadora de vida, sendo as mulheres negras as maiores protagonistas das ações organizadas de denúncia da ausência do Estado. Elas também são criadoras de estratégias de manutenção da vida, novas epistemologias são produzidas por essas

¹⁸ Para Cida Bento, o *Pacto da Branquitude* não se trata de um acordo conspiratório entre pessoas brancas para oprimir pessoas negras. Pelo contrário, é um *acordo implícito, não verbalizado e inconsciente*, que opera na sociedade para manter e reproduzir os *privilégios da branquitude* e as *desigualdades raciais*. O Pacto da Branquitude é um mecanismo fundamental do *racismo estrutural*, que atua para garantir que as estruturas racistas permaneçam intactas, impedindo mudanças efetivas e a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

mulheres, através da oralidade, o conhecimento é transmitido por gerações, sendo um marco importante de resistência ao memoricídio.

2.3. Lajeado Velho: Quilombo Aldeia

Nós somos sementes rachando muros e prédios
 Construindo o mundo novo na chuva ou no sol
 Quilombo Aldeia
 Toda terra que caminha
 Tem tanto pra retomar

Kae Guajajara e Rincon Sapiencia¹⁹

Neste subtítulo, pretendo apresentar o chão da minha pesquisa, território que fez e ainda faz parte da minha trajetória de vida e, hoje através da minha escrita posso retribuir todos os aprendizados que construí com as mulheres, sobretudo as mulheres negras deste bairro.

Quando decidi estudar o conceito de territórios negros, sua organização socioespacial e racial em São Paulo, e como as mulheres negras produzem estratégias de produção de vida, não tinha como eleger outro lugar que não o Lajeado, lugar que sempre teve todas as características que hoje, como uma pesquisadora de territórios e territorialidades consigo nominar, a potencialidade e organização política que bairros periféricos historicamente tem.

A relação afetiva que desenvolvi com esse território me aproximou em 2015 das/os pesquisadores do Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guaianás (CPDOC) Guainás, este projeto teve início em 2012 e foi idealizado pelos moradores do bairro de Guaianases, Lajeado, Cidade Tiradentes e São Mateus, historiadores, geógrafos e pessoas ligadas à cultura integram este coletivo de pesquisadores.

A idealização deste espaço tem seu nascimento em 2012 vinculado ao Movimento Cultural dos Guaianases, mas será em 2014 com o desenvolvimento do seu primeiro projeto “Nas Divisas do Muro da História” com apoio do Programa de Valorização à Iniciativas Culturais (VAI) que a ideia começa a ganhar materialidade. Em 2015 torna-se um Ponto de Cultura com o projeto “Nas Trilhas dos Guaianás” pelo programa Cultura Viva da cidade de São Paulo em conjunto com o Ministério da Cultura. Atualmente

¹⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Wdau01kPvZQ> “Quilombo Aldeia” música escrita pelo rapper e poeta Rincon Sapiencia e interpretada pela cantora e compositora Kae Guajajara. Acessado: 20 nov. 2024.

desenvolve o projeto “Passagem Funda” com subsídio do Fomento à Periferia da Prefeitura de São Paulo.²⁰

Durante minha pesquisa de campo, tive acesso ao acervo do CPDOC, eles promovem atividades com roteiros pelo bairro, caminhadas que possibilita a vivência no território e ilustra como a história do bairro com as narrativas dos pesquisadores que coordenam as rotas, outra atividade promovida por este coletivo é o registro da memória dos moradores do bairro, através da oralidade, mas também com fotografias cedidas pelos moradores para o acervo e gravações de audiovisual.

O coletivo tem uma página no Youtube onde há uma sequência de registros audiovisuais pelo projeto “Histórias do meu bairro” com entrevistas onde moradoras/es do bairro narram suas memórias sobre o território onde vivem.²¹

No artigo Pedreira Lajeado “Vicente Mateus” – Guaianases (2019) da geógrafa Fabiana Souza Ferreira e dos geógrafos Rodrigo José de Oliveira e Gilberto Correia dos Santos, reflexões dos processos de formação realizadas pelo CPDOC Guaianás, a história do bairro foi sistematizada de forma cronológica e descreve a formação territorial de Guaianases, além de ser o documento que utilizo para apresentar o Lajeado Velho.

Quem pisou neste chão antes de nós? Os primeiros habitantes deste território foram indígenas Tupi, esses povos originários se estabeleceram no local, parte desses povos eram conhecidos como Guaiánas, eles receberam outro nome como Guaianã. Esse agrupamento se manteve na região até o século XVI, viviam da caça, pesca e coleta, e foram dizimados com a chegada da missão jesuítica em 1820, o Padre José de Anchieta foi um dos responsáveis pelas incursões catequizadoras na região.

Mesmo com todos os esforços para apagar a presença indígena neste território, a memória deste povo ficou gravada no nome do bairro que passa a se chamar “Guaianases” em 1948. Isso é uma forma de resistência a política colonial de apagamento da memória dos povos originários, inegável o processo de catequização foi uma estratégia para “civilizar” a população nativa do Brasil, por considerar que suas práticas e rituais eram retrógrados e desumanizados. O pensamento eurocêntrico que observamos até os dias de hoje não valida saberes e rituais, performance da voz e

²⁰ Site CPDOC Guainás: <https://cpdocguaianas.com.br/quem-somos/>

²¹ Youtube do projeto “Histórias do meu bairro” https://www.youtube.com/watch?v=Kgnn33PQrrg&list=PLdEQfrFafVbrJ_az9rW3Qg4vQPjEMgMhE&index=27

corpo dos povos originários e vindos de África. Mas, o bairro registrou em seu nome a passagem de povo que infelizmente não existe mais, no entanto será lembrado e materializado por todos que estudam territórios e voltam suas análises para essa parte da cidade.

Figura 8: Representação dos indígenas Guainás no Acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.



Foto: Site do Instituto Bixiga. Disponível em: <https://institutobixiga.com.br/rolesp-arrabaldes-paulistanos-um-regate-historico-de-lajeado-e-guianases-escola-emef-saturnino-pereira/>

Os povos Guainás eram nômades, transitavam pela Serra do Mar e se apropriaram deste conhecimento desenvolvido por eles, o que tornou possível a construção de rotas que seriam utilizadas pelos tropeiros durante o império colonial, muitas estradas que conhecemos hoje, caminhos que viabiliza a subida e descida para as regiões litorâneas foram traçados por esses e outros povo originários.

O bairro do Lajeado Velho se constituiu como primeiro bairro com a construção da Capela Santa Cruz do Lajeado, inaugurada em 03 de maio de 1861, ao entorno dela se formaram vilarejos, as rotas que os povos Guainás faziam pela Serra do Mar, agora era estrada de tropeiros e foram passagens para rota do ouro. Estudos historiográficos apontam que o Imperador do Brasil, Dom Pedro II, em uma das suas incursões passou e pernitoou no Lajeado Velho, a rota que servia de acesso para ele e outros viajantes ficou conhecida como Estrada do Imperador – atualmente conhecida como Estrada do Lajeado Velho.

Figura 9: Capela Santa Cruz do Lajeado inaugurada em 1821. Foto



Fonte: Site do Instituto Bixiga. Disponível em: <https://institutobixiga.com.br/rolesp-arrabaldes-paulistanos-um-regate-historico-de-lajeado-e-guaianases-escola-emef-saturnino-pereira/>

Em 06 de novembro de 1875, chegou a Guaianases a Estrada de Ferro Central do Brasil que ligou os principais estados do Brasil da época, uma marca do progresso. A historiadora Sheila Alice Gomes da Silva, em sua dissertação de mestrado “Negros em Guaianases: Cultura e Memória”, descreve como a chegada dos trilhos neste território foi mais uma forma de demarcar e dividir o bairro, hierarquizando as relações e sua divisão sócio espacial.

E para o Lajeado não foi diferente, os trilhos exerceram uma inquestionável influência urbana, geográfica e econômica, além de orientar a divisão e hierarquização do território. A estrada de ferro chega e desconecta à vida social, cria dois espaços distintos. O conjunto de terrenos mais próximos da estação de trem passa a ser chamado de Lajeado Novo, e o entorno da Igreja Santa Quitéria, o Lajeado Velho (Silva, 2016, p. 107 apud cf. Castilho, 2007).

Silva (p.106, 2016) nos chama atenção para as desigualdades territorial e social que se formam com a chegada da linha férrea, seu simbolismo marcado pelo progresso coloca os moradores que residem próximo a linha do trem no Lajeado Novo, como uma pseudo “elite” tendo acessos, ainda que precários, a comércios, à urbanização como ruas pavimentadas, acesso ao centro de São Paulo, através da linha de trem. Em 1929, o bairro foi oficialmente dividido em dois distritos, mesmo com a renomeação do bairro para Guaianases em 1948, o Lajeado Velho segue sendo compreendido como um distrito, e as diferenças territoriais e relações sociais constituídas em cada território os torna muito distintos entre si. A Horta Comunitária

da Vila Nancy está localizada no Lajeado Velho e por isso darei mais atenção a esse distrito.

Figura 10: Estação de Guaianases, inaugurada em 1875



Fonte: Acervo CPDOC Guaianás [s. d.].

O crescimento populacional e democrático, a partir de 1880, evidência a chegada de imigrantes europeus que vieram com a chegada da linha férrea e se instalando na região do Lajeado Novo, e o Lajeado Velho se tornou território das pessoas mais pobres e negras residentes do bairro.

Figura 11: Estação de Guaianases em 1970.



Fonte: Acervo CPDOC Guaianás [s. d.].

Os responsáveis pela produção de café, cana de açúcar, leite e ouro, traziam para o bairro imigrantes europeus (italianos, espanhóis e portugueses) para trabalhar nas olarias²² e pedreiras, desenvolvendo trabalhos que até então eram realizados por pessoas escravizadas. Há registros que os tijolos fabricados no bairro foram utilizados nas construções do centro de São Paulo, como teatro municipal e outras construções históricas da cidade.

²² *Olaria* é o termo que se refere a um local ou estabelecimento destinado à *produção de objetos feitos de barro ou argila, especialmente tijolos e telhas*. É um tipo de cerâmica mais rústica e voltada para materiais de construção, em contraste com a cerâmica fina ou artística. As olarias são, essencialmente, *fábricas de louça de barro*, onde a principal matéria-prima é a *argila*. Elas desempenham um papel fundamental na indústria da construção civil, fornecendo os materiais cerâmicos básicos para a edificação de casas, prédios e outras estruturas. Disponível em: <https://gemini.google.com/app/88152d9df3b9e3dd?hl=pt-BR> Acesso em: 21 jun. 25

Figura 12: Olaria do Parque Chácara das Flores, Lajeado – SP



Fonte: Site do Wikiwand. Disponível em:
[https://www.wikiwand.com/pt/Lajeado_\(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo\)](https://www.wikiwand.com/pt/Lajeado_(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo))

A chegada dos imigrantes ao bairro fazia parte das estratégias eugênicas de embranquecimento dos corpos e apagamento das memórias como já analisamos na sessão anterior. Observar como essa estratégia foi utilizada no bairro que passei um tempo de vida, me fez refletir como a resistência das pessoas negras que estavam neste território e vieram para Guaianases, no pós-abolição é uma forma política de enfrentar o memoricídio e soterramento da história.

Silva (2016, p. 107) aponta em seus estudos sobre a memória negra no bairro, que houve inúmeras investidas coloniais para que a história do bairro fosse fundada nas ações dos imigrantes europeus que habitaram esse território. Ela conta como os nomes das ruas dos bairros são marcas importantes da presença europeia no bairro e como isso é uma forma de contar a história apenas pelo ponto de vista de um narrador: o europeu. Ela traz, na sua dissertação, um poema feito pela dirigente educacional da época Mara Gianetti²³, como homenagem ao aniversário de 146 do bairro, intitulado “Guaianases Nossa Terra”.

²³ A família Gianetti é oriunda da Itália e está presente no bairro desde o início do século XX, dedicando-se às olarias, conforme declara Maria Ângela “Mara” Gianetti, em depoimento cedido ao documentário sobre o bairro de Guaianases, parte integrante da série de documentários intitulada: *História dos Bairros de São Paulo*, copatrocinado pela prefeitura de São Paulo, por intermédio da Secretaria Municipal de Cultura, nos anos de 2007/2008. (Silva, 2016, p.107)

“Guaianases Nossa Terra”

Da Adega do Teixeira.

[...] Da Chácara dos Radiantes e seus vinhos.

Dos Depósitos 22, São João, Vargas, Diório e Garotão. [...] Do Zé Turco e Carlito, pioneiros mascates.

Do Correio, do eu João e Dona Didita, Das vendas do Lulu, do Nucho e do Jacó.

Das Lojas do Nicola, Toninho e Nelson Diório.

Do Jamil, do Valdir, do Renato, do Joaquim e do Edgar. Da Buggy Calçados, dos Postos Marak, Ezzo e Jóia.

Das farmácias do Bim, do Paulo e do Seu João, Das Drogarias Salvador e Drogalis.

[...] Dos Armazéns do Seu Ditinho, [...] Bozo, Antônio Camargo e Milton Sinnes.

Das tinturarias do seu Antônio, do Marcos e do Chindi. [...] e Casa de móveis São João,

[...] Do Padre José Maria. [...] Das pedreiras e das olarias.

Os trechos deste poema trazem o sobrenome de famílias imigrantes que contribuíram para o “progresso” do bairro e isso demarca como a história de Guaianases foi contada ao longo dos anos e os trabalhos como do da historiadora Sheila Alice Gomes da Silva (in memoriam) que também integrava o CPDOC Guaianás, é um legado para luta no enfrentamento as políticas coloniais de apagamento da memória das pessoas negras no Brasil. Ela fez uma vasta pesquisa documental no cartório de Guaianases, analisando as certidões de nascimento das pessoas registradas neste local, para apresentar como o racismo invisibiliza nossa existência, até mesmo na construção de memórias em bairros periféricos, locais onde construímos nossas vivências e experiências.

Figura 13: Sheila Alice Gomes da Silva – pesquisadora negra membra do CPDOC Guaianás, escritora da dissertação “Negros em Guaianases: Cultura e Memória” pelo Programa de Pós-Graduação de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Foto: Site da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo²⁴

Com desafio de demonstrar como a presença negra chegou ao bairro de Guaianases, imprimindo pelos rituais e oralidade, a cultura negra neste território. Silva (2016) traz para a sua análise o conceito de Micro-África para resgatar a história negra do bairro, questionando as epistemologias hegemônicas e rechaçando a ideia de história única, onde nossa voz e nossos corpos não são representados.

O conceito de micro-Áfricas, cunhado por Azevedo (2006), conforma-se para além do plano das ideias e, sobretudo, assume múltiplos sentidos reconhecedores dos modos africanos, característicos de pensar e estar no mundo, que penetraram os copiosos fazeres e saberes da vida cotidiana dos grupos negros na cidade. Pensar em micro-Áfricas é também desprender-se de lentes singularizadoras e homogeneizadoras das experiências culturais dos grupos negros, olhar suas miudezas e conclamar suas multiplicidades. Por isso, o conceito nos é tomado como norteador e guia, para pensar e compreender as resistentes memórias negras no bairro de Guaianases, numa perspectiva que busca os pormenores, o que é comumente despercebido, as microconjunturas, o simples, o corriqueiro, o que é aparentemente desimportante, mas capaz de lançar luzes sobre as profundezas do viver (Silva, 2016, p. 111).

Nessa dimensão de pensar o bairro como Micro-África que seguiu as pesquisas sobre a história do Lajeado Velho. Ainda sobre a pesquisa que Sheila Alice desenvolveu na sua dissertação, fica nítido que em 1930 o Lajeado Velho ganhava novos moradores, e chega nesse chão indígena pessoas de vários Estados do nordeste e Minas Gerais, muitas pessoas negras, a maioria mulheres, com novos

²⁴ Site: <https://j.pucsp.br/noticia/lancamento-do-livro-negros-em-guaianases-cultura-e-memoria>

saberes, transformando o bairro, formando pequenos quilombos e fazendo lutas importantes por moradia, água, esgoto, iluminação pública, transporte, creches e etc. Assim se forma Guaianases, um “Quilombo- Aldeia.

Figura 14: Folha de Guaianases.



Foto: Site do Instituto Bixiga. Disponível em: <https://institutobixiga.com.br/roesp-arrabaldes-paulistanos-um-regate-historico-de-lajeado-e-guaianases-escola-emef-saturnino-pereira/>

Figura 15: Convite ao povo para Inauguração da ponte.

CONSELHO DISTRITAL DE GUAIANAZES

CONVITE AO POVO

Inauguração da Ponte

15-8-56 + 19-8-56

No próximo dia 15, quarta feira, às 9 horas o Exmo. Sr. Dr. Wladimir de Toledo Piza, Prefeito do Município de São Paulo, passará com seu carro oficial por sobre o leito da nova ponte de cimento do Rio Itaquera, dando-a por inaugurada. O povo de Guaianases conquista, com esse ato simbólico, uma retumbante vitória. Ha dezenas de anos viviamos reclamando contra a velha ponte de madeira que, de tão velha, acabou ruindo na última sexta feira Santa! Ninguém ouviu nossa voz! As comunicações com a capital, que já eram ruins no tempo da velha ponte, ficaram piores, ainda, depois da sua queda. Não é preciso lembrar aqui o que sofremos com a falta de abastecimento direto, especialmente nos dias de chuva, em que o caminho de leite e outros, ou não chegavam ou já vinham muito tarde em virtude do estado precario do desvio da Passagem Funda. Ficamos sem os onibus que, embora insuficientes, pelo menos existiam! Os carros de praça cobravam uma fortuna para ir a São Paulo! O povo sabe, porque sentiu nas próprias carnes, o que significou para nós a queda da velha ponte de madeira.

Agora os tempos vão mudar!

Aqui esteve o Dr. Piza, a 24 de maio, para inaugurar a estação telefônica. Aproveitando a essa oportunidade, o povo de Guaianases pela voz de seu Conselho Distrita, pediu ao Sr. Prefeito que mandasse reconstruir a ponte. Ele nos prometeu para breve essa benfeitoria. E fez mais ainda. Determinou ao Sr. Secretario de Obras que em vez de uma ponte de madeira que logo poderia rui de novo, construísse uma bela ponte de cimento. E por duas vezes mandou a Guaianases como seu emissario, o prof. Miguel Costa Junior para auscultar as necessidades dos Guaianenses e para ver o estado das obras.

Agora ele vem pessoalmente, inaugurar a ponte. É uma vitória do Conselho de Guaianases, órgão do povo.

Dia 15 será a inauguração, o ato oficial.
Dia 19 a ponte será entregue ao povo.

Assim faremos duas festas: uma na quarta feira, que é dia santo e outra no domingo.

A todos que nos ajudarem na organização dos festejos. O nosso muito obrigado.

Fita o DR. WLADIMIR DE TOLEDO PIZA
Fita o PROF. MIGUEL COSTA JUNIOR
Fita o CONSELHO DISTRITAL DE GUAIANAZES

Programa do dia 15-8-1956 — Quarta Feira

9,00 horas - Passagem do carro do Sr. Prefeito Dr. Wladimir de Toledo Piza e sua Comitiva por sobre a nova ponte do Rio Itaquera, dando-a por inaugurada.

9,30 horas - Visita aos diversos setores da administração que deverão ser resolvidos pela municipalidade.

10,30 horas - Debate publico entre o Exmo. Sr. Prefeito Municipal e o povo de Guaianases, no salão do Cinema.

11,30 horas - Almoço para as autoridades, oferecido pelo Conselho Distrital, o Comércio e o povo de Guaianases.

Fonte: São Paulo Antiga. Disponível em: <https://saopauloantiga.com.br/uma-ponte-para-guaianases/>

A pesquisa de campo nos arquivos do CPDOC Guaianás foi importante para compreender o desenvolvimento do bairro, suas transformações e expressões sociais e culturais do território. A organização política neste território é uma marca importante de resistência, o que ao longo dos anos possibilitou a implantação e implementação de políticas públicas no bairro.

Figura16: Mobilização popular cobrando escolas do poder público.



Fonte: Acervo CPDOC Guaianás [s. d.].

Guaianases, particularmente Lajeado Velho, é um território negro marcado pelas políticas coloniais de apagamento da memória, as políticas de extermínio da juventude e as raízes patriarcais que se expressam nas inúmeras violências de gênero que as mulheres estão submetidas, e que vem se reatualizando na história. Por esse motivo, é importante demonstrar as potencialidades deste bairro, como as mulheres negras promovem vida em um território tão violentado pela dicotômica presença do Estado (ausência de políticas públicas efetivas e presença da força policial que violenta e assassina a população pobre e preta que habita este território).

O catolicismo, como vimos é uma influência forte no bairro. Nos arquivos do CPDOC há registros das procissões que ocorriam entre os distritos, marcada pela passagem de um lado para o outro nos trilhos do trem.

Figura 17: Passagem de nível, ou "porteira" da estação de Guaianases nos anos de 1960, em uma procissão.



Fonte: Acervo CPDOC Guaianás [s. d.].

Uma das entrevistadas nesta pesquisa conta como foi sua chegada ao bairro do Lajeado Velho, houve um período intenso de vendas de terrenos de forma irregular no bairro, e em 2015, depois de uma luta longa dos moradores destes bairros (Jd Aurora, Bandeirantes, Vila Nancy), conseguiram usucapião dos seus imóveis e assim a posse definitiva do terreno.

Quando eu vim pra Guaianases eu nem entendia isso, no A.E Carvalho, meu pai comprou o terreno, nos carnezinho, quando eu vim pra cá, também falaram pra mim que era compra e venda, um documento, mas era documento falso. Aí depois que eu estava aqui, que eu já tinha construído a casa, vim saber que era uma ocupação. E eu também conheci essa palavra "ocupação" na Casa Viviane, aprendi que não era invasão, quando fui pra Casa Viviane aprendi que não somos invasores, nós somos ocupantes, porque a terra é nossa, a terra é de todos, mas aí antes eu achava que era invasora (Trecho da entrevista com a Amires em 08/07/2025).

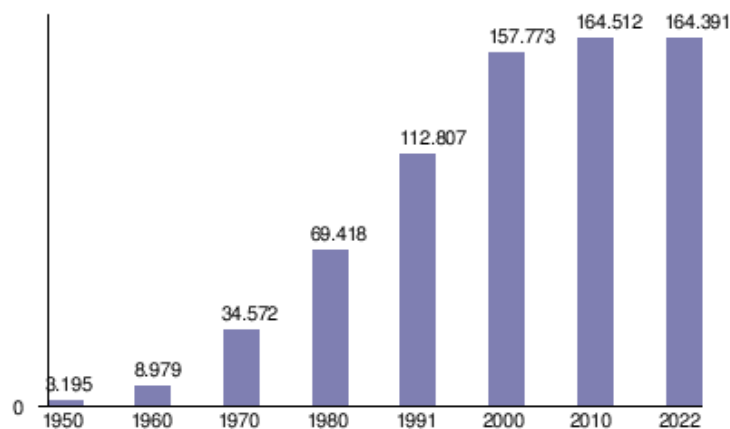
Figura 18: Venda de lotes nos anos 60 no Jardim do Campo, próximo ao "Campo do Guaianases" e a atual Av. Nordeste



Fonte: Acervo CPDOC Guaianás [s. d.].

O gráfico abaixo demonstra a evolução demográfica do distrito do Lajeado e seu crescimento populacional nos últimos anos. Isso pode significar uma ampliação das complexidades das relações sociais e também da sua organização interna, com a chegada de mais moradores, o aumento da oferta de serviços, mas que pode não significar o desenvolvimento na mesma velocidade da rede estatal, sendo este um solo fértil para as lutas por garantia de direitos.

Figura 20: Evolução demográfica do distrito do Lajeado Velho publicado na Folha de Guaianases.



Fonte: Site do Wikiwand. Disponível em: [https://www.wikiwand.com/pt/Lajeado_\(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo\)](https://www.wikiwand.com/pt/Lajeado_(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo))

Mapa 1 – Cidade de São Paulo com distrito do Lajeado em destaque



Fonte: Site do Wikiwand. Disponível em:
[https://www.wikiwand.com/pt/Lajeado_\(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo\)](https://www.wikiwand.com/pt/Lajeado_(distrito_de_S%C3%A3o_Paulo))

Esse alto índice populacional, a ausência de políticas públicas efetivas que dê suporte às demandas do território provocam a organização popular para cobrar do Estado a execução adequada dos serviços públicos. A exemplo da abertura de unidades básicas de saúde na década de 1980, fruto da mobilização das mulheres, a manutenção de creches, escolas, serviços de convivência e a luta por moradia garantiu que muitas mulheres negras obtivessem usucapião²⁵ dos imóveis que construíram em terrenos ocupados ainda na década de 1990, na região. E é neste bairro cercado de histórias, resistências e potência que começo a costurar a minha pesquisa, curiosa para compreender como as mulheres negras ocupam os territórios periféricos e com seus conhecimentos ancestrais produzem uma rede de solidariedade, cuidados e produção de vida.

²⁵ Aquisição de uma propriedade e/ou terreno pelo uso prolongado do espaço, um termo jurídico que conceitua um processo que estabelece para o ocupante o termo de proprietário do bem desde que obedeça aos termos legais.

Mas, sem esquecer da memória e da importância das lutas das mulheres que pisaram neste chão antes da minha chegada, então na subseção pretendo apresentar a história de formação da Casa Viviane dos Santos, primeiro território de luta e quilombo que cheguei quando iniciei minha trajetória como assistente social, sua importância já foi evidenciada na fala da Amires sobre a compreensão de ocupação de terras para a nossa classe.

2.4. Casa Viviane dos Santos: um quilombo formado na luta

Mulheres de dentro do chão
 Ameríndias, Afro Diaspóricas,
 Raízes que não morrem,
 Saberes que renascem
 a cada geração que se ergue...
(Raízes Mulheres de Dentro do Chão. Marilene Gerônimo, 2023)

Pensando a pesquisa como uma dimensão importante da formação, com contribuições relevantes para os processos de análise da conjuntura, acredito que seja necessário contextualizar o chão que minha inquietação acadêmica floresceu, pensar na organização política e orgânica das mulheres negras no bairro do Lajeado em Guaianases, que está relacionada a história da Casa Viviane dos Santos, onde atuei como assistente social por onze anos.

Como Maria Beatriz Nascimento (2018) afirma, quilombo é a expressão da organização das pessoas negras durante o processo de escravização no Brasil, mas se inspirou nas tradições que vieram de África, onde Kilombos (como ela denomina), era uma forma de ser/existir no continente africano. Na experiência brasileira, este espaço, como já vimos, era um sistema único, próprio, mas que não é marcado só pelo combate, mas também pelo acolhimento, pelo respiro pela paz. Por isso, afirmo que a Casa Viviane, para as mulheres em situação de violência doméstica, não é apenas espaço da dor, mas de potências e produção de novas formas de estabelecer relações sociais, em casa, no trabalho e várias frentes que a vida acontece.

A história do surgimento da “Casa Viviane” é um marco da luta organizada no Lajeado nos anos 2000, que sempre me inspirou quando pensava em movimentos sociais, feminismo e movimento de mulheres. Na ocasião, elas lutavam pela abertura

de um serviço voltado ao atendimento de mulheres em situação de violência doméstica. Os casos de feminicídios eram recorrentes no bairro, assim como outras violências que até aquele momento não havia previsão legal e nomenclatura na lei, como hoje ocorre com a lei 11.340/2006 “Lei Maria da Penha”.

Elas contaram com apoio das Comunidades Eclesiais de Base – CEB’s do Lajeado, espaços religiosos que estavam inseridos nos bairros mais periféricos da cidade, e tinham como base a Teologia da Libertação, uma vertente crítica da Igreja católica que buscava, junto com a população pobre, denunciar a ausência do Estado, tecia críticas às desigualdades geradas pelo sistema capitalista e incentivava a auto-organização dos fiéis, sendo Paulo Freire um dos grandes teóricos que inspiraram o pensamento da Teologia da Libertação. Alguns nomes importantes da Teologia da Libertação são os teólogos Pedro Casaldália, Leonardo Boff e Ivone Gebara, inclusive Gebara teceu reflexões importantes sobre a presença das mulheres neste movimento e os limites impostos por se constituir no interior da Igreja Católica – havia limites para as mulheres na Teologia da Libertação. (Gebara, 2019).

As mulheres do bairro decidiram se organizar enquanto movimento, denominando o grupo de “Abre os olhos companheira” e foram às ruas com um questionário, elaborado por elas com auxílio de estudantes que vieram da Itália (pelo intermédio de padres das CEB’s) e na ocasião elas entrevistaram cerca de 800 mulheres. Após a tabulação dos dados realizada por estes estudantes, o movimento passou a participar dos encontros que debatiam o orçamento da cidade, pautando em vários territórios a necessidade de um equipamento voltado para o atendimento de mulheres em situação de violência doméstica no extremo leste da cidade. Até aquele momento (2002/2003) havia em São Paulo dois equipamentos que desenvolviam este trabalho, o Centro de Referência da Mulher – CRM²⁶ Eliane de Gramount (1990) localizado na Vila Mariana, zona sul, e o Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – NDCM²⁷ “Casa Cidinha Kopkac” (2002), localizada em São Mateus, zona leste.

Vale ressaltar que embora os maiores índices de violência doméstica, historicamente, estiveram entre as mulheres negras, apenas em 2012 com a abertura

²⁶ Centro de Referência da Mulher é o nome principal dos serviços no Brasil, sendo a Casa Eliane de Grammount a primeira experiência institucional e de execução direta (estatal) de atendimento a mulheres em situação de violência contra as mulheres no país.

²⁷ O Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher é a nomenclatura adotada pela Secretaria Municipal de Assistência Social – SMADS, atualmente a nomenclatura é Centro de Defesa e Convivência da Mulher – CDCM.

da Casa Anastácia, na cidade Tiradentes – um dos territórios mais negros da cidade de São Paulo, em 4º lugar no ranking apresentado pelo Mapa da Desigualdade de 2022 com 56,1% de moradores que se auto declaram negras – inicia-se atendimentos marcadamente voltados para mulheres negras, colocando em cena as problemáticas interseccionais de gênero, raça e classe e contribuindo para os avanços no debate de políticas públicas para as mulheres na cidade de São Paulo. Esse dado é importante para as reflexões sobre o racismo que permeia todas as dimensões da vida social no nosso país, sendo os territórios negros, espaços de múltiplas violências e sua conformação em locais distantes dos grandes centros, a execução de políticas públicas nesses territórios são fragilizadas por um Estado que promove escassez e a presença estatal através força policial, que contribui para o projeto secular de extermínios dos corpos negros no Brasil.

A primeira coordenadora da Casa Anastácia iniciou sua trajetória profissional como assistente social na Casa Viviane dos Santos, Fabiana Pitanga ou Bia Sankofa (como é conhecida hoje), mulher negra, mãe e militante dos direitos humanos, atuou por cinco anos no atendimento das mulheres em Guaianases – assumo o Serviço Social quando ela inicia o trabalho na Cidade Tiradentes – foi importante acompanhar o desenvolvimento do trabalho e das discussões sobre raça e etnia junto às mulheres, considero que este processo também transformou a atuação da Casa Viviane, hoje espaço fundamental de promoção de debates críticos junto a rede de enfrentamento a violência contra mulher em São Paulo.

Toda fonte da história dos primeiros serviços voltados para o atendimento de mulheres na cidade está ancorada na oralidade das mulheres que protagonizaram este processo, um dado importante e que contribuiu para definir minha metodologia de pesquisa – adiante escreverei sobre isso.

Em maio de 2004 nasce a “Casa Viviane dos Santos” o nome dos serviços dessa natureza buscava *femenagear*²⁸ mulheres que ousaram enfrentar o patriarcado e seus corpos foram violentados por seus companheiros, Eliane de Grammount foi brutalmente assassinada pelo ex-marido Lindomar Castilho, em março de 1980,

²⁸ Femenagem é a forma de marcar e contrapor a ideia socialmente construída das palavras constituídas através da lógica patriarcal, como nos propõe Antônio Bispo dos Santos “Nego Bispo” (BISPO, 2023) uma ação contracolonial, subverte as palavras, reposicionando os povos oprimidos como protagonistas das reflexões, como os rios e suas confluências, as palavras cumpre um papel importante nesse processo de contracolonialidade, por isso a palavra Femenagem ocupa o lugar da Homenagem, centrada na perspectiva masculina e patriarcal.

enquanto cantava em um bar, na cidade de São Paulo. Viviane dos Santos, uma mulher negra de 19 anos com dois filhos, moradora do Lajeado, foi levada em estado grave ao hospital Geral de Guaianases no início de 2003, após permanecer dias sofrendo agressões do companheiro, sua causa morte não foi registrada como violência doméstica nem apontava que as agressões poderiam ter ocasionado lesões graves que provocasse seu falecimento, o que inviabilizou qualquer ação jurídica contra o agressor²⁹. Sua história chegou ao movimento que estava prestes a consolidar a luta pela abertura de um espaço voltado para o combate da violência doméstica, sendo acolhido por todas as integrantes a proposta de nomear o serviço com o nome dessa jovem que teve a vida ceifada pelo machismo³⁰.

Considero importante evidenciar que durante o percurso da construção desta pesquisa dialoguei com duas mulheres que na época integravam o movimento “Abre os olhos companheiras”, ambas não souberam me dar mais informações para uma possível consulta junto ao sistema de justiça quanto à possibilidade de desdobramentos de processos envolvendo o caso da Viviane dos Santos, posterior a sua morte.

Aqui faço uma singela femenagem a Viviane dos Santos, apresentando seu copo e seu sorriso em meio a flores, plantas e a alegria que a horta comunitária, território onde tive a possibilidade de conviver nos últimos meses.

²⁹ A notificação compulsória que passou a obrigar a saúde notificar situações de violência contra mulher, quando identificado nos atendimentos médicos e ambulatoriais, inicia-se em 2003 com sanção da lei 10.778/2003 e que teve uma complementação no inciso 4º com a lei 13.931/2019 que agora obriga que a notificação ocorra em 24 horas após sua identificação pelos serviços de saúde. Importante ação para análise do número de mulheres em situação de violência no Brasil, bem como instrumento que pode garantir intervenções assertivas de cuidado e atendimento nestes casos.

³⁰ Iniciei um diálogo com uma das integrantes do Movimento Abre os Olhos companheira, a fim de obter mais informações sobre os desdobramentos do caso da Viviane dos Santos, não há muitos dados que viabilizasse uma pesquisa junto ao sistema de justiça, até o momento de conclusão do projeto desta pesquisa.

Figura 21: SANTOS, Viviane. Femenagem a Viviane dos Santos.



Fonte: Elaborada pela autora com uso da Inteligência Artificial Chatgpt.³¹

Vale destacar que a Maria Aparecida Pedra Kopcak (Cidinha Kopkac) era uma militante histórica do bairro de São Mateus, uma dona de casa, lutadora pelos direitos das mulheres e por políticas públicas para o seu território, não localizei nas minhas pesquisas o ano do seu falecimento, ao contrário da Viviane dos Santos e Eliane de Grammount seu nome foi pensado para o serviço como uma femenagem e marco das suas lutas junto às mulheres.

Todo esse giro na história é para ilustrar como a luta semeada pelas mulheres, sobretudo as mulheres negras periféricas, estão intimamente relacionadas à proposta da minha pesquisa. Corpo-território, memória-território, oralitura e territorialidades são os caminhos que se cruzam neste percurso e na próxima sessão as falas dessas mulheres negras, sujeitas da pesquisa, irão ilustrar como as formas de incidência no território, a partir de tecnologias ancestrais, são vetores potencializador de produção de vida em territórios negros.

³¹ A foto original foi cedida pela equipe da Casa Viviane dos Santos. (Viviane dos Santos, PRESENTE!!!) Arquivo digital. A proposta de fazer uma femenagem com registro de imagem em desenho surgiu dos diálogos com a minha orientadora, quando a Márcia Eurico acessou a primeira versão deste texto ela me falou como a imagem dela em um lugar que significa vida seria uma possibilidade de marca-la para além da dor. Agradeço a essa orientação e a sensibilidade em transportar uma mulher negra para um lugar de alegria, vida e flores.

3. SESSÃO 2

3.1. Mulheres Negras, tecnologias ancestrais e a Horta Comunitária da Vila Nancy

Man Aya me ensinou sobre as plantas
 Aquelas que davam sono. Aquelas que curavam feridas e úlceras.
 Aquelas que faziam ladrões confessarem.
 Aquelas que acalmavam os epiléticos e os mergulhavam em um sono deleitoso.
 Aquelas que punham sobre os lábios dos furiosos, dos desesperados e dos suicidas, palavras de
 esperança.

(Trecho extraído do livro “Eu, Tituba: bruxa negra de Salém”)³²

Nesta sessão a semente foi lançada, preparei o terreno com as ideias que serão base para compreender como territórios tão empobrecidos pela lógica neoliberal colonial, que nos tira o ar, floresça dia a dia, promovendo através das tecnologias ancestrais estratégias de produção de cuidados e vida.

Busquei as águas de um rio que já seguia livre seu caminho para regar essa plantação de ideias, e foi pelas palavras da dra. Claudia Rosalina Adão (2023) que pude molhar este chão, onde germinou as reflexões sobre redes de cuidado, tecnologias ancestrais e saberes que transformam os territórios negros, e no caso dessa pesquisa, transformam o bairro do Lajeado, na zona leste de São Paulo.

O desafio aqui é abordar como as tecnologias ancestrais desenvolvidas pelas mulheres da Horta Comunitária da Vila Nancy asseguraram as possibilidades de enfrentamento a Covid-19 da comunidade que acessou este território.

Antes de iniciar, penso que é importante ilustrar o que estou chamando de tecnologias ancestrais, como essa junção de tecnologia e ancestralidade é uma das formas como as mulheres negras no curso da história garantiram a produção de vida em territórios marcados pela morte e a escassez.

Na sua tese a dra. Cláudia Rosalina Adão faz traçar um caminho interessante a partir das experiências da sua família, como suas avós, tias, mãe constituíram uma rede de cuidados, através dos saberes passados de geração em geração, seja com manuseio de ervas, rezas, rituais como benzimento e chás. O que se conecta com a trajetória das protagonistas dessa pesquisa, e podemos analisar nas falas delas.

³² Romance escrito pela feminista e professora Caribenha Maryse Condé (1934 – 2024), onde ela retrata como foi a vida de Tituba, uma mulher negra escravizada nos Estados Unidos e condenada a forca durante a Santa Inquisição que queimava e enforcava mulheres que ousavam desafiar os designios de deus e do homem branco colonizador.

Figura 22: Dona Elena e a Ancestralidade.



Fonte: Ynã Precioso – curta metragem “Semeando saberes ancestrais de mulheres negras: Encruzilhadas de (re) existência e produção de vida em territórios negros da Zona Leste de São Paulo.

Meu avô cuidava das plantinhas para gente, cuidava de um pé de limão que parecia uma mexerica a cebolinha dele era fantástica, colocava a gente para pegar esterco de cavalo, tínhamos que pôr pra secar e ainda que soltar todo aquele esterco. E assim a gente ia plantando. Então, eu acredito que vem do pai, da mãe, do avô. Aí depois já entrou a sogra também com esse jeito de ser, de viver. (Trecho extraído da entrevista com a **Dona Elena** em 09/07/2025)

Figura 23: Estefania e a Ancestralidade.



Fonte: Ynã Precioso – curta metragem “Semeando saberes ancestrais de mulheres negras: Encruzilhadas de (re) existência e produção de vida em territórios negros da Zona Leste de São Paulo.

Minha avó era de Alagoas, ela dizia que ela era índia, eu acredito que sim, que lá é um estado que tem índios. E antes de ser essa horta, sempre teve o verde aqui. Quando eu chegava aqui em cima, nessa casa que hoje eu moro, a minha avó falava, corre lá, pega os matinhos. Então, como não tinha as casas de mutirão que tem agora no fundo, era bastante mato, então eu corria, catava qualquer mato, dava pra minha avó, minha avó já pegava um copo d'água, e se tivesse alguém comigo, ela benzia, eu e quem estava comigo. Eu tenho essa coisa, essa lembrança muito forte com a minha avó,

benzedeira, as pessoas falam que benzia as pessoas, tinha que benzer, jogar esse copinho, essa água aí com esse matinho. Eu tenho um afeto muito grande com a minha avó e com isso aqui, a horta, com tudo que era e o que é hoje. (Trecho extraído da entrevista com a **Estefânia** em 09/07/2025)

Figura 24: Amires e a Ancestralidade



Fonte: Ynã Precioso – curta metragem “Semeando saberes ancestrais de mulheres negras: Encruzilhadas de (re) existência e produção de vida em territórios negros da Zona Leste de São Paulo.

Então eu acho que vem de lá de trás, porque o meu avô, ele fazia remédio, ele fazia remédio mesmo. Aí ele levava as pessoas pra dentro da casa dele, para essas pessoas se curarem, e ele ficava com a pessoa, até a pessoa se curar para depois levar a pessoa de volta pra casa. Ele era parecido com aquele psicanalista o Freud, sabe? Porque ele levava as pessoas para casa dele até a pessoa curar para depois levar de volta. Enquanto a pessoa não curava, a pessoa não saía da casa dele. Então eu acho que pode ser que eu tenha isso. Quem falava que eu tinha isso era a Margarida, lá da casa Vivi. Então isso vem de longe. Essa relação com as ervas e com a terra. (Trecho extraído da entrevista com a Amires em 09/07/2025)

O artigo **“É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea”**, da comunicadora e mestrandia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) Stéfane Souto, aborda as reflexões acerca do conceito tecnologia ancestral, apresenta o quilombo como uma expressão de tecnologia ancestral, sendo um território organizado por pessoas negras, indígenas e brancas pobres onde ao longo da história desenvolve formas próprias de estruturar as relações sociais, econômicas e culturais.

A tecnologia nos remete a aparelhos tecnológicos e futuristas, com pouca relação com o passado, ou a conhecimentos que não estejam no tempo presente com projeções para o futuro, mas o desenvolvimento da tecnologia está intimamente relacionado com desenvolvimento humano, a capacidade teleológica de pensar e transformar a natureza. Souto aponta em seus estudos que a primeira aproximação

com o conceito de tecnologias ancestrais foi com a análise da produção teórica de Estéfano Veraszto, Dirceu da Silva, Nonato de Miranda e a autora Fernanda Simon (2009) “**Tecnologia: buscando uma definição para o conceito**”, que realizaram uma pesquisa bibliográfica sobre essa concepção, discorrendo como a tecnologia é o acúmulo de conhecimento de um povo e investigando a transmutação do que é atual para obsoleto com a velocidade das mudanças sociais que acontecem no mundo capitalista.

Na medida em que muda padrões, a tecnologia também cria novas rotas de desenvolvimento. Portanto, trabalhar com tecnologia é trabalhar com algo dinâmico. O que hoje é ponta, amanhã é obsoleto, exigindo novos procedimentos, conceitos e atitudes para inovar. A tecnologia faz parte do acervo cultural de um povo, por isso existe na forma de conhecimento acumulado, e por essa mesma razão está em contínua produção. A tecnologia em si constituir-se, portanto, como uma forma de conhecimento e todas as tecnologias são produtos de todas as formas de conhecimento humano produzidas ao longo da história (Souto, 2021, p. 154 apud Veraszto; Silva; Miranda; Simon, 2009, p. 78).

Situar a compreensão de tecnologia inserida no desenvolvimento social-cultural dos povos auxilia a pensar como a relação das pessoas com a natureza contribuíram para evolução de técnicas e ferramentas promovidas por essa relação é uma marca histórica que viabiliza pensarmos a história das várias sociedades. Os autores definem a etimologia da palavra como:

A palavra tecnologia provém de uma junção do termo *tecno*, do grego *techné*, que é saber fazer, e *logia*, do grego *logus*, razão. Portanto, tecnologia significa a razão do saber fazer (RODRIGUES, 2001). Em outras palavras o estudo da técnica. O estudo da própria atividade do modificar, do transformar, do agir (Veraszto; Silva; Miranda; Simon, 2009, p. 21 Apud Veraszto, 2004; Simon et al, 2004a).

Sendo a tecnologia a forma como os povos encontram para transformar e agir frente as relações sociais do momento histórico que vivem, pensando no quilombo como uma tecnologia ancestral de ocupação da terra, estratégia de proteção e sobrevivência de um período escravocrata como os que as pessoas traficadas de África viveram, bem como os povos originários que foram expropriados de suas terras e rituais sendo submetidos as mais inúmeras violências, trazendo para a Horta Comunitária da Vila Nancy, a forma como as mulheres incidiram na produção de alimentos e ervas medicinais especialmente no período da pandemia, é considerado uma expressão de tecnologia ancestral.

Ao utilizarmos essa concepção alternativa de tecnologia para analisar diferentes formas de organização social, podemos pensar nas tecnologias ancestrais como aquelas tecnologias simbólicas que foram pensadas por antepassados e antepassadas com o objetivo de enfrentar de forma

estratégica questões próprias do seu tempo; que foram transmitidas de geração para geração através dos séculos; e que continuam sendo aplicadas e readequadas às demandas da atualidade (Souto, 2021, p. 154).

A ancestralidade para Adão não se restringe apenas a relação com nossos antepassados, mas também se expressa na energia vital que circula entre os seres humanos no tempo presente, como nos relacionamos e conectamos a os saberes através dessas trocas.

A ancestralidade não se refere somente aos antepassados, as pessoas que vieram antes de nós. Segundo a cosmovisão bantu, é por meio da ancestralidade que circula e chega até os seres humanos a energia vital, o que está presente em tudo no Cosmos. Todos os seres e também os modos de vida estão imbuídos de energia vital e podem ser considerados nossos ancestrais (Adão, 2024 p. 80, 2024).

Leda Maria Martins destaca como a ancestralidade se manifesta na oralidade, no corpo e nos rituais nos territórios e isso se conecta a minha pesquisa e como compreendo a incidência das mulheres negras de forma individual e coletiva nas periferias da zona leste.

O princípio filosófico da ancestralidade é motriz do corpo individualiza, do corpo coletivo e do *corpus* cultural, de todo pensamento sobre a condição humana, de toda plumagem ética e estética, de toda produção de conhecimento, em todos os âmbitos que a mesma acontece, dos mais técnicos aos mais transcendentais e rotineiro (Leda, 2025, p. 59).

Acredito que a experiência de ocupação do território com uma horta comunitária, uma das estratégias mais assertivas de promoção de espaços que contribui para a garantia de alimentação acessível aos moradores, sobretudo com qualidade e valores que viabiliza o consumo pelas pessoas que moram ao entorno da horta, assim como, produz com conhecimentos passados de geração a geração ervas medicinais que sustenta formas de cuidado com a saúde alternativas aos cuidados considerados “ideal” e que tem como base realidades do norte global.

Adão reproduz na sua tese a perspectiva de cosmovisão africana para elucidar o que ela chama de “cuidado” para as mulheres negras sujeitas da sua pesquisa. Essa concepção dialoga com a ideia contra colonial de cuidado que procuro ilustrar neste trabalho, sendo esse o pensamento que vai sulevar as minhas reflexões quando falar de cuidado e produção de vida para as mulheres da Horta Comunitária da Vila Nancy.

Dentre as perspectivas de cosmovisão que faço relação com o cuidado, destaco o Ubuntu. O Ubuntu diz respeito ao modo de vida tradicional dos povos bantus, no centro sul do continente Africano, região hoje conhecida como África do Sul, [...] o conceito Ubuntu aparece com outros nomes em todo continente Africano e faz referência correlacional da humanidade: as pessoas só existem porque estão em correlação uma com as outras e com

tudo que existe. [...] Em um sentido muito profundo, Ubuntu preconiza que condição de existência de existência de cada ser humano passa pela comunidade. Ubuntu provém da premissa ontológica de que a comunidade é lógica e historicamente anterior ao indivíduo (Adão, 2024, p. 82).

Os cuidados que as mulheres negras da horta desenvolvem estão conectados com a comunidade, a relação com as ervas medicinais estão em conexão com saberes ancestrais das pessoas que a cultivam e das pessoas que acessam aquele espaço, Adão discorre sobre outro conceito de cuidado cunhado pela Marcha Mundial de Mulheres, esse conceito não passa pela cosmovisão Africana, mas igualmente expressa uma ideia de cuidado pensado a partir da coletividade e do “Bem Viver”, apontando uma ruptura com a lógica capitalista colonial.

Marchamos pelo direito à vida, pelo direito à humanidade, pelo direito a ter direitos e pelo reconhecimento e valorização das diferenças. Marchamos por justiça, equidade, solidariedade e bem-estar que são valores inegociáveis, diante da pluralidade de vozes que coabitam o planeta e reivindicam o Bem Viver. (...) A sabedoria ancestral que herdamos de nossas ancestrais se traduz na concepção do Bem Viver, que funda e constitui as novas concepções de gestão do coletivo e do individual; da natureza, política e da cultura que estabelecem sentido e valor à nossa existência, calcados na utopia de viver e construir o mundo de todas(os) e para todas (os). (...) Nós, mulheres negras do Brasil, irmanadas com as mulheres do mundo afetadas pelo racismo, sexismo, lesbofobia, transfobia e outras formas de discriminação, estamos em marcha. Inspiradas em nossa ancestralidade, somos portadoras de um legado que afirma um novo pacto civilizatório (Adão, 2025, p. 84 apud AMNB, 2015, p. 163).

Essas experiências de cuidado, seja pela cosmovisão Africana, seja pela luta do Bem Viver, as mulheres praticam cuidado de forma coletiva, de forma empírica elas ocupam o território, produzem vida, subvertendo a lógica do individualismo que nos afasta da nossa ancestralidade. Diante disso, começo a tecer a história da Horta Comunitária da Vila Nancy, um quilombo mantido pelas tecnologias ancestrais desenvolvidas pelas três protagonistas dessa pesquisa.

Dona Elena, a coordenadora da horta e quem está há 39 anos cuidando e cultivando nos canteiros conta como foi a chegada na Vila Nancy e como nasce do encontro de várias pessoas do nordeste, sudeste e sul o desejo de preservar a natureza no bairro, além manter viva a memória de cuidado com a terra.

Quando nós chegamos aqui, na Vila Nancy, foi em 1975, e em 1980, foi fundada uma associação, através da igreja católica que nós começamos a participar. Fomos convidadas a participar e começamos com esse trabalho. No ano de 1986, final de 1985 uma diretora de escola falou conosco assim “olha, tem um espaço lá em cima que está abandonado e tem minas, tem um monte de coisa”. Ela falou com o meu esposo, a gente estava numa reunião de associação e ele se interessou, no outro dia, nós viemos aqui conhecer esse espaço. Esse espaço já foi uma moradia, tinha uma bela casa branca, tinha frutas, tinha um monte de coisa, depois, foi uma olaria e, ficou por um tempo o espaço ocioso. Então, quando a gente conheceu aqui, a gente se

apaixonou. Meu marido conversando com os demais diretores da associação, um diretor nos apresentou o vereador, o Albertinho Nobre, entramos em contato com ele, e foi tudo muito rápido, ele veio conhecer o espaço, e falou “você podem iniciar o trabalho, porque a gente vai garantir uma documentação pra vocês”. E, quando foi em outubro de 1986 nós ganhamos uma concessão para poder usar a área, ganhamos um documento precário, para que a gente pudesse usar a área com conhecimento da prefeitura. Então, nós começamos esse trabalho, tinha muitos moradores com a gente, com trabalho da associação de bairro, a gente acolheu algumas pessoas que vieram do Recife, outros vieram do Paraná, da Bahia, de Minas. Eles ficaram muito ligados a gente, a entidade, pegaram a bandeira e vieram pra cá. Nós formamos um grande grupo e o pensamento da gente era proteger a natureza, eles não queriam esquecer da vida deles na roça para não perder aquela essência de trabalho na roça, trabalhar com a natureza. Iniciamos esse trabalho dessa maneira. E foi tudo muito bom. Formamos uma grande família. (Trecho extraído da entrevista com a Dona Elena em 09/07/2025)

Figura 25: Entrada da Horta Comunitária da Vila Nancy, registrado pela pesquisadora durante visita de campo



Fonte: Acerto pessoal (2025).

Figura 26: Canteiros de Plantas Alimentícias Não Convencionais – PANC’s “Planta Peixinho”. registrado pela pesquisadora durante visita de campo



Fonte: Acervo pessoal (2025).

O podcast Prato Cheio, do projeto brasileiro de jornalismo que investiga a alimentação e sua relação com a política, cultura, sociedade, economia e história denominado “Joio e o Trigo³³”, apresentou dois episódios muito importantes para refletir sobre a relação ancestral das mulheres negras com a produção de alimentos e ervas medicinais. O episódio “Guia Alimentar em Afroperspectiva”, exibido em 03 de junho de 2025, traz três pesquisadoras do “CulinAfro” Grupo de Pesquisa Extensão que nasceu na Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ Campus Macaé, com a intencionalidade de apresentar a culinária afrodiáspórica como uma alimentação que pode ser referência como alimentação saudável, contribuindo para o enfrentamento do apagamento das memórias ancestrais que se expressam na alimentação e no manuseio de plantas e ervas e que em territórios periféricos, os quintais são espaço privilegiado de manutenção de tecnologias ancestrais de plantio e produção de alimentos.

³³ Site “O Joio e o Trigo”

https://ojoioeotrigo.com.br/?gclid=Cj0KCQjw37nNBhDKARIsAEBGI8MYiTB2AEmKKmnfF99U4D6FkgghVbtjMnzjP973O9sCKjObe6zlgycAtMCEALw_wcB. Acesso em 10 mar. 26

Débora Lima (nutricionista, pesquisadora do CulinAfro), Ainá Gomes (professora do Instituto de Alimentação e Nutrição da UFRJ, professora colaboradora na CulinAfro) e Rute Costa (professora do Instituto de Alimentação e Nutrição e no Programa de Pós-Graduação em Ciências e Saúde da UFRJ, membra fundadora da CulinAfro) analisam, nesse episódio, como a perspectiva eurocêntrica domina a forma dos parâmetros de regramento que rege uma alimentação saudável, questionam o silenciamento e apagamento da culinária dos povos originários e africanos, mesmo em um país que tem sua história constituída por três raças (povos).

O racismo que estrutura as relações na sociedade, se manifesta também na imagética que é construída sobre o que é científico ou não, assim como o que é saudável e cientificamente comprovado como um método de cuidado com a saúde, a alimentação é uma dessas expressões, Dona Elena conta como na infância a memória das comidas feitas pela avó e as receitas caseiras de remédios naturais promovia outras formas de experienciar o contato com os alimentos produzidos do que ela chama de “Quintal de Vó”.

Uma memória muito forte também da minha avó fazendo comida para gente, minha mãe trabalhava, ela se separou do meu pai, a última vez que vimos ele, tínhamos seis anos, então minha mãe criou a gente, minha tia ajudava e minha avó que cuidava do alimento, ela fazia angu, a gente fala polenta, com uma cobertura, um molho, ela fazia angu e aquele feijãozinho cheiroso da avó, e ela pegava serralha, e nós comíamos com serralha, comíamos com caruru, então de vez em quando eu olho para a serralha eu lembro disso, quando eu olho para um pé de capéba, cada dia a gente parece que focaliza algo, tem dia que focaliza muitas coisas. Quando eu olho o pé de capéba, pariparóba, é muito forte, porque a minha mãe e minha avó dava para gente todo ano, os meses que não tem R, ela dava primeiro um vermífugo, aí nós tínhamos que passar por aquele dia, nós tínhamos que sentir o cheirinho da comida maravilhosa da avó, e tomar só caldinho para limpar o intestino, e no terceiro mês ela dava para a gente um chá, e eu lembro que eu falei: mãe, mas que chá é esse? Ela falou capéba, pariparóba e chapéu de couro. (Trecho extraído da entrevista com a Dona Elena em 09/07/2025)

Essa pesquisa é marcada pelas memórias afetivas das protagonistas deste estudo que se cruza com as minhas. Pensar quem escreveu sobre a história da alimentação e das medicinas no Brasil é entender que esse campo está em disputa e a oralidade das mulheres negras e indígenas incomoda as estruturas de uma sociedade racista, misógina e classista, por ter suas narrativas centradas na memória e ancestralidade.

Lélia Gonzalez, quando escreve sobre “Racismo e Sexismo na cultura brasileira”, chama nossa atenção para a forma como o discurso colonial cristalizado na nossa consciência sofre com os furos provocados pela memória, quando a

memória submerge ela coloca em xeque as relações raciais que são socialmente inscritas no processo de alienação pelo discurso de democracia racial como inexistentes. Como recurso psicanalítico, Lélia nos provoca a refletir sobre a importância da memória no enfrentamento ao apagamento colonial da ancestralidade revelada pela memória.

A gente tá falando das noções de consciência e de memória. Como consciência a gente entende o lugar do desconhecimento, do encobrimento, da alienação, do esquecimento e até do saber. É por aí que o discurso ideológico se faz presente. Já a memória, a gente considera como o não saber que conhece, esse lugar de inscrições que restituem uma história que não foi escrita, o lugar da emergência da verdade, dessa verdade que se estrutura como ficção. Consciência exclui o que memória inclui. Daí, na medida em que é o lugar da rejeição, a consciência se expressa como discurso dominante (ou efeitos desse discurso) numa dada cultura, ocultando a memória, mediante a imposição do que ela, consciência, afirma como a verdade. Mas a memória tem suas astúcias, seu jogo de cintura; por isso, ela fala através das mancas do discurso da consciência (Gonzalez, p. 06, 2020).

Pretendo apresentar como se dá a incidência de mulheres negras em territórios negros, particularmente o bairro do Lajeado, compreendendo a relação entre tecnologias ancestrais e o uso da terra. Este movimento é um ponto de confluência entre resistência e produção de vida, as mulheres que são as personagens centrais deste trabalho têm na oralidade uma das ferramentas de perpetuação da memória do bairro, firmando um ponto de intersecção nesse encontro de caminhos, memória, tecnologias ancestrais e a horta comunitária da Vila Nancy.

O patriarcado é um limite socioespacial que reduz as possibilidades de sociabilidade e acesso das mulheres à cidade. Berth (2023) apresenta elementos importantes sobre a forma como as cidades também são pensadas para restringir o deslocamento de muitas mulheres entre moradia e trabalho. Lugones (2008) também dialoga sobre a colonialidade do poder e seu entrelaçamento com as relações de gênero e raça, se discutimos que a cidade se desenvolve de forma segregada racialmente, para as mulheres isso se desvela e intensifica na forma desigual de acessa-la.

Na periferia muitas mulheres não se deslocam para os grandes centros para trabalhar, elas constroem redes de geração de renda no próprio bairro, obviamente que as relações de trabalho, sobretudo autônoma são altamente precárias, por vezes garantindo apenas recursos que permita a subsistência delas e da família. Aqui

destaco que esta realidade rebate o pensamento que as periferias são “*bairros dormitórios*”, muitas residentes em periferia vivem o território em sua integralidade.

Os territórios negros são organismos vivos, onde as relações socioeconômicas, ambientais e políticas acontecem intensamente e movimentam a vida das pessoas que vivem nestes territórios.

Vale ressaltar que não tenho acordo com a ideia de que as pessoas estão confinadas na periferia, penso que a luta é para que os acessos, equipamentos públicos, cultural e de lazer que estão nos bairros mais abastados economicamente, também estejam presentes nos territórios negros, com a mesma qualidade, e havendo desejo das pessoas em se deslocar pela cidade que isso seja garantido de forma ampla e gratuita. O passe livre no transporte público é uma forma de garantir que as pessoas circulem pela cidade, sem que necessariamente precise ser removida do seu espaço, onde tem memórias e afetos constituído.

O desejo é de a gente ser feliz aqui. Eu amo o meu bairro, eu amo o espaço que eu moro, eu amo esse espaço. Eu não tenho assim (...) tem gente que fala, ah, eu quero ir para outro estado, para outro país. Eu acho que eu só vou daqui lá para onde Deus for me levar. (Trecho extraído da entrevista da Estefânia 09/07/2025)

Não nesses espaços de desigualdades e contradições que se organizam os movimentos de luta e resistência frente ao extermínio imposto pelo capitalismo, racista e patriarcal. As mulheres negras são protagonistas nestes espaços, seja denunciando os crimes cometidos contra a juventude negra e periférica, seja na promoção de lazer, cultura, cuidado, conselhos gestores de políticas públicas, e hortas comunitárias, e isso é a exteriorização de feitos dos nossos ancestrais ocupando os territórios.

As cerimônias rituais ocupam lugar ímpar e privilegiado na formação das culturas Negras, pois, como territórios e ambientes de memória, recriam e transmitem, pelos repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, formas e técnicas de criação e de transmissão. São registros e meios de construção identitária, transcrição e resguardo de conhecimentos (Martins, 2025, p. 47).

Durante as entrevistas ouvi das mulheres como foi o contato delas com outras hortas comunitárias da zona leste.

Eu conheci, eu fui com a Dona Elena em uma e também fui na Mulheres do GAU, com a Casa Vivi, porque a Casa Viviane promoveu o curso chamado “Narrativas e Liberdade”. Eu participei do curso, mais o curso (risos), aí eu conheci as Mulheres do GAU, e foi muito legal também. Conheci aquela do José Bonifácio também, da Mata, muito legal, eu gostei bastante. Eu achei todas maravilhosas, a de São Mateus também é maravilhosa, lá também é muito bom o espaço, de todas as hortas, essa aqui é a maior, a horta da Vila Nancy é a maior, porque aqui são 10 mil metros e as outras são menores. As outras são sobras de terreno, então não é tão grande como aqui, as Mulheres

do GAU é um espaço da COHAB, então é um espaço melhor também, a da José Bonifácio é pequena, mas é legal, eu gosto de ir lá, é mais natural, tem mais árvores. Mas aqui é maravilhoso, não tem palavras para dizer, aqui tem muito aprendizado, dá pra aprender bastante coisa. (Trecho extraído da entrevista da Amires 08/07/2025)

Figura 27: Mulheres do GAU³⁴ - Viveiro Escola União de Vila Nova distrito de São Miguel Paulista.



Fonte: Lucas Marteli ilustra a reportagem de O joio e o trigo, “Hortas urbanas despontam como alternativa para emprego, renda e segurança alimentar” (2022)

Acho que depois de um ano e pouco, conheci algumas hortas. Mulheres do GAU, uma no José Bonifácio, em São Matheus também, eu estive lá com Dona Elena. (Trecho extraído da entrevista com a Estefânia em 09/07/2025)

³⁴ A iniciativa de ocupação do terreno ocioso da CDHU ocorreu em 2005 com um grupo de mulheres do bairro União de Vila Nova, as mulheres do Grupo de Agricultura Urbana – G.A.U atuam neste território, no Viveiro Escola União de Vila Nova, fornecendo alimentos sem agrotóxicos para cerca de quinze famílias e promovendo encontros na cozinha coletiva, produzindo receitas regionais com alimentos com insumos colhidos na horta. Para se apropriar mais sobre a história fascinante das Mulheres do GAU indico a leitura da tese da dra. Claudia Rosalina Adão disponível no repositório da USP, e o projeto SESC – SP que entrevistou várias lideranças de hortas comunitárias de São Paulo. Segue o link com a história das Mulheres do GAU, <https://www.sescsp.org.br/editorial/mulheres-do-gau-historias-sobre-agricultura-urbana-e-alimentacao-saudavel/>

Figura 28: Horta Comunitária Da Mata – José Bonifácio distrito de Itaquera.³⁵



Fonte: site SAMPA+RURAL. Disponível em <https://sampamaisrural.prefeitura.sp.gov.br/lugar/horta-comunitaria-da-mata>

Olha, eu conheço muitas hortas, conheço hortas que são na área que agora é da Enel, antiga Eletropaulo. Horta em áreas da Sabesp, fizemos parte de uma associação de agricultores, que era a Associação de Agricultores São Mateus, e se tornou a Associação de Agricultores da Zona Leste, porque expandiu. A Tatiana, nossa agrônoma da prefeitura, que me levou a conhecer lá em São Mateus, dona Sebastiana e o esposo dela, que agora é falecido, mas a gente conheceu lá, e se encantou, e depois veio a Terezinha, o Seu José, e um monte de pessoas, então são várias hortas que a gente conhece, que tem pela Associação de Agricultores, na Tiradentes, Bonifácio, é Zona Sul, Zona Oeste. Em Parelheiros, também fomos lá, é um trabalho que vem se multiplicando, as pessoas estão entendendo o valor que tem um pedacinho de chão, produzir o seu alimento. Eu conheço várias hortas, cada uma com sua essência, cada uma com o seu jeitinho de cuidar, e a gente vai trocando figurinhas, um ensina o outro, a gente fala a maneira da gente, a gente troca mudas, quando um tem uma muda, o outro tem o X eu te mando, o outro tem muda de banana, daqui saiu bastante mudinhas, mudinhas de panques, algumas plantas medicinais que eles não tinham, e a gente tinha, por exemplo, a azedinha, a planta azedinha, que não é o trevinho, ela saiu bastante muda, o Instituto Kairóz veio aqui, comprar uma remessa, e esparramou para as outras hortas, o peixinho também, e mais algumas outras ervinhas que a gente tem. (Trecho extraído da entrevista com a Dona Elena em 09/07/2025)

³⁵ Texto extraído do site Sampa + rural “A Horta Comunitária Da Mata é um espaço aberto de cultura e educação ambiental, localizada na Praça José Felix Lisboa, em área degradada, remanescente do bioma Mata Atlântica. A Horta trabalha a partir dos princípios da Agroecologia e, com foco na restauração da biodiversidade, reflorestamento da área verde degradada e zeladoria da Praça, promove ações culturais e de educação ambiental para a comunidade e o cultivo orgânico, principalmente, de Pancs. A produção pode ser comprada pelo whatsapp ou pessoalmente”.

Site: <https://sampamaisrural.prefeitura.sp.gov.br/lugar/horta-comunitaria-da-mata>. Acesso em 10 mar. 26

Figura 29: Sebastiana – Horta Comunitária em São Mateus³⁶.



Fonte: Associação de Agricultores da Zona Leste - AAZL³⁷. Disponível em <https://agricultoreszonaleste.org.br/quem-somos/>.

O interesse em compreender a passagem das nossas protagonistas por outras hortas, era demonstrar que os bairros, mesmo com suas características e especificidades encontraram formas de ocupar o território desenvolvendo trabalhos agrícolas, relacionadas a experiências com seus territórios de origem. A memória afetiva que o contato com a terra mobiliza é uma estratégia contracolonial promovida sobretudo por mulheres, a incidência que essas memórias promovem através da agroecologia urbana é a possibilidade de viver a cidade de outra forma.

³⁶ A horta da dona Sebastiana como é conhecida o espaço que guarda o cultivo de produtos orgânicos e ervas medicinais, dona Sebastiana emigrou da cidade do Limoeiro em Pernambuco e desenvolve o trabalho de cultivo em uma área cedida pela companhia de eletricidade ENEL, com apoio da Associação de Agricultores da zona Leste ela e seu companheiro Genivaldo (in memoriam) iniciaram os trabalhos de cultivo em 2018, produzindo alfaces, escarolas, agrião, cenouras e outros produtos orgânicos é referência na região de São Mateus.

³⁷ Texto extraído do site da Associação de Agricultores da Zona Leste – AAZL “A Associação de Produtores Orgânicos de São Mateus usa seu nome fantasia, “Associação de Agricultores da Zona Leste”, para agregar agricultores da região é o principal instrumento de apoio mútuo entre agricultores, com associados em Guaianases, Cidade Tiradentes e São Miguel Paulista, além de São Mateus. Representa hoje 14 hortas, com cerca de 40 agricultores trabalhando. A AAZL presta assistência técnica agroecológica por meio de projetos e promove parcerias para comercialização além das feiras do Parque do Carmo e do SESC Itaquera”, Site: <https://agricultoreszonaleste.org.br/quem-somos/>. Acesso em 10 de mar de 2026.

Os quintais produtivos fazem parte da história nas nossas protagonistas, então busquei conhecer esse conceito. Durante meus estudos tive contato com o decreto federal nº 11.642/2023 que incentiva financeiramente as famílias em áreas rurais e urbanas a cultivar gêneros alimentícios sem agrotóxicos, com o intuito de promover a agricultura familiar e impulsionar a economia local. Essa perspectiva do uso dos quintais como espaço privilegiado de produção de alimentos, novamente despertou a memória de como os nossos ancestrais garantiam o contato com a terra e com a oportunidade de reproduzir receitas passadas de geração a geração.

Então, tem muitas hortas, cresceu muito e é, muito gratificante, a gente passar também para as pessoas plantarem os seus quintais, dar uma mudinha de alguma coisa, ensinando as pessoas para que elas entendam, minha sogra plantava, quando ela mudou de Guaianases, ela tinha uma lajinha, o quintal era pequeno, então ela plantava em bacias, não faltava o coentro, não faltava a cebolinha, um pezinho de couve, então a gente começou a passar para as pessoas essa questão de que em pequenos vazinhos, você consegue tirar um alimento. E as hortas fazem muito esse trabalho. (Trecho extraído da entrevista com a Dona Elena em 09/07/2025)

Os quintais são os primeiros territórios de incidência dessas mulheres, primeiro espaço onde as tecnologias ancestrais se expressam. Claro que você deve estar pensando que em São Paulo estamos morando em espaços cada vez menores, estamos verticalizando a vida, e eu acredito que isso é mais uma estratégia colonial de apagamento da nossa memória. Sem acesso à terra, sem acesso ao contato com natureza e as emoções que esse contato produz, cada vez mais seremos estranhadas das coisas essenciais para nossa sobrevivência, como o cultivo de vários gêneros alimentícios, cuidado com a água e preservação.

Dona Elena ilustra como a horta é importante como estratégia de enfrentamento ao memoricídio, conta como são as visitas das crianças das creches na horta e a chegada de alguns adolescentes por lá.

Então a criança não sabe o que é uma cana, às vezes as crianças não sabem que a cenourinha nasce lá no solo aí quando a gente arranca é uma festa, não conhece uma maria pretinha. Então o meu sonho é que a gente consiga deixar esse pedaço aqui, protegido para que no futuro alguém ainda possa usufruir, possa chegar aqui encontrar uma maria pretinha, encontrar uma florzinha que ele pode comer e não sabia, e aprender a comer e ter prazer. (...) vieram uns adolescentes aqui e não sabiam que era cana, aí nós recebemos eles, e tinha um jovem que estava ajudando aqui aí ele ficou por ali, eu falei, onde ele está? tinha meninas, eu fiquei preocupada, ele sumiu da minha vista, mas eles estavam bem próximos. E o que ele estava fazendo? Descascando cana, aí uma das jovencinhas veio e falou assim "*ai eu comi um negócio ali muito gostoso que eu nunca comi na minha vida*", eu falei, não é tempo de fruta, era uma cana, e ela ficou assim, feliz da vida, sabe! (risos). (Trecho extraído da entrevista com a Dona Elena em 09/07/2025)

Os quintais nas periferias, mesmo que em pequenos espaços é a forma que as mulheres encontraram para (re) existir, uma forma de manter contato com sua ancestralidade, como Amires conta durante a entrevista.

Porque lá na rua que eu moro, a única que tem terreno, sou eu lá. E como que eu deixei o terreno lá, não construí? É isso que eu fico intrigada. Porque como antes eu trabalhava muito, eu não tinha essa noção para quê que eu tinha aquele terreno. Mas hoje eu fico pensando que é uma coisa de lá de trás, dos ancestrais mesmo. Aí o Zé falava: vamos construir aqui. Eu falava, não, deixa esse espaço aí, eu acho que é uma coisa, né? E essas bananas mesmo quem plantou foi meu pai, essas bananas nanicão, sabe? E agora africana não. A africana foi o Zé que plantou. Um amigo dele deu a semente, aí ele plantou lá. Trouxe muda também pra cá, de casa. Aqui tem muda de cacau da minha casa. Aqui tem essas bananas africanas que eu trouxe de casa, elas são umas bananas bem grandes. Essas são umas bananas bem grandonas, não sei se vocês já viram. Acho que eu nunca levei elas para casa, eu só levava da outra. Ah, trouxe também banana nanicão pra cá, na minha casa tem. É, acho que eu só trouxe isso, cacau e banana. (Trecho extraído da entrevista da Amires 08/07/2025)

Dona Elena conta como é a relação dela com os quintais e como sua família se organizava nesses espaços antes de iniciar os trabalhos na Horta Comunitária da Vila Nancy.

Ah, lembranças, tem lembranças fortes, do meu avô sentado no quintal na Vila Granada, a gente tinha um pezinho de Lima da Peça, pezinho não, um pé muito bonito, de Lima da Peça, e ele sentado com uma peneirinha descascando laranja para chuparmos, diretamente do nosso quintal. Meu avô cuidava das plantinhas para gente, cuidava de um pé de limão que parecia uma mexerica a cebolinha dele era fantástica, colocava a gente para pegar esterco de cavalo, tínhamos que pôr pra secar e ainda que soltar todo aquele esterco. E assim a gente ia plantando. Então, eu acredito que vem do pai, da mãe, do avô. Aí depois já entrou a sogra também com esse jeito de ser, de viver. A minha sogra quando veio para São Paulo, ela morou na Vila Maria. Da Vila Maria veio para Guaianases, comprou um terreno grande, ela tinha bichinhos. E quando nos casamos, tinha um quintal de lado, na lateral, fizemos 10 canteiros, bem grande, ela tinha as plantações no fundo e os bichinhos, fizemos mais 10 canteiros, tinha um senhor que era sogro de uma menina que estudou comigo, e ele ia comprar verduras da gente lá na Vila Iolanda, ele passava lá e comprava a verdura. Nós vivíamos de aluguel e nos nossos quintais sempre teve um pé de feijão, de couve, a gente tinha cebolinha, que era essencial, um almeirãozinho, o que era da época, um pé de limão. Sempre tivemos nos nossos quintais. Aí eu me casei. O meu esposo nasceu em Aimoré, no Espírito Santo e ele viveu sempre nesses lugares assim, **quintais de vó**. E aí a gente tem essa pegada, quando nós nos casamos logo em seguida, em 1970, 1971, nós morávamos no quintal da minha sogra, lá tínhamos canteiros, plantamos. (Trecho extraído da entrevista com a dona Elena em 09/07/2027).

Impossível não lembrar do quintal onde eu cresci, assim, materializado na minha vivência a relação da Memória com a Consciência que Lélia aborda com tanta

sensibilidade. De fato, é a memória que produz furos importantes na consciência e poder apresentar a importância dos quintais, das hortas comunitárias como uma forma de resistência e produção de vida na periferia, é a maneira de deixar na superfície aquilo que o discurso colonial e os mecanismos de anulação da nossa ancestralidade e vivência nos territórios tenta recalcar.

É nos quintais que as tecnologias ancestrais ganham vida, onde é possível manter saberes passados de geração a geração vivos, o manejo das ervas medicinais são expressões importantes do conhecimento que promove cuidado consideráveis em territórios marcados pelo avanço da precarização do Sistema Único de Saúde – SUS, então saber outras formas de sanar adoecimentos físicos é uma arma poderosa para o nosso povo. Estefânia conta como foi seu contato com essa medicina na horta.

Às vezes eu falo, acho que eu sou até chata, né. Falo para as minhas amigas, eu aprendi isso, você vai pegar tal folha, você vai pegar o macaé, que é para o estômago, você vai pegar a erva cidreira, que acalma, você vai pegar a alfavaca, o manjericão, que é maravilhoso. Teve vizinha minha que curou com o manjericão, a tosse, a rinite. Coloca dentro da água, na garrafa. Ah, mas eu não gosto do chá, não gosto de tomar chá. Coloca dentro da água, na garrafinha de água que você bebe direto. Eu sou muito feliz, porque eu aprendi demais e passo sempre isso, passo para todo mundo. Adoeceu, eu falo, o que foi? Ah, não, tenta primeiro com a erva lá. (Trecho extraído da entrevista com Estefânia em 09/07/2025)

Amires conta como é a sua relação com as ervas medicinais e os conhecimentos que teve com a sua chegada na Horta.

Porque, assim, nesse tempo que eu trabalhei aqui, eu pude ver que as pessoas vêm aqui buscar as ervas quando estão doentes, esse cuidado que elas têm aqui e é uma forma delas se cuidar. Talvez porque elas tragam essa ancestralidade dentro delas, elas deixam de tá usando o SUS, só o SUS e vão fazendo outras formas de autocuidado com elas. Eu acho que elas chegam aqui e busca esse cuidado. Então além de ser bom para natureza, é bom pra si próprio, acho isso muito interessante. Eu, como gosto muito dessa coisa de tomar os remédios naturais, eu acho isso maravilhoso. Muito bom. (Trecho extraído da entrevista da Amires 08/07/2025)

Dona Elena conta que a horta comunitária é conhecida pelo cultivo de ervas medicinais, sendo um espaço importante de manutenção de cuidado para a comunidade próxima a horta e conta como as pessoas chegam com suas vivências em busca de ervas.

Aqui a gente tem muitas plantas medicinais, e essas plantinhas medicinais acolheu as mulheres. Uma vem e pega uma trançagem para uma infecção, a outra quer uma hortelã, aí a outra quer um poejo para fazer um chazinho para o bebê, e outras coisas assim. Ah, e o inhame também, o pessoal procurou muito nessa época, para poder aumentar a imunidade. Então nós começamos a acolher essas mulheres, e elas começaram a nos acolher também. Então, tem um chazinho erva-doce, um chazinho de levante, que foi essencial. A gripe veio, e eu comecei a fazer um buquê, estava eu, a

Estefânia e a Luzia, começamos a fazer um buquê de plantas, e dava para as pessoas, fazer melaço, principalmente, as mulheres, elas dividiam com as coleguinhas, depois vinha pegar mais, e a gente foi trabalhando nisso. E eu falava assim **“a gente tem que voltar ao tempo da vovó, porque quando a vovó cuidava da gente, a gente vivia de mato”**. Eu cresci tomando a erva doce, tomando capim santo, a gente não sabia o que era leite, chocolate, essas coisas, tomava mentruz, muito mentruz, minha mãe dava para gente como vermífugo. Era sempre um chazinho, um hortelã queimado com açúcar. E a gente foi passando isso para as mulheres, foi onde caiu na graça da mulherada e começaram a ter mais essa visão. E aqui somos mais reconhecidas como plantas medicinais do que como horta. (Trecho extraído da entrevista com a dona Elena em 09/07/2027).

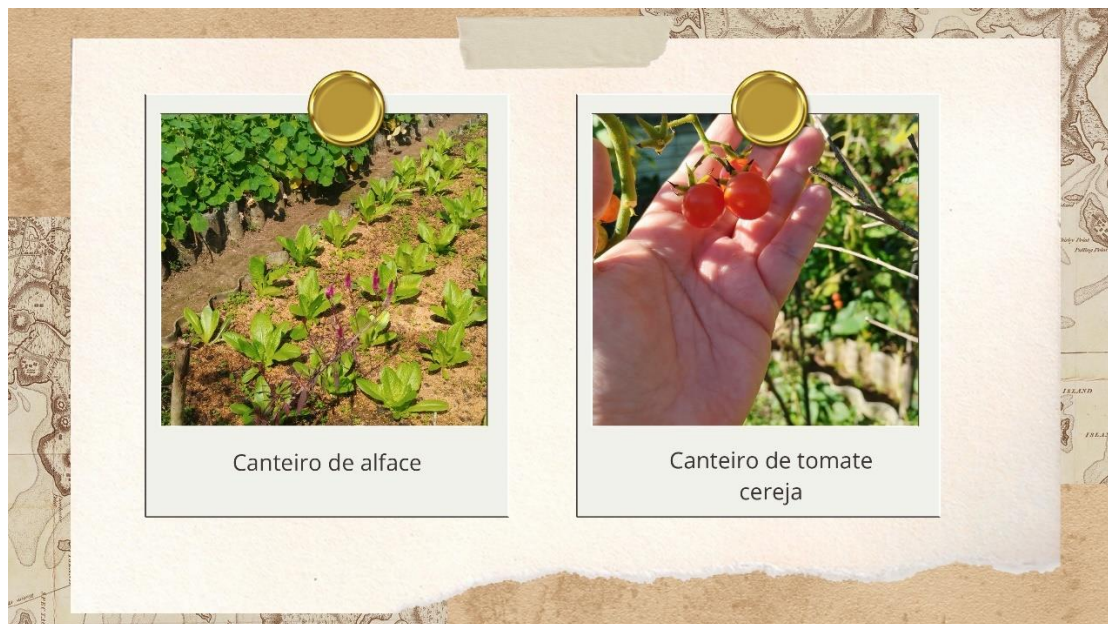
Como estou compreendendo a memória como uma dimensão importante dessa pesquisa, busquei compreender quais memórias chegavam a superfície das emoções delas quando chegavam na horta, qual relação elas tinham com a ancestralidade a partir do contato com a terra.

Uma senhora que vinha aqui para pegar o urucum que é o colorau, e é uma memória bem afetiva que eu tenho desse colorau, porque é muito bom. A gente sabe que é bom para o pulmão, o colorau. E aí eu vim aqui, eu ficava o dia inteiro com a Dona Elena catando esse colorau, é uma coisa que eu trouxe da casa dos meus pais, e estou levando também daqui, na minha casa eu tenho. Na minha casa eu nem deixo acabar as flores do colorau, eu sempre vou em algum lugar para pegar um, lá no parque tem colorau, onde a minha filha mora também tem, eu pego, às vezes, uma flor e levo pra casa, uma coisa que eu tenho vou levar sempre comigo. (Trecho extraído da entrevista da Amires 08/07/2025)

Dona Elena conta, ainda, como a horta desperta memórias afetivas nas pessoas que chegam até o espaço e como isso é importante para garantir a conexão das pessoas com a sua ancestralidade, os cheiros, a terra... as ervas são rios que fluem pelos caminhos da memória.

Anteontem entrou uma pessoa aqui, a gente estava com a visita da Prefeitura e do Agrônomo, eu saí para levar eles até o portão e uma mulher para no portão e fala: *“Meu Deus que lugar lindo, eu morava num lugar assim”* aí o Davi, o outro menino que estava com rapaz da Prefeitura disse *“entra pra conhecer”*, aí ela entrou dei para ela uma folha da capuchinha com a flor para ela comer como se fosse um sanduichinho, e dei para os filhos dela, e ela olhou um matinho ali e começou a chorar, pediu desculpas e eu disse: *“não filha, aqui a gente chora, a gente sorri a gente dança, a gente canta, aqui é para isso, a gente fica à vontade. Ela falou que morou num lugar assim com a avó dela, então vem muito na mente dela, e isso acontece muito com as pessoas quando entram aqui, lembrar desse passado que a gente teve, esses quintais que a gente teve. (Trecho extraído da entrevista com a dona Elena em 09/07/2027).*

Figura 30: Canteiro de Alface e Tomate Cereja, registrado pela pesquisadora durante visita de campo



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Figura 31: Buquê de ervas medicinais e Girassóis, registrado pela pesquisadora durante visita de campo



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Espaços como a Horta Comunitária da Vila Nancy são formas de quilombamento, Maria Beatriz Nascimento (2018) aborda em suas obras como o quilombo é a forma como nos organizamos nos territórios que ocupamos. Nem sempre os quilombos são espaços armados para guerra, mas também pode ser um lugar de paz e acolhimento. Uma dimensão importante de análise, sobretudo quando são as mulheres negras as protagonistas na organização dessas experiências.

As mulheres negras sofrem os rebatimentos de uma sociedade desigual, a interseccionalidade³⁸ como uma ferramenta importante de análise, contribui para apreender como essa realidade se manifesta no cotidiano delas nos territórios que vivem. Sob esta ótica proponho as reflexões sobre territorialidades, aprofundando o estudo sob as estratégias desenvolvidas pelas mulheres em territórios negros.

Por isso, o conceito de territorialidade, de territórios vividos da Dra. Dirce Koga e Dr. Rodrigo Aparecido Diniz (2018) são perspectivas importantes para analisar as relações sociais e como as mulheres negras ocupam os territórios e promovem alternativas para enfrentar a ausência do Estado na promoção de políticas públicas, particularmente na pandemia de Covid-19, sendo fundamentais na produção de saúde e acesso a alimentação em um período profundo de escassez e morte.

3.2. Mulheres Negras: Territórios vividos e estratégias contra coloniais na Covid-19

Alguém me avisou para pisar nesse chão devagarinho

(Dona Ivone Lara)

Sendo Guaianases um “*Quilombo Aldeia*” marcado pela ancestralidade dos povos originários e dos povos vindos de África, as resistências não deixariam de acontecer. O cuidado e a produção de vida relacionados à mulher negra não está sendo pautado na dimensão da apropriação do trabalho doméstico e tampouco da perspectiva patriarcal do cuidado. Como já destaquei, aqui a proposta é de cuidado ancestral, sem romantizar as mazelas que as pessoas residentes em periferia vivem,

³⁸ O conceito de interseccionalidade foi desenvolvido por Kimberlé Crenshaw e refere-se à análise das múltiplas formas de opressão que se cruzam e se articulam, como raça, gênero, classe e outras categorias sociais, produzindo experiências específicas de desigualdade, especialmente para mulheres negras (Crenshaw, 2002).

sobretudo as mulheres negras, mas a intenção é refletir como se organizam e tornam estes territórios pulsantes em vida e ação, assim como eram os quilombos e as aldeias.

Afirmo a importância da memória e da oralidade, isso é uma demarcação política contra colonial e as mulheres negras são de fato as nossas grãos, as nossas mais velhas que salvaguardam as Memórias dos territórios³⁹.

São Paulo, considerada a maior metrópole do Brasil, tem em sua geografia a expressão nítida de desigualdade. A sua ocupação sócio espacial tem raízes profundas na concepção colonial de segregação racial, como vimos nas sessões anteriores.

O ponto agora é refletir como a territorialidade se manifesta nas relações sociais constituídas no bairro do Lajeado, a construção de uma identidade rica em cultura, organização política e movimentos sociais.

Na sua tese de doutorado **“Territórios, Classes e Experiências: As dobraduras do espaço e o tempo nas trajetórias de vida”**, o Dr. Rodrigo Aparecido Diniz se insere na discussão sobre o uso dos territórios, como eles são expressões das desigualdades sociais promovidas pelo capitalismo e os impactos na forma como as pessoas vivem esses territórios e imprimem sua identidade, sendo a territorialidade um aspecto importante para ilustrar essa análise.

Envereda-se a investigar, por meio da compreensão dos determinantes sociais, econômicos, políticos e culturais, as conexões sobre as mediações das relações sociais mediadas pelas classes, sua conexão com a materialidade da vida dos sujeitos nos espaços territoriais periféricos, atentando-se para o movimento encampado e silencioso das camadas cotidianas da vida para interpretar a dialética do tempo presente (Diniz, 2021, p. 94).

Pensar o território e as territorialidades lança luz para como o território do Lajeado se movimenta e articula as relações sociais no esteio da história, marcada por contradições que se manifesta na trama da vida dos sujeitos, coletivos e instituições que ocupam este espaço.

O território é constituído sob a base do espaço, na confluência de relações humanas, que o torna relacional, como campo de mediação de poder saturado de sentidos e significados vivenciados na vida cotidiana. O espaço territorial é o espaço do homem; a vida que é tramada nas relações entre sujeitos e instituições; tensões, conflitos, redes de pertencimento, de

³⁹ Becos da Memória é uma das obras da escritora Conceição Evaristo. A autora trouxe em suas obras a ideia de escrevivência, onde retrata, através das escritas, a vivência de mulheres e homens negros. Ela trouxe nas suas histórias literárias, nas narrativas das suas personagens, a trajetória de vida que se assemelha com inúmeras pessoas negras e trabalhadoras no Brasil.

interesses manifestados nas dinâmicas cotidianas dos espaços (Koga; Diniz, 2009, p. 85).

A territorialidade é a relação entre a natureza, espaço e sociedade, cada território produz uma identidade e uma forma de viver nesses espaços, e mesmo na mesma cidade é comum ouvir que zona leste e zona sul são como dois estados distintos. Isso ocorre pela forma como o território se organiza, como as pessoas ocupam e manifestam nos espaços públicos, ilustrando como as relações sociais são influenciadas pelos territórios e como têm suas vivências conduzidas pelo meio.

É importante expressar que todo território também é constituído por territorialidades; por processos de construções sociais e políticas dos homens na interação com as relações totalizantes da ordem econômica; dos interesses e agenciamentos variados, que incidem sobre as vivências cotidianas dos territórios (Koga; Diniz, 2009, p.87).

Na edição de 11 de setembro de 2025, o Brasil de Fato⁴⁰ fez uma matéria jornalística sobre “As grandes lições de Spike Lee na produção e direção de ‘Katrina: Depois da Tempestade’” e retratou como o cineasta, em três capítulos, para uma série documental para Netflix, descreveu as investidas racistas contra a cidade de Nova Orleans. Em 2005, a cidade foi atingida pelo furacão Katrina, deixando centenas de pessoas desabrigadas, horas depois da tempestade o dique responsável pela contenção da água do mar rompeu e inundou parte da cidade, principalmente os bairros mais pobres e negros.

Nova Orleans é conhecida pelas suas músicas, arte, dança e alegria, marca da população negra que ocuparam a cidade no pós-abolição. Ainda no período da escravidão, muitas pessoas escravizadas iam à cidade para encontros aos domingos, caminhavam horas para poder se reunirem, mantendo viva a ritualística trazida de África. O Jazz e o Blues são dois gêneros musicais que nascem em Nova Orleans, e a cidade se tornou um dos principais pontos turísticos pela riqueza cultural e a proximidade com as praias.

Spike Lee traduz em imagens e com a narração dos sobreviventes do furacão, como o Estado e as empresas negligenciaram as vidas das pessoas que ficaram uma semana aguardando ajuda humanitária. Ele conta como a chegada do exército teve um papel importante para segurança da propriedade privada, onde a máxima do

⁴⁰ Brasil de Fato (BdF) é uma agência de comunicação independente fundada em 2003 por movimentos populares como Movimento Sem Terra (MST), com a intenção de oferecer uma contra narrativa aos veículos convencionais de imprensa. Link da matéria citada: <https://www.brasildefato.com.br/2025/09/11/as-grandes-licoes-de-spike-lee-na-producao-e-direcao-de-katrina-depois-da-tempestade/>. Acesso em 10 de março de 2026.

capitalismo foi materializada diante das redes de televisão, pessoas sendo assassinadas pela polícia local e exercito, por entrar nos supermercados em busca de água potável, comida e remédios – isso certamente te fará lembrar de cenas semelhantes no Brasil.

Mais de 1.850 mil pessoas morreram com a passagem do furacão, outros milhares de pessoas aguardaram ajuda humanitária e sofreram as investidas racistas do governo nacional e estadual. Nova Orleans é uma cidade abaixo do nível do mar, as enchentes e desastres ambientais são frequentes nessa região, e em 20 anos dessa tragédia não houve nenhuma política que primasse pela criação de barragens, tecnologias que estão disponíveis no país – aqui mais uma vez, acredito que isso te faça lembrar de muitas situações que se repetem ano após ano no Brasil.

O bairro Francês, considerado “bairro branco”, não sofreu com as enchentes, e após a passagem do furacão as pessoas puderam voltar para as suas casas. O que se viu nos anos seguintes foram intensas políticas de austeridade, ataques a educação e moradia, o que fez a criminalidade aumentar e o percentual de pessoas negras na cidade diminuir.

Mas, Spike Lee mostra um outro lado dessa tragédia, além de denunciar de forma contundente o racismo ambiental, o racismo estrutural que perpassa por todas as ações tomadas pelo Estado em relação as pessoas negras de Nova Orleans, Lee ilustra neste documentário como as pessoas negras de Nova Orleans criaram estratégias de sobrevivência, pensaram formas de manter acesa a identidade negra ancestral daquele território. A comida, a arte e a organização política foram as expressões de resistência daquele povo, e trouxe para essa pesquisa as reflexões deste documentário por se entrelaçar com a minha compreensão de territorialidade e estratégias contra coloniais de vida diante de situações limites como essas.

Particularmente, irei dialogar com as protagonistas dessa pesquisa sobre a Covid-19 e as tecnologias ancestrais que essas mulheres desenvolveram para enfrentar uma das piores crises sanitárias mundial dos últimos anos, na qual o racismo ambiental e o racismo alimentar se cruzam. Colocando no centro dessa análise as práticas contra coloniais desenvolvida pelas mulheres negras da Horta Comunitária da Vila Nancy nessa quadra histórica difícil e marcada por contradições sociais tão acentuadas, onde propostas sanitárias eurocêntricas não dava conta da realidade dos territórios negros, e pela cosmovisão africana e indígena de cuidado enfrentaram políticas de extermínio que estava em curso pelo governo da época.

A tese da geógrafa Emilia Jomalinis de Medeiros Silva “Um supermercadismo carioca: apontamentos sobre a sócio-espacialidade do varejo alimentar na capital fluminense” analisa como ocorre a distribuição de alimentos nas regiões periféricas, a partir da Interseccionalidade e é possível compreender como o racismo alimentar se manifesta no cotidiano das pessoas residentes em territórios negros.

Nessa encruzilhada, a escala é um dos elementos que Motta (2021) aponta como elementos que informam a análise. Não surpreendentemente, classe e raça convergem no espaço geográfico. Interesse-me, sobretudo, pela dimensão multiescalar destacada pela autora como componente das desigualdades alimentares e como desigualdades alimentares, que também repercutem no conjunto de desigualdades prévias, incluindo as sócio-espaciais e vice-versa. Compreendo que as dinâmicas de disponibilidade, acesso e agência, referentes ao provisãoamento de alimentos e da alimentação, são atravessadas por dinâmicas sócio-espaciais que expressam desigualdades sociais e geram, consequentemente, desigualdades alimentares. Ao trazer a interseccionalidade e a sócio-espacialidade, deixa-se de lado uma ideia abstrata de sujeito. Pessoas são diferentemente afetadas pela desigualdade alimentar e comem alimentos saudáveis com frequência mais adequada do que outras. (...) No supermercado, então, manifesta-se uma contradição ao se colocar o alimento como um bem, uma mercadoria a ser adquirida por intermédio do dinheiro, sendo ele algo indispensável para a sobrevivência humana (Silva, 2022, p. 309).

Silvia discute como a distribuição de alimentos ocorre de forma desigual nos territórios, tendo como marcador a classe social das pessoas que residem no bairro. É comum encontrar alimentos sem agrotóxicos e transgênicos em mercados em regiões mais elitizadas da cidade; ela estuda o Rio de Janeiro, mas essa realidade se repete na cidade de São Paulo, como moradora de periferia vivo de forma empírica essa desigualdade, a ampliação dos supermercados e grandes redes varejistas e de atacarejos influenciou significante na manutenção/existência de feiras públicas. Trata-se de espaços onde conseguimos acessar gêneros alimentícios mais saudáveis e nas horas finais das feiras (conhecidos como xepa) e onde é possível comprar legumes, verduras e frutas com valores acessíveis.

O I inquérito sobre a situação alimentar do município de São Paulo elaborado por docentes da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) com colaboração de docentes da Universidade Federal do ABC (UFABC), em 2024, aponta que as regiões “Leste 2” e “Sul 2” são os territórios com maior índice de insegurança alimentar, seja pela diminuição dos itens mensais nas compras, substituições por produtos com baixo teor nutritivo ou por ausência de alimentos. O estudo sinaliza, ainda, que nos lares chefiados por mulheres, o percentual se agrava.

As desigualdades de gênero e raça também emergem como fatores determinantes para a insegurança alimentar. Quando a pessoa de referência

no domicílio é mulher, a ocorrência de insegurança alimentar grave é 1,8 vezes maior do que nos domicílios liderados por homens. A disparidade é ainda maior quando se considera a cor da pele: domicílios liderados por pessoas pretas têm 60,7% de insegurança alimentar, contra 44,3% nos liderados por pessoas brancas. A combinação de gênero e raça agrava o cenário: em lares com mulheres pretas à frente, a proporção de insegurança alimentar grave é 2,1 vezes maior do que em lares liderados por homens brancos (Gabrielli, 2024).

As hortas comunitárias são importantes no enfrentamento ao racismo alimentar que assola os bairros pobres e, principalmente, as famílias negras. Na pandemia as redes de solidariedade organizadas por mulheres foram imprescindível no combate a insegurança alimentar. Adão (2024) reflete sobre essa organização e cita pesquisa realizada pelo instituto Geledés.

O instituto Geledés – Instituto da Mulher Negra, a Rede de Conhecimento Social e um grupo de coletivos e movimentos sociais realizaram uma pesquisa sobre as formas de atuação e enfrentamento à Pandemia de COVID – 19 protagonizadas pela sociedade civil na região metropolitana de São Paulo. Os resultados preliminares demonstram que, nas periferias da cidade de São Paulo, as entidades comunitárias são os principais agentes de ações de auxílio às pessoas mais vulnerabilizadas pela pandemia, seja de forma direta ou intermediárias das grandes organizações. Um outro dado relevante da pesquisa é o de que mais de 74% das pessoas respondentes (representante das entidades participantes da pesquisa) são mulheres e 62% são negras, o que demonstra o protagonismo de mulheres negras nas ações de combate a pandemia e a busca por mudanças concretas para construção de alternativas sustentáveis e solidárias frente ao quadro que se estabeleceu de precarização da saúde e do trabalho (Adão, 2024, p. 74).

Durantes as entrevistas, perguntei para dona Elena, Amires e Estefânia **como foi a relação das pessoas do bairro aqui com a horta no período da pandemia?**

Tinha uma moça que vinha cozinhar a comida dela aqui, ela tinha duas crianças, trazia elas e cozinhava no fogão a lenha, porque antes tinha um fogão a lenha aqui, ela cozinhava só no fogão a lenha, porque não tinha gás. Então, eu via que as pessoas vinham aqui para pegar, vamos supor, uma alface, couve, o pessoal gosta muito de couve, as crianças vinham pra pegar azedinha, tinha bastante azedinha. Aí tinha também pessoas que vinham para pegar planta peixinho, ora-pro-nobis que é uma comida que é medicinal, também vinham pegar salsinha, a gente nem vencia, toda hora vinha um, o fluxo aqui na pandemia para comunidade foi importante, porque era uma forma de garantir alimento mesmo. (Trecho extraído da entrevista com Amires em 08/07/2025)

Na fala da Amires é possível compreender que a horta foi mais que um espaço de produção de alimentos e ervas medicinais, mas também foi um lugar de suporte as famílias da comunidade que ficaram absolutamente desassistidas pelo Estado. Durante a pandemia o índice de desemprego cresceu nos lares brasileiros, e com esse aumento a fome e privação de insumos básicos tornaram-se frequentes. A impossibilidade de socialização continua e o fechamento de serviços

socioassistenciais agravou a situação de privação das famílias nas periferias, particularmente de São Paulo.

Muitas pessoas vinham buscar aqui na horta auxílio. Como que foi no período da pandemia, as mulheres, em geral, foi época dos chás, fazíamos kits por conta da tosse, de febre, de gripe, não sabia se estava realmente com a COVID ou não. Mas aí, nessa época, a gente já estava mais apegada aqui, já sabia o que usar. Já ia passando uma para a outra. Leve esse kit aqui, faz desse jeito, toma. Só ia para o hospital mesmo quando não tinha feito algum efeito, além do que a gente tinha imaginado. Aí falávamos, você vai precisar mesmo ir lá, está com a COVID, vai ter que se tratar com o químico. Eu sempre falo, eu prefiro a erva, eu prefiro o chá, antes de eu tomar um comprimido, de me deslocar até a UPA e ficar 4 horas lá, eu venho aqui buscar o chá. (Trecho extraído da entrevista com Estefânia em 09/07/2025)

A Horta Comunitária da Vila Nancy é conhecida pela produção de ervas medicinais, como dona Elena já nos contou na sessão anterior. Durante a pandemia os portões da horta ficavam abertos para comunidade, as mulheres começaram a produção dos “buquês” para xaropes caseiros, os hospitais nas regiões periféricas estavam cheios e os casos mais agravados eram enviados para os hospitais de campanha longe do território de moradia.

Em 2020, integrei o movimento “Frente Popular pela Vida”, organizamos inúmeras manifestações pela zona leste cobrando do poder público a implementação dos hospitais de campanha na nossa região, *lockdown* (fechamento geral dos serviços e comércios não essenciais) e as tendas de testagem em massa para toda população. Nossa luta se estendeu até 2021 na segunda onda do vírus, momento crítico da falta de oxigênio nos hospitais da cidade. Para a população periférica buscar tratamento médico para Covid-19 podia significar não retornar para casa, obviamente, mesmo diante de um cenário de abandono, orientávamos as pessoas nos cuidados com a doença, com a transmissão e o momento que infelizmente somente a internação era a possibilidade de vida, como Estefânia explanou.

Figura 32: Divulgação da atividade online da Frente Popular pela Vida, em 2020



Fonte: Instagram da Frente Popular pela Vida (2020).

Figura 33, Figura 34: Ato da Frente Popular pela Vida – Projeção das nossas reivindicações na faixa do estádio do Corinthians em Itaquera 20 de junho de 2020.



Fonte: Acervo pessoal (2020).

O manejo das ervas feito pelas mulheres negras da horta, materializou como as tecnologias ancestrais do povo negro e indígena se desenvolveram neste momento. Ele foi fundamental para evitar o avanço da Covid-19 no bairro, contribuiu

para o tratamento da doença e evitou a ampliação da sua transmissão, pois, ir ao hospital significava aumentar as chances de contágio, e como é sabido, ficava a cargo das mulheres acompanhar as pessoas que adoeciam em suas casas, sendo atribuído a elas a responsabilidade de “cuidado” dos doentes, seguindo neste caso uma lógica patriarcal das relações sociais de gênero, sem relação com a perspectiva de cuidado que essa pesquisa defende.

Fortaleceu, porque o pessoal também começou a se preocupar em comer um alimento sem veneno, sem agrotóxico, até para melhorar a saúde. E a gente foi passando para eles também, como a gente aprende bastante, ensina um pouco também, nas palestras, tudo. A gente foi passando as plantas, que seriam boas para pessoa voltar a comer, uma taioba. As pessoas vêm procurar, uma planta, capeba - pariparoba, que é uma planta muito boa para o fígado, para poder fazer tipo depurativa. Aí o pessoal começou a entender que a gente precisava se limpar por dentro, comer mais saudável, para poder superar, porque a gente ficou naquela expectativa, será que ela volta de novo? Principalmente o COVID. Porque o COVID foi muito forte e a gripe, a gente sabe que vai ir a ficar, cada ano, ela aumenta um pouquinho de classificação. Então, o pessoal começou a pensar assim, e quem vem à frente são as mulheres. (Trecho extraído da entrevista com dona Elena em 09/07/2025)

Além de entender como foi o desenvolvimento das tecnologias ancestrais semeadas por essas mulheres no contato com a terra, queria capitar na fala delas, como foi para elas passar por esse período em contato com a horta, Estefânia e Amires se aproximaram da dona Elena e da horta no início da pandemia, então queria ouvi-las e saber como esse espaço foi um sopro de vida, quando o ar faltava para o mundo. Então, perguntei: **você acha que você passou pela pandemia diferente por estar nesse espaço?**

Com certeza, com certeza que passei. Porque foi um local que eu encontrei de refúgio, um escape. Às vezes eu estava em casa, não tinha (...). Sei lá, a gente não podia ir pra lugar nenhum quase. Tudo era fechado, com máscara, eu descia aqui. Andava um pouquinho aqui. Aliviava um pouco o peito. (...) Além do mental, a alimentação como eu disse, você aprende a se cuidar também. Além da sua mente, do seu corpo. Porque se você alimenta o seu organismo, o seu corpo, se você come bem, com certeza a sua mente também fica melhor, o seu corpo também fica melhor. (...) Ah, os encontros foram muito gratificantes, foram lindos. Porque a gente estava com aquela angústia com tudo que estava acontecendo, perdendo entes queridos, pessoas que a gente amava. E aqui a gente se encontrava, conseguia aliviar um pouco a dor num espaço que é acolhedor, que foi acolhedor pra nós. E a gente fazia um chazinho, passeava nos canteiros e conseguia distrair um pouco esse momento difícil que cada um de nós estava passando. (Trecho extraído da entrevista com Estefânia em 09/07/2025)

O sofrimento psíquico na pandemia aumentou significativamente⁴¹, neste período eu fazia atendimento social na Casa Viviane e falar sobre as perdas afetivas, econômicas e sociais, eram os principais assuntos dos atendimentos. Ficava nítido que toda insegurança com os próximos meses e o que essa doença poderia causar quando nos infectávamos, tornava a vida mais árida, desesperançosa. A horta, para as protagonistas da pesquisa, foi um espaço importante de garantia e/ou manutenção da saúde mental, e pensando que corpo não está desconectado da psique, poder viver com outras mulheres, em situações semelhantes e manter contato com a terra, vendo a vida florescer nos canteiros, foi um fator relevante para promoção de saúde física e mental.

Eu acho que foi diferente porque eu não adoeci como muitas pessoas adoeceram mentalmente, a Casa Viviane não estava recebendo muitas pessoas na época, e aqui eu já podia interagir, mesmo de máscara, conversar. Ter o apoio de outras pessoas, porque eu vim de um casamento de mais de 30 anos de união, aí perdi isso, a estrutura, querendo ou não, foi bem difícil pra mim. Mas a casa Viviane, a Estefânia, a Margarida, todas as mulheres me ajudaram, todas as mulheres que eu conheço me ajudaram nesse processo, e a horta foi maravilhosa pra mim, porque a Estefânia também vinha para cá, e a gente é amiga, aqui nós comíamos, fazíamos a farra todo dia, parecia que era uma festa. Ah, nem lembrava que tinha pandemia, colocávamos máscara e ficava por aí. Nem lembrava que existia pandemia. (Trecho extraído da entrevista com Amires em 08/07/2025).

Antônio Bispo dos Santos (Negó Bispo) no seu livro “A Terra dá, a Terra Quer” (2023) fala sobre a nossa relação com a terra e como a criação conexões com a natureza é a possibilidade de criarmos cisão no discurso colonial e capitalista, onde o afastamento das nossas raízes ancestrais, a alienação sobre como o meio ambiente tem sido violentado ano após ano pelos interesses do agronegócio e das multinacionais que ditam as leis e devastam as florestas, desterritorializa os povos originários e quilombolas, dizimando povos, memórias e saberes. Ele fala sobre a confluência das nossas ações e como a mudança na forma como nos posicionamos na sociedade pode ser considerada uma reação contracolonial, já que para ele ainda estamos vivendo os rebatimentos do sistema colonialista.

No começo da pandemia de covid-19, alguns setores da sociedade fizeram alarde: “Os quilombolas vão morrer, os indígenas vão morrer, eles vão morrer

⁴¹ O aumento dos sintomas psíquicos e dos transtornos mentais durante a pandemia pode ocorrer por diversas causas. Dentre elas, pode-se destacar a ação direta do vírus da Covid-19 no sistema nervoso central, as experiências traumáticas associadas à infecção ou à morte de pessoas próximas, o estresse induzido pela mudança na rotina devido às medidas de distanciamento social ou pelas consequências econômicas, na rotina de trabalho ou nas relações afetivas e, por fim, a interrupção de tratamento por dificuldades de acesso. Texto extraído do site: <https://bvsmms.saude.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>. Acessado em 10 mar. 26.

primeiro porque são os mais fragilizados”. Inventaram que somos os mais fragilizados. Estou num quilombo que tem mais de cem famílias e estamos a cinco quilômetros da cidade. Os quilombos não têm grandes aglomerações. Moramos distanciados, nos visitamos, mas não em grande quantidade de pessoas. Vamos para a roça todos os dias. Lá, somos nós e a mata. Aqui, fazemos autogestão. Temos uma associação, mas ela só serve para nos relacionarmos com o Estado – tanto é que ninguém tem interesse em ser presidente. A nossa gestão é feita nos mutirões, nos velórios, nas festas, nos aniversários, nas missas, nos terreiros, nas roças. Apareceu um problema, resolvemos na hora. Já o povo da política se reunia em Brasília para resolver o problema da pandemia na Amazônia. Enquanto isso, o povo morria sem oxigênio, porque quem resolve está em Brasília (Bispo, 2023, p. 34).

Por fim, a pandemia de Covid-19 foi um evento traumático mundial, para as populações periféricas e negras, os rebatimentos foram intensos. No entanto, como vimos, a ancestralidade passou na frente, e as redes de solidariedade foram fundamentais para nossa sobrevivência, assim como para denúncia e registro das violências que fomos submetidos pelas políticas coloniais de extermínio das pessoas pobres, negras e indígenas. A Covid poderia ter impactado ainda mais a forma de vida nos territórios negros, mas, espaços como a horta comunitária da Vila Nancy tiveram incidência ímpar para alterar a realidade imposta, refletindo até hoje na relação com o bairro.

A intenção aqui não é anular as responsabilidades do poder público. As redes de solidariedade, as hortas comunitárias, os pontos de cultura que arrecadava alimentos e distribuía as famílias mais afetadas pela pandemia são estratégias criadas pela classe trabalhadora em movimento, uma classe que tem relações profundas com a sua ancestralidade e transforma a realidade na sua relação com território. Tais estratégias, historicamente, fazemos diante da ausência do Estado e do avanço neoliberal que ganhou proporções alarmantes durante o governo do presidente Jair Bolsonaro (2018-2022).

3.3. Quintal de vó: Semeando saberes ancestrais de Mulheres Negras

“Cuidar da terra então, é cuidar do nosso destino, da nossa liberdade, da nossa esperança.” (hooks, 2022, p. 160)

No decorrer das minhas visitas na horta, conversei com as mulheres sobre suas memórias afetivas, como elas se sentiam quando estavam naquele espaço e quais laços se formavam quando se encontravam, durante a pandemia e depois. Amires e

Estefânia não trabalham mais na horta, elas vão em tempos mais espaçados por questões pessoais, o pai da Amires adoeceu na pandemia e ela ficou responsável pelos cuidados dele, e a Estefânia ficou dois anos na horta pelo Programa Operação Trabalho (POT) da Prefeitura de São Paulo, coordenada pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho (SMDET). Esse programa prevê um valor pecuniário mensal de R\$ 1.593,90 para 30 horas trabalhadas semanalmente, e outro valor de 1.062,54 para 20 horas trabalhadas semanalmente.

As mulheres protagonistas da pesquisa são beneficiárias de programas sociais, e a falta de recurso financeiro impactou a permanência delas por mais tempo na horta. Amires, embora receba pensão por morte do companheiro, foi atravessada por uma outra realidade que é imposta as mulheres, o papel de “cuidadora” e parte do seu tempo hoje é direcionado aos cuidados do pai idoso.

O POT foi uma parceria importante que aconteceu na horta nos últimos anos, mas conversando com a dona Elena ela contou que o programa foi reduzido drasticamente nos últimos quatro anos. Atualmente, a horta conta apenas com uma pessoa que trabalha meio período, no período que a Estefânia trabalhou pelo programa havia outras nove mulheres além dela.

Houve mudanças significativas nos programas assistenciais e de geração de renda na Prefeitura de São Paulo nos últimos anos. O governo do prefeito Ricardo Nunes intensificou as políticas de austeridade, ampliando a terceirização e reduzindo os incentivos aos espaços de geração de renda, como a horta, que embora seja gerida de forma autônoma pela Associação de Moradores da Vila Nancy sob a coordenação da dona Elena, as parcerias como o POT contribuía de forma significativa para manutenção do plantio e organização do espaço. Mas, mesmo com todas as dificuldades elas se mantêm juntas na horta e de tempos em tempos se reencontram para cuidar das plantas, dos canteiros e dos animais criados naquele espaço.

O contato com a horta transporta nossas protagonistas ao “Quintal de Vó”, como dona Elena lembra em uma das suas falas, ao contar sobre como era viver no tempo da vovó, *“a gente tem que voltar ao tempo da vovó, porque quando a vovó cuidava da gente, a gente vivia de mato”*.

Figura 35: As mulheres na Horta. Da direita para esquerda: Amires, dona Elena e Estefânia, registrado pela pesquisadora durante visita de campo



Fonte: Acervo pessoal (2025)

Bell hooks escreveu no seu livro “Pertencimento: uma cultura do lugar” suas memórias sobre a saída da zona rural do sul dos Estados Unidos, onde cresceu. Ela afirma que muitas pessoas negras adoeceram nesse processo, uma vez que a falta de contato com a terra, com as plantas, com a natureza os distanciava dos laços que os mantinham saudáveis física e emocionalmente.

Sem espaços para cultivar comida, para comungar com o mundo natural ou para contrabalancear com a extrema pobreza com esplendor da natureza, os negros passaram por uma depressão profunda. Ao trabalharem nas condições nas quais o corpo era considerado apenas uma ferramenta (como na escravidão), sofreram um profundo distanciamento entre a mente e o corpo (hooks, 2022, p. 73).

Dona Elena, durante a entrevista, falou de como se sente quando está na horta, como andar pelos canteiros, sentir cheiros e o ar é um retorno para sua infância, acalma, acolhe e melhora sua saúde mental.

(...) então se a gente for falar, tem várias coisas, mas o forte mesmo é isso e o ar, gente entra aqui eu não sei, é uma diferença muito grande, por mais que a gente esteja, assim, com situação difícil, às vezes eu passo umas “alegrias” aqui e eu corro no canteiro - agora eu estou correndo numa caixinha de isopor que a gente está tirando do canteiro - aí eu corria lá no canteiro, pegava uma folha de levante, que é um hortelã, e às vezes eu nem lavava, eu já colocava na boca e mastigava um pouquinho e a gente vai se acalmando, vai colocando tudo nos devidos lugares. São várias coisas que traz memórias. (Trecho extraído da entrevista com a dona Elena em 09/07/2027).

Estefânia contou com emoção como foi seu contato com a terra. Embora sua avó tenha vivido próximo a horta, ela nunca havia entrado naquele espaço até a pandemia, ela aprendeu a plantar e aprendeu como funciona a relação diária com a terra.

Minha avó morava aqui, onde eu moro, desde 2011. Então eu subia ladeiras, descia ladeiras, mas não conhecia. E na pandemia, a gente passando, resolvemos entrar. E aí eu vi a beleza que tinha do meu lado e eu não conhecia. (...) você começa a conhecer como plantar, como lidar com a terra. Eu achava que plantar, eu olhava pra uma alface, uma árvore frutífera, eu achava que era só colocar a semente lá e pronto, daqui a um mês tá lá, a fruta tá lá no pé, a alface tá enorme. E tem todo um cuidado, o manejo, você aprende a adubar. E o momento que você tá ali, pondo a sua mão na terra, sentindo a terra, você até esquece de coisas ruins que estão dentro de você. Mexer com a terra, cuidar do plantio dela, vê-la florescer. Porque a gente vinha num dia, uns dois dias da semana, depois você vem de novo, aí tá aquela mudinha, aquela coisinha mais linda! Então, é isso. (Trecho extraído da entrevista com Estefânia em 09/07/2025).

Amires contou também sobre sua reação com a terra e como sua ancestralidade fortaleceu seu contato com a natureza.

Como eu vim pequenininha de Minas, eu tenho muito pouco lembranças de lá. Mas a minha mãe, ela sempre mexeu com isso. Ela era benzedeira, ela benzia as crianças com ramos, eu sempre vi isso, ela virando as crianças e tudo, tirando quebrantes, essas coisas. E eu acho que a minha ligação vem de lá. Do meu bisavô, ele tratava das pessoas, assim levava as pessoas para casa dele e tratava, ficava lá até melhorar, eu acho que a minha ligação vem daí. (Trecho extraído da entrevista com Amires em 08/07/2025).

Retomar o contato com a terra, transforma a forma de se relacionar com o território, com os alimentos, e cria possibilidades pela oralidade de criar novas epistemologias, concebidas pelas relações sociais estabelecidas por essas mulheres negras e a natureza.

Embora eu tenha crescido cercada de pessoas do campo que lidavam com a terra com facilidade, sempre achei que não teria talento para jardinagem. Nos últimos anos, descobri que consigo, sim – que muitas hortas vão crescer, que me sinto conectada com meus ancestrais quando posso colocar a mesa uma refeição com o alimento cultivados por mim (hooks, 2022, p. 73).

Semear a terra é uma ação que cuida das mulheres entrevistadas nessa pesquisa. Bell hooks (2021) lembra que como a terra e a ancestralidade é um caminho para cura, a relação com a natureza reaproxima elas dos cuidados que o discurso colonial tenta apagar.

A autogeração coletiva acontece quando começamos a renovar nossa relação com a terra, quando lembramos o modo de vida dos nossos ancestrais. Quando a terra é sagrada para nós, nosso corpo também pode ser sagrado (hooks, 2022, p. 74).

Amires contou com alegria durante a entrevista que, no período da pandemia, ela e as mulheres que frequentavam a horta produziram 8 mil mudas de plantas para o Parque Linear de Guaianases, que para ela foi um dos momentos mais importantes que ela viveu naquele lugar. Pensando a horta como um viveiro de sonhos, o sonho dela é florir o bairro e com essa iniciativa ela acredita que contribuiu e se aproximou de realizar um desejo antigo: florir tudo.

Então, a minha relação com a horta foi a melhor que eu pude imaginar, porque assim, eu fui muito acolhida mesmo, eu pude vir aqui, a dona Elena me acolheu, eu pude mexer na terra, eu pude plantar, fazer muda, eu fiz bastante mudinhas aqui, a gente fez mudas para aquele parque linear, aquele que é ali de Guaianases, um perto do Assai, eu esqueci o nome. Ah, não sei (risos) é um nome meio indígena, fizemos um mutirão aqui dentro pra fazer as mudas, e a gente levou pra lá, foi muito bom! Ah, o meu desejo é que o bairro fosse mais florido, para as pessoas serem mais alegres. Eu acho que as flores, as plantas, trazem mais alegria, mais leveza para as pessoas. E, muitas vezes, até as crianças que não estão tão leves hoje. Eu acho que se tivesse um pouco mais de flores, quem sabe as pessoas seriam mais leves. Então, esse é um grande desejo. Eu pego a sementinha e já vou espalhando, eu tiro semente das flores e vou jogando. Eu falo, o dia que chover, elas vão florescer. E eu já até arrumei uma amiga lá na Parada XV que faz isso também, dona Rosa, ela também joga flores por aí, joga sementinha para ficar essas flores aí amarelinhas, para florir o bairro. É muito legal. Lá tem bastante flor na Parada XV. Deu certo. (Trecho extraído da entrevista com Amires em 08/07/2025).

Figura 36: Canteiro de flores, registrado pela pesquisadora durante visita de campo

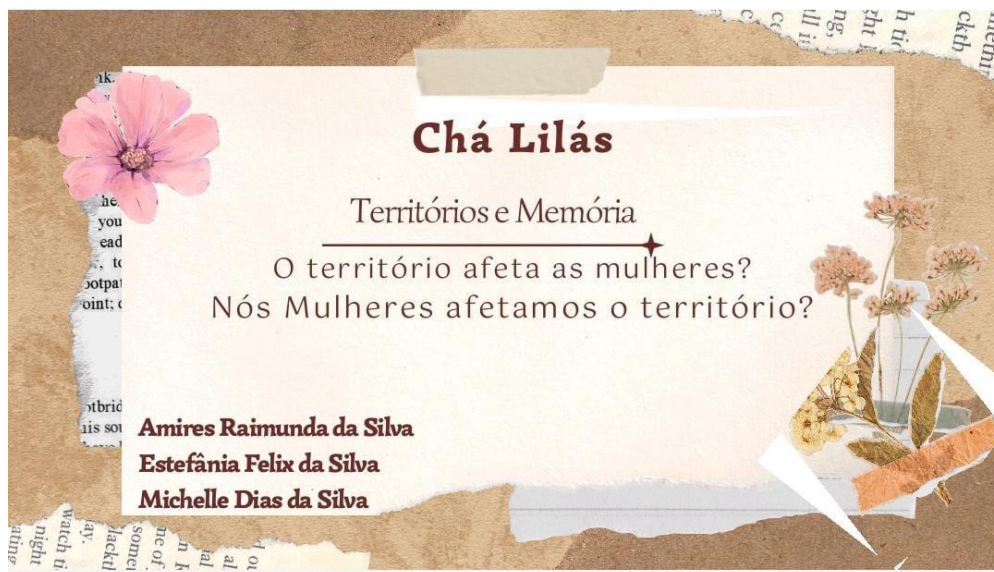


Fonte: Acervo pessoal (2025).

Nos meses que estive realizando trabalho de campo para pesquisa, fui convidada pela equipe da Casa Viviane para falar sobre a proposta de trabalho que estava desenvolvendo junto com as mulheres da horta. Todos os meses a Casa desenvolve uma roda para discutir temas que se relacionam com as mulheres e seu cotidiano. Falar sobre territórios negros, a memória do bairro do Lajeado e a existência de uma horta comunitária coordenada por uma mulher negra há 39 anos seria uma grande possibilidade de demonstrar como as mulheres incidem de forma organizada no bairro modificando a realidade, como ocorreu durante a Covid-19.

Diante desse convite, não poderia fazer essa fala sozinha, por acreditar que a pesquisa em curso estava sendo realizada por todas as pessoas envolvidas nela, convidei a Estefânia e Amires para palestrar nesse espaço tão simbólico e significativo para nós três. Então, fizemos alguns encontros para organizar o que elas avaliavam ser importante levar como narrativa sobre a horta, organizamos fotos, vídeos e fomos, com o coração cheio de emoção. O “Chá Lilás”, atividade que ocorre mensalmente na Casa, seria o primeiro espaço que falaríamos juntas sobre essa pesquisa. Obviamente, a pesquisa estava em curso, então foi uma possibilidade ouvi-las além das entrevistas que faria nos meses seguintes.

Figura 37 – Apresentação “Chá Lilás”.



Fonte: Elaborada pela autora (2025).

Figura 38: Apresentação sobre as vivências das mulheres na Horta Comunitária da Vila Nancy no “Chá Lilás” 26 de junho de 2025.



Fonte: Cedida por Gabriela Ramos (2025).

Como mencionei na metodologia, optei por fazer uma pesquisa militante, minha perspectiva de produção do conhecimento não poderia ser distante da relação direta com o território. As mulheres que protagonizam essa pesquisa e contribuem com as suas memórias através da oralidade estão criando novas epistemologias, formas de produzir conhecimento e a transmitir, seja pelo manejo das ervas, seja florindo o bairro ou fazendo palestras.

Neste percurso, propus para as mulheres que fizemos um curta-metragem, fiquei inquieta com as colocações da dona Elena sobre como as pessoas pesquisadoras se relacionavam com ela e com a horta. Esse curta foi produzido por uma pessoa não binária – o Sonho – e um homem trans – o Ynã Precioso –, duas pessoas afro-indígenas e da periferia da Zona Norte. Esse, certamente, foi mais um encontro das encruzilhadas dessa pesquisa. O olhar sensível deles e o contato com as mulheres deu vida às entrevistas, cada fala agora está registrada no curta **“Semeando Saberes Ancestrais: As mulheres da Horta Comunitária da Vila Nancy – Quilombo Aldeia no bairro do Lajeado”**.

Todas as entrevistadas receberão uma cópia desse documentário, assim, ele poderá ficar no acervo que conta a história da horta e também poderá ser utilizado pelas mulheres nas palestras que são convidadas a fazer nos serviços socioassistenciais e de saúde do bairro.

Figura 39: Apresentação do Curta – Metragem para as mulheres da horta. Registro fotográfico realizado pela pesquisadora durante visita de campo



Semear esses saberes foi algo que me propus fazer no campo da pesquisa: trazê-los para dentro da universidade, demonstrando como essas mulheres negras com suas tecnologias e saberes ancestrais promovem vida em territórios marcados pela morte, colocando essas mulheres no centro da construção de narrativas que impulsiona os leitores que estão acessando minha pesquisa a pensar que nas periferias pulsa transformações, movidas por essas mulheres. Na periferia, as potencialidades se levantam para enfrentar as violências, a escassez e no chão que percorri nos últimos meses, flores e ervas se misturam com os cheiros da terra para mostrar que há **potência de vida no umbigo da Encruzilhada**.

Eu podia falar do esgoto a céu aberto,
 Das ruas esburacadas,
 Do cheiro de morte que caminha pelas ruas quando uma viatura da polícia
 passa com as sirenes apagadas.
 Mas, eu quero falar das quermesses de rua,
 Das cadeiras na calçada aos domingos,
 Das ruas cheias de bandeirolas e bandeiras do Brasil pintadas no chão com
 cal na Copa do Mundo.
 Quero falar das rodas de samba,
 Dos terreiros de umbanda e candomblé,
 Das feiras livres com muita gritaria e animação.
 Quero falar da miscelânea de cheiros que deslizam pelos becos e vielas,
 Quero falar das vozes e músicas que se misturam no ar.
 Quero falar das pipas que dançam no céu colorindo tudo,
 Quero falar da criança que corre na rua,
 Das festas de Cosme e Damião e os saquinhos transbordando doce.
 É da potência de vida que quero falar,
 São as vozes insurgentes, vozes de mulheres negras, indígenas,
 movimentando um mundo novo.
 É no umbigo das Encruzilhadas que nasce o saber ancestral
 Saber que sustenta e alimenta a periferia.

(Potência de vida no umbigo da Encruzilhada – Mi Dias)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: COMEÇO, MEIO E O COMEÇO

Chegou o tempo das flores: arei a terra, joguei a semente no solo, reguei com as ideias e nesse movimento espiral do tempo, a pesquisa floresceu, e aqui quero dizer sobre as análises que fiz no percurso desse estudo. Entendo que a lógica da finitude está relacionada ao pensamento eurocêntrico da construção do conhecimento, aqui proponho que a leitura dessas considerações, seja atenta e generosa, pois é no movimento espiralar do “começo, meio e começo” (Bispo, 2023, p.35) que vou tecer a análise a seguir.

Posto isso, retomo as reflexões sobre territórios negros, defendo que eles não podem ser compreendidos apenas como resultado de processos espontâneos de ocupação urbana, mas sim como produtos históricos de uma sociabilidade marcada pelo colonialismo, pelo racismo estrutural e por políticas sistemáticas de apagamento da memória. O conceito de memoricídio, articulado às reflexões de Frantz Fanon, Walter Mignolo e Clóvis Moura, permite compreender que a dominação colonial não se restringe à expropriação material da terra, mas se estende à dimensão simbólica, subjetiva e histórica, operando na negação das identidades, saberes e trajetórias da população negra.

Nesse sentido, o apagamento das memórias negras se revela como uma estratégia central para a manutenção das hierarquias raciais, produzindo sujeitos deslocados de sua história e de seus vínculos ancestrais. Contudo, demonstro ao longo da minha pesquisa, que esses mesmos territórios também se constituem como espaços de resistência, onde a memória é continuamente reconstruída por meio da oralidade, das práticas culturais e das formas coletivas de existência. Por isso evoco as trajetórias de Geraldo Filme e Clementina de Jesus, como experiências importantes da cultura negra, demonstrando como ela opera como um arquivo vivo, capaz de tencionar as narrativas hegemônicas e afirmar outras possibilidades de pertencimento e existência aos territórios.

Ao trazer para o centro da análise as vivências nos territórios periféricos, especialmente no contexto do Lajeado, em Guaianases, reafirmo que os territórios negros são simultaneamente marcados pela violência estrutural e pela potência de vida, organizada pelas pessoas negras e não brancas residentes desse bairro. Assim, compreender os territórios negros implica reconhecer não apenas os processos de

segregação que os constituem, mas, sobretudo, as estratégias de resistência, cuidado e produção de vida que emergem desses espaços.

E na inquietação de não retratar apenas as tragédias, que, sim, ocorrem na periferia, minha intenção foi deslocar o olhar que estão imersos na imagética estigmatizante das periferias, apontando para a necessidade de reconhecer os territórios negros como espaços legítimos de produção de conhecimento, memória e práticas de cuidado. Para o Serviço Social, essa compreensão se coloca como fundamental, na medida em que convoca a profissão a atuar de forma crítica e comprometida com o enfrentamento do racismo, valorizando os saberes ancestrais e fortalecendo as redes de resistência já existentes nos territórios.

A partir das contribuições de Aníbal Quijano, Maria Lugones e Joice Berth, evidenciei que a organização socioespacial das cidades brasileiras é profundamente atravessada por marcadores de raça, classe e gênero, que definem não apenas quem ocupa determinados territórios, mas em quais condições e quais vidas são valorizadas.

Sob a perspectiva da segregação sócio-espacial-racial e a colonialidade do poder, é possível compreender que a periferia emerge como resultado de um projeto histórico de exclusão, intensificado no pós-abolição, quando a população negra foi sistematicamente apartada do acesso à terra, ao trabalho e as políticas públicas. Ao contrário, legislações foram pensadas para criminalizar os copos, rituais, danças e expressões da cultura africana que estava presente no nosso país, com a presença de pessoas africanas e seus descendentes.

No entanto, ao mesmo tempo em que esses territórios são marcados pela violência estrutural, pela precarização e pela presença seletiva do Estado, eles também se constituem como espaços de reinvenção da vida, onde práticas coletivas de solidariedade, cuidado e resistência ganham centralidade.

A noção de “periferia quilombo”, inspirada nas reflexões de Beatriz Nascimento, possibilita o reconhecimento desses espaços como territórios vivos de produção de identidade, memória e organização política. Assim como os quilombos históricos representaram rupturas no sistema escravocrata, as periferias contemporâneas, por meio do aquilombamento, expressam formas contra-hegemônicas de existência, que desafiam a lógica colonial e capitalista.

Neste processo, destaco o protagonismo das mulheres negras, que, a partir de práticas cotidianas e saberes ancestrais, constroem estratégias de cuidado,

sobrevivência e resistência. Seja nas associações comunitárias, nos terreiros, nas hortas comunitárias ou nas redes de solidariedade que atuam sistematicamente nos territórios mais empobrecidos da cidade, são essas mulheres que sustentam dinâmicas coletivas fundamentais para a manutenção da vida, ao mesmo tempo em que produzem novas epistemologias que tencionam os limites do pensamento eurocêntrico.

Portanto, defendo nessa pesquisa que as periferias são como grandes quilombos, implicando o reconhecimento da sua dupla dimensão: de um lado, como territórios que se constitui historicamente pela exclusão e violência racial; de outro, como espaços potentes de criação, luta e produção de vida.

Para além da denúncia das desigualdades, essa perspectiva convoca à valorização dos saberes produzidos nesses territórios e ao reconhecimento de suas formas próprias de organização como fundamentais para a construção de projetos societários que questione o projeto capitalista, colonial, racista e misógino que vivemos.

Quando analiso a formação sócio histórica do território de Guaianases, especialmente do Lajeado Velho, consigo demonstrar como a história deste bairro está profundamente atravessada pelas dinâmicas da colonialidade, do racismo estrutural e das políticas de apagamento da memória. Ao passo que trago para o centro da análise a narrativa de organização das mulheres e mulheres negras, pavemento um novo caminho para a defesa desse território enquanto um espaço que não pode ser reduzido apenas à escassez e precariedade da vida, mas deve ser reconhecido como um espaço vivo de produção de memória, identidade e resistência.

A noção de “micro-África” se apresenta, como uma chave interpretativa potente, permitindo compreender o território para além de sua dimensão geográfica, reconhecendo-o como espaço de reprodução de saberes, práticas culturais e formas de vida herdadas da diáspora africana. Essa perspectiva rompe com a lógica da história única e evidencia as múltiplas camadas que compõem o cotidiano do bairro, especialmente a partir das experiências das mulheres negras.

A experiência das mulheres do Lajeado Velho, na conquista do usucapião de suas moradias e a atuação em coletivos como o “Abre os Olhos Companheira” que viabilizou a implantação da Casa Viviane dos Santos, demonstra que o território é também um campo de disputa política. Suas trajetórias revelam que, diante da ausência do Estado e da violência institucional, são elas que constroem redes de

solidariedade, redefinem o sentido de ocupação e transformam o território em espaço de cuidado e produção de vida. Dessa forma, o Lajeado se afirma como um território negro que, embora marcado por profundas desigualdades, carrega em sua história e em suas práticas cotidianas uma potente tradição de luta e organização.

Trago a Casa Viviane dos Santos na minha pesquisa por compreender que este espaço não pode ser visto apenas como um equipamento socioassistencial, mas como expressão concreta do quilombamento contemporâneo, que nasce da organização política de mulheres, majoritariamente negras, que transformaram dor em luta e ausência do Estado em mobilização coletiva. Inspiradas na concepção de quilombo como espaço de existência, resistência e produção de vida, conforme aponta Beatriz Nascimento (Nascimento, 2018, p. 190). Essas mulheres construíram um território de acolhimento, enfrentamento e reinvenção das relações sociais em meio às múltiplas violências que atravessam seus cotidianos.

Dessa forma, esta pesquisa se insere nesse movimento, reconhecendo que os territórios negros são espaços de produção de vida, onde mulheres negras protagonizam práticas transformadoras que tencionam as estruturas de opressão e constroem, cotidianamente, caminhos possíveis para o bem viver.

Percorrer as memórias, narrativas e práticas das mulheres da Horta Comunitária da Vila Nancy tornou possível compreender que o que se produz naquele território ultrapassa a dimensão material do cultivo da terra. Trata-se de um processo contínuo de (re) existência, no qual as tecnologias ancestrais se atualizam como estratégias concretas de enfrentamento às desigualdades impostas pela lógica capitalista, racista e patriarcal.

A horta se revela, portanto, como um território vivo de produção de cuidado, onde a ancestralidade não é apenas evocada como passado, mas experienciada no presente, nas relações, nos saberes compartilhados e na construção coletiva da vida. As práticas desenvolvidas por Dona Elena, Estefânia e Amires marca como o cuidado, nesse contexto, se estrutura a partir da coletividade, da oralidade e da conexão com a natureza, reafirmando princípios que dialogam com o Ubuntu e com perspectivas contracoloniais de Bem Viver.

A pandemia de Covid-19 escancarou as fragilidades estruturais produzidas historicamente pelo racismo, pelo capitalismo e pelo patriarcado. Foi nesse período que as tecnologias ancestrais se mostraram ainda mais potentes, garantindo acesso a alimentos, ervas medicinais e, sobretudo, acolhimento comunitário em um cenário

de abandono estatal. Assim, a horta não apenas respondeu a uma crise sanitária, mas reafirmou um modo de organização social baseado na solidariedade e autonomia, ainda que relativa, pois estamos inseridas em um sistema que não nos permite viver plenamente.

As práticas desenvolvidas por Dona Elena, Amires e Estefânia, também, demonstram que o cuidado ancestral não é uma abstração, mas uma tecnologia viva, acionada no cotidiano como resposta às crises. Seja na produção e distribuição de alimentos, no manejo de ervas medicinais, no acolhimento emocional ou na manutenção de vínculos comunitários, essas mulheres reconfiguram o território e produzem saúde em sua dimensão mais ampla. Nesse sentido, a horta não se limita a um espaço produtivo, mas se consolida como um território de cura, de memória e de reconstrução da vida coletiva.

Assim, a Horta Comunitária da Vila Nancy pode ser compreendida como um quilombo contemporâneo, onde se entrelaçam passado, presente e futuro, e onde germinam não apenas alimentos, mas também saberes, afetos e possibilidades de um outro projeto de sociedade — mais justo, coletivo e enraizado na dignidade da vida.

As experiências de Dona Elena, Amires e Estefânia evidenciam que o contato com a terra reativa dimensões profundas da ancestralidade, promovendo cuidado que atravessa o corpo, a mente e o coletivo, especialmente em contextos de crise como o vivido durante a pandemia.

Mesmo diante das limitações impostas pela precarização das políticas públicas e pelas condições materiais de vida, essas mulheres seguem produzindo encontros, saberes e afetos. A horta, nesse sentido, permanece como um lugar de retorno — ao “quintal de vó”, às memórias que sustentam a existência — e também como um ponto de partida para novas formas de viver e pensar o território.

As narrativas aqui apresentadas demonstram que semear, cuidar e compartilhar são práticas que extrapolam o fazer agrícola: são ações políticas, contracoloniais, que afirmam outras epistemologias e reposicionam as mulheres negras como produtoras de conhecimento.

Ao trazer esses saberes para dentro da universidade, tenciono o próprio campo acadêmico, afirmando que há ciência, há método e há teoria nas práticas cotidianas das mulheres negras periféricas. Essas mulheres negras, ao articularem memória, ancestralidade e práticas agroecológicas, constroem caminhos possíveis para a

transformação social, ressignificando o uso da terra e fortalecendo redes de cuidado que sustentam a vida cotidiana.

Por fim, concluo com essa dissertação que as mulheres negras produzem novas epistemologias a partir dos saberes ancestrais e seu contato com o território. O manejo das ervas e a produção de alimentos foram pontos cruciais para que os moradores da Vila Nancy pudessem atravessar a pandemia sem perdas ainda maiores, a horta foi um respiro de vida durante o período sombrio de morte.

Aqui afirmo que essa experiência me trouxe mais hipóteses, que podem ser analisadas em produções futuras, acredito que as mulheres negras com incidências em espaços coletivos transformam as sociabilidades, a forma de viver no território que ocupam, além de demonstrar com suas ações coletivas a ausência do Estado e como essas ações também são formas de denúncias. A experiência dessas mulheres é uma posição contracolonial do apagamento da existência negra e seus saberes, assim, como representa a possibilidade de outras formas de produção de vida em territórios negros.

E, assim, voltamos ao começo, pois é com as tecnologias ancestrais, que estão sendo passadas de geração a geração por essas mulheres negras, que vamos organizar nossas lutas por uma outra ordem societária, retomar nossa relação com a natureza e criar nossas estratégias para enfrentar as políticas coloniais do apagamento da memória e soterramento dos nossos símbolos e lutas.

5. REFERÊNCIAS

ADÃO, Claudia Rosalina. **Territórios de vida**: resistências, existências e produção de cuidado por mulheres negras. 2023. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

AGÊNCIA MURAL. **População em São Paulo**: zona leste perde moradores e zona sul ganha. Agência Mural, 2024. Disponível em: <https://agenciamural.org.br/populacao-em-sao-paulo-por-distrito-zona-leste-perde-moradores-e-zona-sul-ganha/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

ASSOCIAÇÃO DE AGRICULTORES DA ZONA LESTE. **Quem somos**. Disponível em: <https://agricultoreszonaleste.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

BENTO, Cida. **Pacto da branquitude**: a branquitude e o racismo no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BERTH, Joice. **Se essa cidade fosse nossa?** Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2023.

BISPO, Nego. **Terra dá terra quer**: a luta pela terra e a resistência negra no Brasil. São Paulo: Editora Ubu, 2023.

BRASIL. **Lei nº 10.778**, de 24 de novembro de 2003. Dispõe sobre notificação compulsória de violência contra a mulher. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10.778.htm. Acesso em: 20 abr. 2025.

BRASIL. **Lei nº 13.931**, de 10 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a notificação compulsória de casos de violência contra a mulher. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13931.htm. Acesso em: 20 abr. 2025.

BRINGEL, Breno; VARELLA, Renata Versiani Scott. A pesquisa militante na América Latina hoje: reflexões sobre as desigualdades e as possibilidades de produção de conhecimentos. **Revista Digital de Direito Administrativo**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 3, p. 474-489, 2016. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rdda/es/article/view/115609>.

CAMTRA. **Relembrar para não esquecer**: primeira vítima da Covid-19 no Brasil foi uma empregada doméstica. Disponível em: <https://camtra.org.br/index.php/2021/02/26/relembrar-para-nao-esquecer-primeira-vitima-de-covid-19-no-brasil-foi-uma-empregada-domestica/>. Acesso em: 2 jun. 2025.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA GUAIANÁS. Início. **CPDOC Guaianás**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://cpdocguaianas.com.br/>. Acesso em: 16 mar. 2026.

COMBATE ÀS DESIGUALDADES. **Observatório Brasileiro das Desigualdades**. Disponível em: <https://combateasdesigualdades.org/observatorio-brasileiro-das-desigualdades/>. Acesso em: 25 nov. 2024.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

DINIZ, Rodrigo Aparecido. **Territórios, classes e experiências**: as dobraduras do espaço e tempo nas trajetórias de vida. 2021. Dissertação (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

EURICO, Márcia Campos. **Nota técnica sobre o trabalho de assistentes sociais e a coleta do quesito raça/cor/etnia**. Brasília: Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), nov. 2022. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/arquivos/nota-tecnica-raca-cor-2022-nov.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2026.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2019.

FREUD, Sigmund. **Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. 50. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

FUNDO BRASIL DE DIREITOS HUMANOS. **Mães em Luto da Zona Leste**. [S. l.]: Fundo Brasil de Direitos Humanos. Disponível em: <https://www.fundobrasil.org.br/projeto/maes-em-luto-da-zona-leste/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

G1. **Filha da primeira vítima de Covid no Brasil perdeu os avós e dois tios com a doença após a morte da mãe**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/08/19/filha-da-primeira-vitima-de-covid-no-brasil-perdeu-os-avos-e-dois-tios-com-a-doenca-apos-a-morte-da-mae.ghtml>. Acesso em: 2 jun. 2025.

Gabrielli, Ligia. **Insegurança alimentar atinge 12,5% da população em São Paulo, aponta estudo da Unifesp**. DCI Unifesp - Assessoria de Imprensa e Jornalismo, São Paulo, 29 out. 2024. Disponível em: <https://dci.unifesp.br/assessoria-de-imprensa-e-jornalismo/releases/inseguranca-alimentar-populacao-sao-paulo> Acesso em: 11 mar. 2026.

GARCIA, Jefferson. **Racismo, capital e emancipação**. São Paulo: Editora ICP, 2022.

GOES, Weber Lopes. **Racismo e eugenia na formação social brasileira**. In: EURICO, Márcia; PROCÓPIO, Ana Paula; LIDUINA; GOUVEIA, Raquel (org.). Antirracismo e serviço social. São Paulo: Cortez, 2020. p. 25 - 37.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Disponível em: http://www.ser.puc-rio.br/2_Gonzalez_Lelia.pdf. Acesso em: 10 mar. 2026.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Guaianases faz 158 anos**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://capital.sp.gov.br/web/guaianases/w/noticias/93458>. Acesso em: 26 nov. 2024.

HOOKS, bell. **Pertencimento: uma cultura do lugar**. Tradução de Renata Balbino. São Paulo: Editora Elefante, 2021.

KOGA, Dirce Harue Ueno; DINIZ, Rodrigo Aparecido. **Passagens e abordagens pela cidade: entre territórios e territorialidades**. In: PAZ, Rosângela; ARREGUI, Carola (org.). Trabalho social, territórios e moradia: a construção do direito à cidade. São Paulo: Veras, 2018. p. 81–97.

LUGONES, Maria. **Colonialidade e gênero**. Tabula Rasa, Bogotá, n. 9, p. 73–101, jun./dez. 2008.

MARTINELLI, Maria Lúcia; DINIZ, Rodrigo. **Serviço Social e História Oral: pesquisa e intervenção profissional**. São Paulo: Cortez, 2019.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Como se deve escrever a história do Brasil**. [S. l.: s. n.], 1845. Disponível em: <https://biosphera21.net.br/CRONOS/1801-1847/AMERICA/BRASIL/1845-VON%20MARTIUS,%20Como%20se%20deve%20escrever%20a%20hist%C3%B3ria%20do%20Brasil.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2025.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MOURA, Clóvis. **Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo**. Afro-Ásia, n. 14, 1983.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Diásporas Africana, 2018.

NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade 2021: tabelas**. São Paulo: Rede Nossa São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2021/10/Mapa-Da-Desigualdade-2021_Tabelas.pdf. Acesso em: 20 jun. 2025.

OPAS. **Histórico da emergência internacional COVID-19**. Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19>. Acesso em: 2 jun. 2025.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Programa Operação Trabalho**. São Paulo: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Trabalho, 2025. Disponível

em:

https://prefeitura.sp.gov.br/web/desenvolvimento/w/cursos/operacao_trabalho/610. Acesso em: 13 mar. 2026.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO. **Pesquisa censitária da população em situação de rua, caracterização socioeconômica da população em situação de rua e relatório temático de identificação das necessidades desta população na cidade de São Paulo**. São Paulo, 2024. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Produtos/Produto%209_S MADS_SP.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. In: GIL, Isaias; GOUVÊA, Roberto (orgs.). *Racismo e desigualdade no Brasil contemporâneo*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2005. p. 47-64.

RATTZ, Alex. **Eu sou atlântica**: lugares e rotas de Beatriz Nascimento. 2. ed. São Paulo: Oralituras, 2025

ROYAL COLLEGE OF PSYCHIATRISTS. **Francis Galton**. [S. l.]: Royal College of Psychiatrists, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://www.rcpsych.ac.uk/news-and-features/blogs/detail/history-archives-and-library-blog/2023/02/22/francis-galton>. Acesso em: 20 jun. 2025.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Editora Edusp, 2020.

SILVA, Eduardo; CARVALHO, Gabriela. 15 distritos de São Paulo com mais moradores negros ficam nas periferias da cidade. **Terra**, 25 nov. 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/visao-do-corre/15-distritos-de-sao-paulo-com-mais-moradores-negros-ficam-nas-periferias-da-cidade,98a6137e5dfc3dfce49c8e49c88fca241m46bzmv.html>. Acesso em: 20 abr. 2025.

SILVA, Emilia Jomalinis de Medeiros. **O supermercadismo carioca e a sócio-espacialidade do varejo alimentar na capital fluminense**. 2019. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. **Negros em Guaianases**: cultura e memória. 2016. 146 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

SOUTO, Stéfane. É tempo de aquilombar: da tecnologia ancestral à produção cultural contemporânea. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 142–159, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/44151/25350>. Acesso em: 10 mar. 2026.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

TATE, Claudia. **Mulheres negras e escritoras**. Barueri: DarkSide Books, 2019.

VALENTE, Rubens. No mapa do coronavírus na cidade de São Paulo, a periferia lidera as mortes e as mulheres adultas são as mais infectadas. **El País Brasil**, São Paulo, 18 abr. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-18/no-mapa-do-coronavirus-na-cidade-de-sao-paulo-a-periferia-lidera-as-mortes-e-as-mulheres-adultas-sao-as-mais-infectadas.html>. Acesso em: 20 jun. 2025.

VERASZTO, Estéfano Vizconde; SILVA, Dirceu da; MIRANDA, Nonato Assis; SIMON, Fernanda Oliveira. **Tecnologia**: buscando uma definição para o conceito. **PRISMA.COM**, Porto, n. 8, p. 19–46, 2009. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2065/1901>. Acesso em: 10 mar. 2026.

6. ANEXO 1 – Formulário de pesquisa “Abre os olhos companheiras”

96-10 **07.02.03**

**Instrumental de Pesquisa sobre a situação doméstica da mulher
no Distrito Lajeado**

Residência
Vila ou Jardim Vila Galvada José Eusto Redentor **OK!**

A) Dados gerais

1) Idade 15 anos

2) Situação civil atual
Casada (civil e/ou religioso) ()
Amasiada ()
Separada de fato ()
Divorciada ()
Viúva ()
Nunca casada
Outros _____

3) Quantas pessoas vivem em sua casa?
5

4) Com quem reside atualmente?
Com o companheiro e os filhos ()
Com o companheiro, os filhos e outros familiares ()
Com os filhos, sem companheiro ()
Com os pais ou outros parentes
So com companheiro ()
Sozinha ()

B) História da mulher

5) Nacionalidade
Brasileira
Outros países _____

6) Naturalidade
São Paulo/Capital ()
Grande São Paulo ()
Interior de São Paulo ()
Outro Estado M. G. Minas Gerais

7) Etnia (raça)
Negra ()
Morena ()
Índia ()
Branca ()
Outro Amasada

8) Origem
Campo ()
Cidade pequena
Cidade grande ()

9) Você estudou até que série?
Ensino fundamental
1a série ()
2a série ()
3a série ()
4a série ()
5a série ()
6a série ()
7a série ()
8a série
Ensino médio (colegial)
1a série ()
2a série ()
3a série ()
Ensino superior (faculdade) ()
Alfabetização dos adultos ()
Não estudou ()

10) Você está desempregada?
Sim
Não ()

11) Se não está desempregada, qual é a sua ocupação (profissão ou trabalho)
Do lar ()
Empregada doméstica ()
Ajudante geral ()
Costureira ()
Educadora/professora ()
Autônoma ()
Agente de saúde ()
Estudante
Cozinheira ()
Funcionária pública ()
Aposentada ()
Outros _____

12) Renda Mensal da mulher
Não tem
Instável/precária ()
Menos que 1 S.M. ()
De 1 a 2 S.M. ()
De 2 a 3 S.M. ()
De 3 a 4 S.M. ()
De 4 a 5 S.M. ()
Mais que 5 S.M. ()

1

Digitalizado com CamScanner

Documento cedido pela equipe da Casa Viviane dos Santos, onde está guardada toda documentação que marca o movimento das mulheres pela abertura de um serviço voltado para o atendimento de mulheres no bairro.

13) Numero de Filhos _____

Numero de Filhas _____

14) Filiação dos filhos

- Mesmo pai ()
 Pais (homens) diferentes ()

15) Mãe solteira?

- Sim ()
 Não ()

16) Problemas de Saúde

- Sim ()
 Não ()

Se sim, quais?

- Respiratorios ()
 Cardíacos ()
 Gastricos ()
 Osseos ()
 Ginecologicos ()
 Venéreos ()
 Neurológicos ()
 Psicológicos/
 psiquiátricos ()
 Outros Artrite

C) Família atual

17) Moradia

- Barraco ()
 Alvenaria ()

18) Nº de Cômodos 4

19) Condição da moradia

- Alugada ()
 Ocupada ()
 Própria ()
 Cedida ()
 Solidária ()
 Cortiço ()

20) Como você considera sua moradia?

- Ótima ()
 Boa ()
 Razoável ()
 Ruim ()

21) Renda Mensal da família

- Não tem ()
 Instável/precaria ()
 Menos que 1 S.M. ()
 Até 1 S.M. ()
 De 1 a 2 S.M. ()
 De 2 a 3 S.M. ()
 De 3 a 4 S.M. ()
 De 4 a 5 S.M. ()
 Mais que 5 S.M. ()

22) Seu companheiro esta desempregado?

- Sim ()
 Não ()

23) Se não esta desempregado, qual è a ocupação (profissão ou trabalho) dele?

- Ajudante geral ()
 Autonomo ()
 Pedreiro ()
 Motorista ()
 Metalurgico ()
 Operador de maquinas ()
 Segurança ()
 Eletricista ()
 Cozinheiro/garçom ()
 Mecanico ()
 Pintor ()
 Do lar ()
 Funcionario público ()
 Gráfico ()
 Professor ()
 Tecnico ()
 Trabalhador rural ()
 Outros _____

24) Escolaridade do companheiro atual

- Ensino fundamental
 1a série ()
 2a série ()
 3a série ()
 4a série ()
 5a série ()
 6a série ()
 7a série ()
 8a série ()
 Ensino médio (colegial)
 1a série ()
 2a série ()
 3a série ()
 Ensino superior
 (faculdade) ()
 Alfabetização
 dos adultos ()
 Não estudou ()

25) O que cada pessoa da família faz?

	Mulher	Homem	Filha	Filho
Cozinhar			<input checked="" type="checkbox"/>	
Lavar			<input checked="" type="checkbox"/>	
Passar			<input checked="" type="checkbox"/>	
Limpar a casa		<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	
Trabalhar fora		<input checked="" type="checkbox"/>		
Fazer compras		<input checked="" type="checkbox"/>		
Dirigir o carro				
Cuidar dos filhos ou irmãos			<input checked="" type="checkbox"/>	
Curtir o lazer				
Atividades religiosas				
Amizades	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>	<input checked="" type="checkbox"/>

26) Alguém é dependente de bebida alcoólica?

Sim
 Não

27) Alguém é usuário de drogas?

Sim
 Não

28) Tem filhos com o atual companheiro?

Sim
 Não
 Quantos filhos?
 Quantas filhas?

29) Seu companheiro divide com você a responsabilidade na educação dos filhos?

Sim
 Não

30) Nos últimos 2 anos vocês brigaram e brigam por causa da criação dos filhos?

Freqüentemente
 Algumas vezes
 Raramente
 Nunca

D) Dificuldades relativas a falta de respeito, humilhações e maus tratos

31) Se durante os últimos 2 anos você sofreu algum tipo de humilhação e maus tratos de algum homem, de que tipo?

Física

Empurrões
 Socos
 Ponta-pés
 Beliscões
 Mordida
 Puxão de cabelo
 Enforcamento
 Queimadura
 Ameaça com faca/arma de fogo
 Cárcere particular
 Outros _____

Sexual

Assédio sexual
 Sexo forçado
 Agressão aos órgãos genitais
 Negação de proteção sexual contra DST
 Sexo acompanhado de palavras ofensivas
 Outros _____

Psicológica

Ameaça de violência
 Ameaça de matar
 Ameaça se matar
 Grita
 Xingar (vaca, galinha, louca, burra, vagabunda, etc.)
 Controla horários
 Proíbe amizades
 Proíbe estudar
 Proíbe trabalhar
 Proíbe certas roupas
 Calúnia/Difamação
 Espanca os filhos
 Força um dos filhos a acompanhar sempre a mãe
 Foge e rapta os filhos
 Outros _____

Social

- Salário diferente para o mesmo cargo ()
- Exigência de boa aparência ()
- Exigência de atestado de laqueadura ou exame de gravidez ()
- Assédio sexual pelo chefe ()
- Discriminar por conta da etnia (raça) ()
- Discriminar por seu posicionamento político ou religioso ()
- Outros _____ ()

32) De quem você sofreu essas humilhações e maus tratos?

- Pai
- Padrasto ()
- Companheiro ()
- Namorado ()
- Filho ()
- Irmão ()
- Outro parente ()
- Chefe ()
- Conhecido (amigo) ()
- Desconhecido ()
- Outro _____ ()

33) O que você faz diante da humilhação sofrida?

- Choro e me conformo ()
- Desabafo com as amigas ()
- Brigo com ele ()
- Tomo remédio ()
- Bebo para esquecer ()
- Vou para a delegacia ()
- Peço ajuda aos vizinhos ()
- Defendo-me agredindo-o fisicamente ()
- Distraio-me trabalhando (fora ou em casa)
- Acho que o relacionamento conjugal é assim mesmo ()
- Entro em depressão
- Penso em me matar
- Peço pela oração que Deus mude esta situação
- Outros _____ ()

34) Você já sofreu humilhações, maus tratos ou violências de algum homem ?

- Sim
- Não ()

35) Que tipo de humilhações, maus tratos ou violências ?

- Física
- Sexual ()
- Psicológica ()
- Social ()

36) De quem?

- Pai
- Padrasto ()
- Companheiro ()
- Namorado ()
- Filho ()
- Irmão ()
- Outro parente ()
- Chefe ()
- Conhecido (amigo) ()
- Desconhecido ()
- Outro _____ ()

37) Se você sofreu violências, tem algum problema de saúde por causa delas?

- Sim
- Não ()

Quais ?

- Respiratórios ()
- Cardíacos ()
- Gástricos ()
- Osseos
- Ginecológicos ()
- Veneres ()
- Neurológicos
- Psicológicos
- Outros _____ ()

E) Dificuldades no relacionamento do casal

38) Se você sofreu violência por parte do companheiro, quais são os motivos que provocaram esse comportamento por parte dele?

- Ele me acusa de não fazer bem os trabalhos do lar ()
- Não concordamos na educação dos filhos ()
- Ele anda nervoso e estressado ()
- Ele impõe obrigações insuportáveis (de não sair de casa, encontrar os amigos, de trabalhar fora, etc.) ()
- Ele quer que eu o obedeça ()
- Ele não aceita ser criticado pela falta de dinheiro ()
- Ele bebe ()
- Ele usa droga ()
- Ele me considera afetivamente e sexualmente pouco disponível ()
- Ele me acusa de ter amante ()
- Ele dá mais atenção à filha adolescente do que para mim ()

39) Se você briga com seu companheiro, como você reage com seus filhos?

- Disfarço para não fazê-los sofrer ()
- Converso com eles sobre o que aconteceu ()
- Irrito-me com eles ()
- Mando eles para fora de casa para não presenciarem a briga ()
- Dou a eles mais atenção e carinho ()
- Mostro a eles a maldade do pai/padrasto ()
- Não há brigas na minha família, porem so discussoes ()
- Outros _____ ()

F) Humiliações e violência contra as mulheres na região do Lajeado de Guaianases

40) Você conhece alguma mulher que esta sofrendo humiliações e violências hoje?

- Sim
- Não ()

41) Quantas você conhece?

- 1 ()
- 2
- 3 ()
- 4 ou mais ()

42) Que tipo de humiliações e violências?

- Física
- Sexual ()
- Psicológica ()
- Social ()

43) Você acha que existem situações que justificam a humiliações e violências contra a mulher?

- Sim ()
- Não

44) Caso sim: por quais motivos?

- Se o homem acha que ela tem amante ()
- Se a mulher dá mais atenção aos filhos que ao companheiro ()
- Se a mulher não trabalha bastante em casa ()
- Se a mulher não obedece as vontades do homem ()
- Se a mulher tem ciúme da atenção que o homem dá à filha adolescente ()
- Se os pais não concordam na educação dos filhos ()
- Se o companheiro fica nervoso porque ele está desempregado ()
- Outros _____ ()

45) O que você acha que a mulher deve fazer numa situação de violência?

- Dialogar com o agressor
- Pedir ajuda a terceiros (vizinho, parente, etc.) ()
- Fazer de tudo para satisfazer o agressor ()
- Encaminhar para atividades religiosas ()
- Suportar com paciência ()
- Acabar com o relacionamento
- Denunciar à polícia
- Encaminhar para tratamento ()
- Outros _____ ()

46) Você conhece alguma entidade que trabalha para ajudar as mulheres que estão sofrendo violência e violação dos seu direitos ?

- Sim ()
- Não
- Qual ? _____

G) Reflexões finais

47) O que a sociedade/Estado deve fazer para erradicar esse tipo de violência?

Criar uma entidade para
ajudar as mulheres
que sofrem agressões

48) Que direitos a mulher tem?

Todos os direitos mas
direito que os homens

49) A igualdade significa que a mulher deve ser igual ao homem?

Sim tendo a diferença
de no lado

50) De que a mulher precisa para ser feliz?

Precisa de um mundo
sem pobreza sem
miséria e desemprego

51) Você acha que a mulher deve trabalhar fora do lar?

Sim
Não

Por quê?

Porque a mulher tem
que ser independente do
homem

52) Como seria uma família feliz nos limites da situação do país e desta periferia?

a família unida

53) Quais são os três seus principais desejos?

Que o mundo possa
ter paz, amor, harmonia
respeito pelo próximo

7. ANEXO 2 – Relatório da visita Horta Comunitária Vila Nancy A/c Associação de Amigos da Vila Nancy

A/C Guaraciaba Elena Aparecida

Nos dias 29 de junho, 07, 08 e 09 de julho de 2025 estive na Horta Comunitária da Vila Nancy para conversar sobre proposta de pesquisa com as mulheres negras que trabalham neste espaço, pensando a horta como um território fértil de produção de vida e cuidados, mas a pesquisa está voltada centralmente para como as mulheres, sobretudo mulheres negras modificam o espaço que ocupam e trazem nas suas narrativas a memória do bairro e a sabedoria dos seus ancestrais. Neste caso a horta é o cenário das entrevistas, mas a fala de cada mulher entrevistada é que o que irá ilustrar os estudos que pretendo fazer.

Saliento neste momento que as mulheres convidadas a participar desta pesquisa são pessoas com quem tenho relação há muitos anos, são atendidas no Centro de Defesa e Convivência da Mulher “Viviane dos Santos” onde trabalhei por onze anos, com exceção da sra. Elena que tive a possibilidade de conhecer em 2021 em um dos encontros que promovemos na horta.

Com o compromisso assumido com a Estefania, Amires e a sra. Elena envio este relatório das visitas que realizei para apresentação da pesquisa, elaboração do curta metragem que será apresentado na defesa final da dissertação do mestrado na PUC – SP, sendo este material audiovisual posteriormente cedido a associação de moradores da Vila Nancy para compor o acervo de documentos e memória sobre o trabalho realizado na horta, além da exibição gratuita nos serviços da rede socioassistencial e de saúde da cidade, com intuito de promover experiências como as desenvolvidas pelas mulheres na horta em outros espaços de São Paulo, bem como divulgar a horta junto à população do Lajeado/Guaianases.

Registro fotográfico abaixo:

Figura 39: Placa com QR Code que descreve o que há plantado em cada canteiro



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 25: Entrada da Horta Comunitária da Vila Nancy, registrado pela pesquisadora durante visita de campo



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 40: Salão da horta. Espaço que recebe os grupos que visitam a horta



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 41: Canteiro de flores



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 42: Almoço feito pelas mulheres da horta com Produtos colhidos dos canteiros



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 43: Canteiro de alface



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 44: Um coração na mão - contato com a natureza que vive na horta



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 45: Flor de Maracujá



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 46: Canteiro de PANC's - Planta peixinho



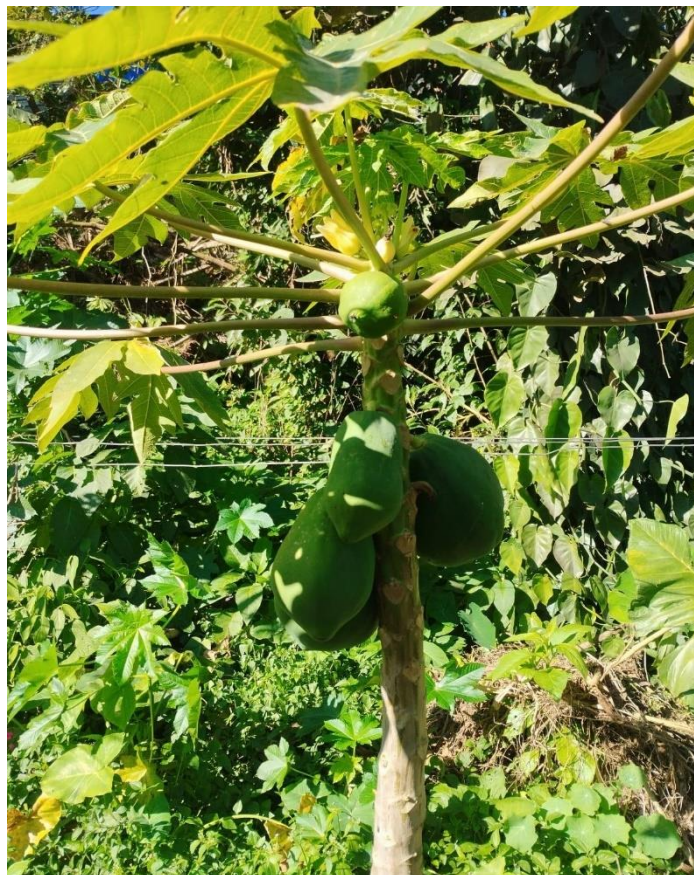
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 47: Canteiro de coentro



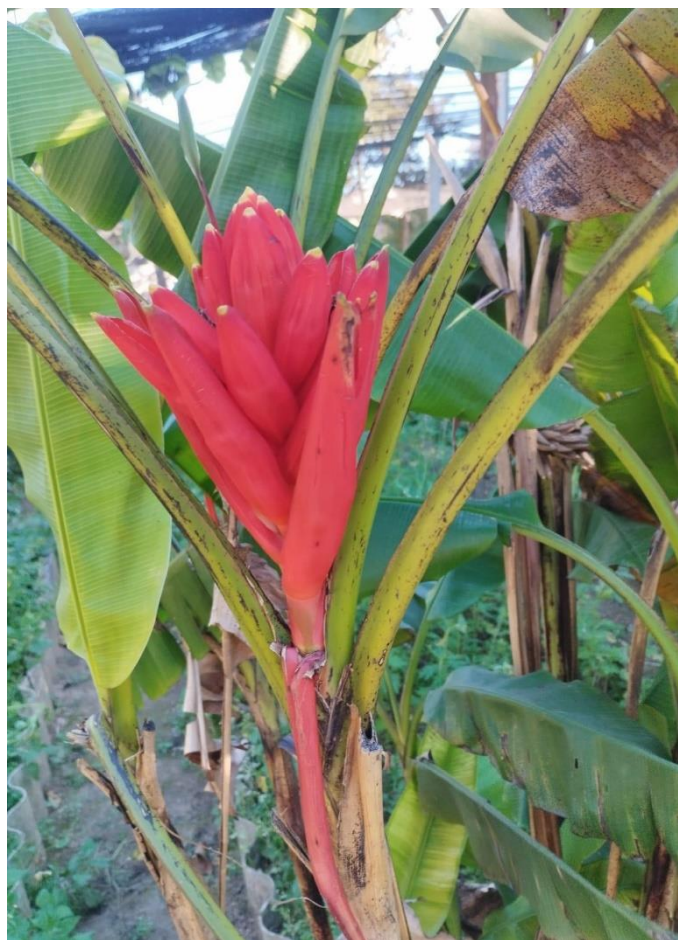
Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 48: Mamoneiras



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 49: Banana Nanicão



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 50: Árvore cerejeira



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 51: Bananeira



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 52: Mulheres da horta



Fonte: Acervo pessoal (2025).

Figura 53: Dona Elena no canteiro de couve



Fonte: Acervo pessoal (2025).

8. ANEXO 3 - ROTEIRO DE ENTREVISTA ABERTA

- Nome, idade, onde nasceu
- Como conheceu a horta?
- Como é ou foi sua história com este espaço? Tem ou teve alguma função específica com este espaço?
- Como são os momentos de encontro de mulheres na Horta?
- Qual a importância da horta neste espaço/ aqui no bairro?
- Já tive contato com outras hortas comunitárias? Onde? Como foi?
- Como você observa a ocupação dos espaços aqui no bairro?
- Existe diferença dessas ocupações do espaço e a ocupação através da horta?
- Como foi o uso do espaço da horta no período da pandemia?
- Neste espaço da horta você encontrou apoio no período da pandemia? Qual tipo de apoio?
- Nos encontros na horta durante o período da pandemia, sobre o que falavam?
- Como você viveu o período da pandemia? O contato com a horta fez diferença?
- Quais conhecimentos você adquiriu na horta e teve algo que pode ensinar para as demais mulheres de um conhecimento de outros encontros na vida?
- Qual seu desejo para o bairro?